

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

Cicero Kleandro Bezerra da Silva

**VARIAÇÃO DA CONCORDÂNCIA NOMINAL EM PRODUÇÃO ORAL E ESCRITA
DE ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO DE BELO JARDIM-PE:**
Assimetria entre fala e escrita?

Recife
2017

CICERO KLEANDRO BEZERRA DA SILVA

**VARIAÇÃO DA CONCORDÂNCIA NOMINAL EM PRODUÇÃO ORAL E ESCRITA
DE ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO DE BELO JARDIM-PE:**
Assimetria entre fala e escrita?

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação
em Letras, da Universidade Federal de Pernambuco,
como requisito parcial para a obtenção do grau de
Mestre em Letras - Área Linguística.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Cláudia Roberta Tavares Silva

Recife
2017

Catálogo na fonte
Bibliotecário Jonas Lucas Vieira, CRB4-1204

- S586v Silva, Cicero Kleandro Bezerra da
Variação da concordância nominal em produção oral e escrita de alunos do ensino fundamental e médio de Belo Jardim-PE: assimetria entre fala e escrita? / Cicero Kleandro Bezerra da Silva. – Recife, 2017.
132 f.: il., fig.
- Orientadora: Claudia Roberta Tavares Silva.
Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação. Letras, 2017.
- Inclui referências, apêndices e anexos.
1. Concordância nominal. 2. Variação. 3. Fala. 4. Escrita. I. Silva, Claudia Roberta Tavares (Orientadora). II. Título.

410 CDD (22.ed.)

UFPE (CAC 2017-131)

CÍCERO KLEANDRO BEZERRA DA SILVA

**VARIAÇÃO DA CONCORDÂNCIA NOMINAL EM PRODUÇÃO ORAL
E ESCRITA DE ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO DE
BELO JARDIM-PE: Assimetria Entre Fala e Escrita?**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco como requisito para a obtenção do Grau de Mestre em LINGUÍSTICA em 20/2/2017.

DISSERTAÇÃO APROVADA PELA BANCA EXAMINADORA:

Prof^a. Dr^a. Claudia Roberta Tavares Silva
Orientadora – LETRAS - UFPE

Prof. Dr. Marcelo Amorim Sibaldo
LETRAS - UFPE

Prof^a. Dr^a. Renata Livia de Araújo Santos
LETRAS - UFRPE

Recife
2017

À minha mãe, Helena da Silva (*in memoriam*),
que, embora não conhecesse o mundo da
leitura e da escrita, me conduziu e incentivou
nos primeiros passos da vida escolar,
concedendo seus maiores esforços maternos
para que eu tivesse acesso ao caminho do
saber.

AGRADECIMENTOS

Principalmente, a Jesus Cristo, que reconheço como Deus e Senhor da minha vida. Mediante minha fé, creio que todas as realizações e êxitos dependem de sua permissão.

Aos meus pais, a quem devo a vida, incentivo à formação escolar e caráter que tenho.

Aos meus irmãos, Katiane Kilma e Kildes, que sempre me apoiaram e torceram por minhas conquistas.

À minha orientadora, Cláudia Roberta Tavares Silva, que não apenas exerceu seu excelente papel de orientadora através de sua grande paciência frente às minhas dúvidas e lacunas sobre alguns saberes, mas também constituiu-se como referencial de dedicação, compromisso e profissionalismo, concedendo-me um legado de aspectos positivos, os quais contribuíram para a ampliação de minha trajetória acadêmica. Revelou-se também como um ser humano humilde que sempre está de braços abertos a auxiliar os que pretendem ampliar seus saberes. Agradeço, principalmente, pela honra de ser seu orientando.

À professora Renata Livia, por toda a generosidade em esclarecer dúvidas, sempre com prestatividade e simpatia, além do repasse de conhecimentos técnicos que, até então, eu não possuía.

Ao meu grande amigo e professor Marcelo Sibaldo (meu professor sapeca), que tem acompanhado minha vida acadêmica no mestrado, mostrando-se sempre disponível para a construção de conhecimentos. Sua presença sempre almejada não apenas por mim, mas por todos os seus alunos que conheço, estampa todas as minhas boas lembranças da universidade.

Ao meu anjo protetor, Edite Santos, que sempre me estendeu a mão com um largo sorriso em todos os momentos nos quais precisei de sua ajuda, assim como constituiu-se em uma grande amiga dos momentos de tristezas e vitórias, sempre disponível a meu ouvir e aconselhar.

Ao meu grande parceiro de pesquisa sociolinguística, Déreck Kássio, por sua generosidade imensurável no repasse de conhecimentos e experiências.

Ao meu grande amigo Herbertt Neves, também pela sua amizade, ajuda na transmissão de conhecimentos textuais, somados ao seu sorriso e olhar amigo em todos os momentos.

Aos meus professores de mestrado: Stella Teles, por sua simplicidade e sabedoria; Vicente Massip, por sua humildade; Joice Armani, por seu carisma e dinamismo e Alberto Poza, por suas instigantes questões dirigidas ao conhecimento científico no campo da linguística. Esses profissionais, além de concederem uma das maiores riquezas que o ser

humano pode conceder ao outro, que é o conhecimento, também me presentearam com sua amizade e virtudes próprias; nesse contexto, posso afirmar que não tive apenas professores, mas amigos especiais.

Aos amigos professores e alunos da Unidade Acadêmica de Serra Talhada, que conheci no período de minhas primeiras publicações e apresentações em eventos, guardo-os do lado esquerdo do peito.

Aos meus colegas de curso: Flávia Ramos, Alane Luma, Juciano, Paulo Eduardo, Iane Siqueira, Lucirley, dentre outros.

À prefeitura municipal do Belo Jardim, por reconhecer e conceder meu direito ao afastamento das atividades profissionais durante o período de mestrado nesses 2 anos, visando proporcionar-me maior qualificação para o campo de trabalho relacionado ao ensino.

À FACEPE, por financiar esta pesquisa.

RESUMO

Tomando como perspectiva teórica a Sociolinguística Variacionista (LABOV, 1972), o presente trabalho tem como objeto de estudo o fenômeno variável da concordância nominal na língua oral e escrita de alunos da cidade de Belo Jardim-PE, tendo como objetivos: a) analisar quais fatores linguísticos favorecem ou não a aplicação da regra dessa concordância na fala e na escrita desses alunos, b) verificar se fatores extralinguísticos contribuem para o aumento da aplicação dessa regra, c) comparar os resultados obtidos neste trabalho investigativo com os de outras pesquisas no campo da Sociolinguística Variacionista, tendo em mente a construção do perfil sociolinguístico dos educandos belo Jardimenses, e d) investigar se existe assimetria entre fala e escrita, tomando por base os percentuais e os resultados probabilísticos obtidos. Na análise dos percentuais e resultados probabilísticos, comparamos nossos resultados com os de outros estudos realizados no Brasil, principalmente os de Scherre (1988) que se constitui em um dos estudos pioneiros sobre a concordância nominal no Brasil. Os dados foram coletados através de entrevistas (modalidade oral) e de produções de narrativas realizadas pelos alunos (modalidade escrita). Os dados que compõem os *corpora* foram codificados consoante às seguintes variáveis: (i) linguísticas (classe gramatical, posição do elemento no sintagma, marcas precedentes e saliência fônica) e (ii) extralinguísticas (grau de escolaridade, faixa etária, sexo e tipo de escola). Esses dados foram coletados em uma escola municipal (4º, 5º, 6º e 9º ano do Ensino Fundamental), particular (4º, 5º, 6º, 9º ano do Ensino Fundamental/ 1º e 3º ano do Ensino Médio) e estadual (1º e 3º ano do Ensino Médio), tendo participado da pesquisa 144 alunos da cidade de Belo Jardim-PE, localizada no Agreste Pernambucano. Os resultados revelam, com base nos 14.246 sintagmas nominais na língua falada e 3.373 da língua escrita, que, em geral, a aplicação da regra de concordância nominal foi maior na língua escrita do que na língua falada, havendo o favorecimento de fatores linguísticos e extralinguísticos.

Palavras-chave: Concordância Nominal. Variação. Fala. Escrita.

ABSTRACT

Based on the theoretical perspective of Variationist Sociolinguistics (LABOV, 1972), the present work aimed to study the phenomenon of variable nominal agreement in the oral and written language of students from the city of Belo Jardim, Pernambuco, Brazil. Our objectives are: a) to analyze which linguistic factors encourage the students to apply, or not, this agreement rule in their speech and writing, b) to verify if extralinguistic factors contribute to the increased application of this rule, c) to compare the results of this investigative work with those of other research in the field of Variationist Sociolinguistics, bearing in mind the construction of the sociolinguistic profile of the students of Belo Jardim, and d) to investigate if there is asymmetry between speech and writing, based on the percentages and the obtained probabilistic results. By analyzing the percentages and probabilistic results, we compared our results with those of other studies conducted in Brazil, mainly Scherre's (1988) who conducted one of the groundbreaking studies on nominal agreement in Brazil. The data were collected through interviews (oral mode) and narrative productions made by students (writing mode). The data that make up the *corpora* were encoded according to the following variables: (i) linguistic (part of speech, position of the element in the phrase, previous marks and phonic prominence) and (ii) extralinguistic (educational level, age group, sex and type of school). These data were collected in a municipal school (4th, 5th, 6th and 9th elementary school grades), a private school (4th, 5th, 6th, and 9th elementary school grades/1st and 3rd high school year grades) and a state school (1st and 3rd high school grades), with 144 students from the city of Belo Jardim, located in the inland of the state of Pernambuco, participating. Based on 14,246 noun phrases in the spoken language and 3373 in the, written language, the results reveal that overall the application of the rule of nominal agreement was higher in the written language than in the spoken language, due to linguistic and extralinguistic factors.

Keywords: Nominal Agreement. Variation. Speech. Writing.

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – Variáveis selecionadas na pesquisa de Fiamengui (2011)	36
QUADRO 2 – Síntese dos estudos realizados sobre a concordância nominal no Brasil	38
QUADRO 3 – Dicotomia entre fala e escrita (KOCH; ELIAS, 2014).....	49
QUADRO 4 – Peso relativo relacionado à Classe Gramatical.....	71
QUADRO 5 – Peso relativo relacionado à Posição do Elemento no SN	72
QUADRO 6 – Peso relativo relacionado à Saliência Fônica	74
QUADRO 7 – Peso relativo relacionado às Marcas Precedentes	75
QUADRO 8 – Peso relativo relacionado à Faixa Etária	76
QUADRO 9 – Quantitativo geral dos dados relacionados à variável Sexo	78
QUADRO 10 – Peso relativo relacionado à Escolaridade	80
QUADRO 11 – Peso relativo relacionado ao Tipo de Escola.....	81
QUADRO 12 – Peso relativo relacionado à Classe Gramatical.....	84
QUADRO 13 – Quantitativo geral dos dados relacionados à variável Posição dos Elementos no SN	85
QUADRO 14 – Peso relativo relacionado à Saliência Fônica	87
QUADRO 15 – Peso relativo relacionado às Marcas Precedentes	89
QUADRO 16 – Peso relativo relacionado à Faixa Etária	90
QUADRO 17 – Peso relativo relacionado ao Sexo	92
QUADRO 18 – Peso relativo relacionado à Escolaridade	94
QUADRO 19 – Peso relativo relacionado ao Tipo de Escola.....	96
QUADRO 20 – Quantitativo geral dos dados na língua falada e escrita	102
QUADRO 21 – Fatores favorecedores da variante padrão na língua falada e na língua escrita.....	103

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 – Percentual de +CN e CN, tomando por base a Classe Gramatical	70
GRÁFICO 2 – Percentual de +CN e CN, tomando por base a Posição do Elemento no SN	72
GRÁFICO 3 – Percentual de +CN e CN, tomando por base a Saliência Fônica	73
GRÁFICO 4 – Percentual de +CN e CN, tomando por base as Marcas Precedentes	75
GRÁFICO 5 – Percentual de +CN e CN, tomando por base a Faixa Etária	76
GRÁFICO 6 – Percentual de +CN e CN, tomando por base o Sexo	78
GRÁFICO 7 – Percentual de +CN e CN, tomando por base a Escolaridade	80
GRÁFICO 8 – Percentual de +CN e CN, tomando por base o Tipo de Escola	81
GRÁFICO 9 – Percentual de +CN e CN, tomando por base a Classe Gramatical	83
GRÁFICO 10 – Percentual de +CN e CN, tomando por base a Posição do Elemento no SN	85
GRÁFICO 11 – Percentual de +CN e CN, tomando por base a Saliência Fônica	86
GRÁFICO 12 – Percentual de +CN e CN, tomando por base as Marcas Precedentes ..	88
GRÁFICO 13 – Percentual de +CN e CN, tomando por base a Faixa Etária	90
GRÁFICO 14 – Percentual de +CN e CN, tomando por base o Sexo	92
GRÁFICO 15 – Percentual de +CN e CN, tomando por base a Escolaridade	94
GRÁFICO 16 – Percentual de +CN e CN, tomando por base o Tipo de Escola	96
GRÁFICO 17 – Percentual de +CN e CN na língua falada	102
GRÁFICO 18 – Percentual de +CN e CN na língua escrita	102

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	14
1.1	QUADRO PANORÂMICO DO ESTUDO	19
1.2	SOBRE A ESTRUTURA DO SINTAGMA NOMINAL: BREVES INCURSÕES	19
1.3	REVISITANDO ALGUNS ESTUDOS SOCIOLINGÜÍSTICOS NO BRASIL	20
1.3.1	Estudo na língua falada	20
1.3.1.1	Região Sul	20
<i>1.3.1.1.1</i>	<i>Andrade (2003)</i>	20
<i>1.3.1.1.2</i>	<i>Lorengian-Penkal, Ribeiro & Ribeiro (2012)</i>	22
1.3.1.2	Região Sudeste	23
<i>1.3.1.2.1</i>	<i>Scherre (1988)</i>	23
<i>1.3.1.2.2</i>	<i>Santos (2011)</i>	26
1.3.1.3	Região Norte	27
<i>1.3.1.3.1</i>	<i>Carvalho (1997)</i>	27
<i>1.3.1.3.2</i>	<i>Martins (2010)</i>	28
1.3.1.4	Região Nordeste	29
<i>1.3.1.4.1</i>	<i>Lemos (2010)</i>	29
<i>1.3.1.4.2</i>	<i>Sedrins, Siqueira & Santos (2015)</i>	30
1.3.1.5	Região Centro-Oeste	31
<i>1.3.1.5.1</i>	<i>Pereira (2008)</i>	31
1.3.2	Estudo na língua escrita	33
1.3.2.1	Região Sul	33
<i>1.3.2.1.1</i>	<i>Christino & Silva (2012)</i>	33
1.3.2.2	Região Sudeste	34
<i>1.3.2.2.1</i>	<i>Mariano (2013)</i>	34
1.3.3	Estudo na língua falada e escrita	36
1.3.3.1	Fiamengui (2011)	36
1.3.4	Quadro-síntese dos estudos	38
1.4	OBJETIVOS	40
1.4.1	Geral	40

1.4.2	Específicos	41
1.5	QUESTÕES E HIPÓTESES DE TRABALHO	41
1.5.1	Questões	41
1.5.1.1	Sobre as variáveis linguísticas.....	41
1.5.1.2	Sobre as variáveis extralinguísticas.....	41
1.5.2	Hipóteses.....	42
1.5.2.1	Sobre as variáveis linguísticas.....	42
1.5.2.2	Sobre as variáveis extralinguísticas.....	42
2	QUADRO TEÓRICO METODOLÓGICO	44
2.1	QUADRO TEÓRICO	44
2.1.1	Sobre a língua falada e a língua escrita.....	48
2.1.1.1	Breves incursões	48
2.1.1.2	A relação entre fala e escrita	50
2.2	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	52
2.2.1	Método utilizado	53
2.2.1.1	Método de abordagem	53
<i>2.2.1.1.1</i>	<i>Método indutivo</i>	<i>53</i>
2.2.1.2	Método de procedimento	54
<i>2.2.1.2.1</i>	<i>Método comparativo</i>	<i>54</i>
<i>2.2.1.2.2</i>	<i>Método estatístico</i>	<i>54</i>
2.2.2	O cenário geográfico, econômico-cultural e educacional da cidade escolhida	55
2.2.2.1	Aspectos geográficos	55
2.2.2.2	Aspectos econômico-culturais	57
2.2.2.3	Aspectos educacionais.....	57
2.2.3	A população pesquisada.....	58
2.2.4	A coleta de dados	60
2.2.5	A constituição dos <i>corpora</i>	62
2.2.6	Variáveis selecionadas e codificação de dados.....	63
2.2.7	A análise quantitativa dos dados.....	66
2.3	PANORAMA SÓCIO-ECONÔMICO-CULTURAL DOS DISCENTES BASEADO NAS ENTREVISTAS E FICHAS SOCIAIS	68

3	ANÁLISE DOS DADOS DA LÍNGUA FALADA	70
3.1	VARIÁVEIS LINGUÍSTICAS	70
3.1.1	Variável Classe Gramatical.....	70
3.1.2	Variável Posição do Elemento no SN	72
3.1.3	Variável Saliência Fônica	73
3.1.4	Variáveis Marcas Precedentes	74
3.2	VARIÁVEIS EXTRALINGUÍSTICAS	76
3.2.1	Variável Faixa Etária	76
3.2.2	Variável Sexo	77
3.2.3	Variável Escolaridade	79
3.2.4	Variável Tipo de Escola.....	81
4	ANÁLISE DOS DADOS DA LÍNGUA ESCRITA	83
4.1	VARIÁVEIS LINGUÍSTICAS	83
4.1.1	Variável Classe Gramatical.....	83
4.1.2	Variável Posição do Elemento no SN	85
4.1.3	Variável Saliência Fônica	86
4.1.4	Variável Marcas Precedentes	88
4.2	VARIÁVEIS EXTRALINGUÍSTICAS	90
4.2.1	Variável Faixa Etária	90
4.2.2	Variável Sexo	91
4.2.3	Variável Escolaridade	93
4.2.4	Variável Tipo de Escola.....	96
5	ANÁLISE COMPARATIVA DOS DADOS DA LÍNGUA	
	FALADA COM OS DADOS DA LÍNGUA ESCRITA	98
5.1	PALAVRAS INICIAIS: GÊNEROS TEXTUAIS ORAIS E ESCRITOS	98
5.2	CÔMPUTO GERAL DOS RESULTADOS DA LÍNGUA	
	FALADA E DA LÍNGUA ESCRITA	102
5.3	SOBRE OS FATORES FAVORECEDORES DA VARIANTE	
	PADRÃO E NÃO-PADRÃO NA LÍNGUA FALADA E NA	
	LÍNGUA ESCRITA.....	103
5.3.1	Comparativo no âmbito da variável Faixa Etária.....	104

5.3.2	Comparativo no âmbito Sexo.....	105
5.3.3	Comparativo no âmbito da variável Escolaridade	105
5.3.4	Comparativo no âmbito da variável Tipo de Escola.....	105
5.3.5	Comparativo no âmbito da variável Classe Gramatical.....	106
5.3.6	Comparativo no âmbito da variável Posição do Elemento no SN	106
5.3.7	Comparativo no âmbito da variável Saliência Fônica	107
5.3.8	Comparativo no âmbito da variável Marcas Precedentes	107
CONSIDERAÇÕES FINAIS		108
REFERÊNCIAS		110
ANEXOS		115
ANEXO 1.....		116
ANEXO 2.....		118
ANEXO 3.....		119
ANEXO 4.....		121
ANEXO 5.....		122
ANEXO 6.....		124
APÊNDICES		125
APÊNDICE 1		126
APÊNDICE 2		127
APÊNDICE 3		128
APÊNDICE 4.....		130
APÊNDICE 5		131
APÊNDICE 6.....		132

1 INTRODUÇÃO

Ao abordarem a concordância nominal (doravante CN), centrando a atenção no número, observamos que, no Brasil, diferentes pesquisadores, como Scherre (1988), Naro e Scherre (2006), Martins (2010) e Brandão (2016), adotam a perspectiva sociolinguística, levando em consideração tanto aspectos internos da língua (classe gramatical, saliência fônica, etc.) quanto aspectos externos (sexo, escolaridade, faixa etária, etc.) que favorecem o uso variável dessa concordância (ex.: Os meninos ~ Os menino). Seguindo essa perspectiva, o presente trabalho analisa o fenômeno variável da CN na fala e na escrita de alunos do município do Belo Jardim, situado no Agreste pernambucano, atentando para fatores internos e externos à língua que podem estar favorecendo ora a aplicação ou não aplicação da regra de concordância.

Tendo em vista que existem predominantemente estudos sobre a CN na modalidade oral, conforme afirmam Andrade, Aquino e Fávero (2012, p. 11): “[m]uitas pesquisas têm sido realizadas ultimamente sobre a língua falada, quer nas ciências humanas, sociais, e ainda que um número crescente de trabalhos compare-a com a modalidade escrita, pouco sabemos sobre elas.”, este trabalho investigativo visa realizar um estudo sociolinguístico na cidade de Belo Jardim-PE, centrando a atenção no uso variável da CN em três escolas (uma particular, uma municipal e uma estadual), a fim de (a) contribuir para a construção do perfil sociolinguístico do Brasil, em particular, da região Agreste do estado de Pernambuco e (b) ampliar a discussão sobre esse fenômeno linguístico variável na língua falada e na língua escrita, pois, até onde se tem pesquisado, a referida região é escassa em estudos voltados para esse fenômeno. Vale salientarmos ainda que o presente trabalho é pioneiro no estado de Pernambuco, tendo em vista que não há trabalhos que comparem a modalidade escrita com a oral no que refere-se ao fenômeno variável da CN e não há estudos sobre o referido fenômeno em Belo Jardim.

Segundo Marcuschi (2010, p. 34), “[o] curioso é que, no geral, quem se dedica aos estudos da relação entre língua falada e língua escrita, sempre trabalha o texto falado e raramente analisa a língua escrita.” Dessa forma, faz-se necessário realizarmos um trabalho que envolva as duas modalidades (oral e escrita) numa perspectiva comparativa. Para tanto, analisaremos variáveis linguísticas (saliência fônica, posição linear, marcas precedentes e classe gramatical) e extralinguísticas (idade, sexo, grau de escolaridade e tipo de escola) que podem estar favorecendo ou não a aplicação da regra de CN.

Não é intenção da presente pesquisa atribuir superioridade a nenhuma das duas modalidades de uso da língua, pois Marcuschi (2010, p. 18-19) afirma que “[...] [p]ostular algum tipo de supremacia ou superioridade de alguma das duas modalidades seria uma visão equivocada, pois não se pode afirmar que a fala é superior à escrita ou vice-versa”. Tanto a oralidade quanto a escrita desempenham papéis na comunicação exercida por usuários de uma língua e ambas as modalidades podem interrelacionar-se, mas não exercer supremacia.

No que se refere ao fenômeno variável da CN, Fiamengui (2011) observa que a oralidade apresenta mais contextos de variação do que a escrita, trabalho sobre o qual discorreremos mais adiante. Nesse sentido, centrando a atenção nas duas modalidades de uso da língua, levantamos como hipótese norteadora uma possível assimetria entre a língua falada e a língua escrita de alunos no município do Belo Jardim-PE, a saber: os alunos aplicariam mais a regra de CN na escrita do que na língua falada.

Em se tratando das regras prescritas voltadas à CN, encontramos as seguintes:

A) Há uma só palavra determinada.

A palavra determinante irá para o gênero e número da palavra determinada:

- a. “Aflige-nos a glória alheia contestada com a nossa insignificância” [MM].
- b. “ Os bons exemplos dos pais são as melhores lições e a melhor herança para os filhos” [MM].
- c. “ Eu amo a noite solitária e muda” [GD. 3,I, 314].
- d. Eu estou quite. Nós estamos quites. (BECHARA, 2001, p. 544).

Conforme podemos observar, deve haver uma concordância entre palavra determinante e palavra determinada. O autor cita os exemplos acima quando há apenas uma palavra determinada, mas pode haver mais de uma:

B) Há mais de uma palavra determinada.

(...) Se as palavras determinadas forem do mesmo gênero, a palavra determinante irá para o plural e para o gênero comum, ou poderá concordar, principalmente se vier anteposta, em gênero e número com a mais próxima:

- a. A língua e (a) literatura portuguesas ou A língua e (a) literatura portuguesa.
- b. “Amava no estribeiro-mor as virtudes e a lealdade nunca desmentidas” [RS.1,124].
- c. “O tom e o gesto caricioso, com que ela dizia isto, não moveu imediatamente o esposo” [CBR.1, 158].
- d. “e os nossos Basílio e Durão, bem assim o Sr. Magalhães...” [OM,72] (BECHARA, 2001, p. 545)

Nos exemplos acima, é preciso concordar a palavra determinante e duas palavras determinadas. Outra combinação possível ocorre quando há uma só palavra determinada e mais de uma determinante:

C) Há mais de uma palavra determinada.

A palavra determinada irá para o plural ou ficará no singular, sendo, neste último caso, facultativa a repetição do artigo. Em geral, isto ocorre com adjetivos de nacionalidade: As literaturas brasileira e portuguesa ou A literatura brasileira e portuguesa (maneira de dizer menos frequente e, com exagero de lógica gramatical, considerada erro-nea por muitos autores) ou A literatura brasileira e a portuguesa.

a. “e os cronistas tudense e toledano fazem a luta dos dous reis depois daquele consórcio” [AH.6,III,86].

b. “Li um anúncio, convidando mestra de línguas inglesas e francesa para o colégio” [CBBr.1, 128].

c. “O pequeno reino sucessivamente perlustrou as costas ocidental e oriental da África...” (C. de Laet, I 211). (BECHARA, 2001, p. 546).

Diante do que pudemos observar, para haver CN, não há um número obrigatoriamente estabelecido com relação à palavra determinante ou palavra determinada; ambas podem variar quantitativamente, mas, em suma, devem estabelecer uma concordância em gênero e número.

Ainda sobre a CN, Cegalla (1998, p. 402) comenta: “[...] a concordância é o princípio sintático segundo o qual as palavras dependentes se harmonizam, nas suas flexões, com as palavras de que dependem.”. Em se tratando da flexão, conforme os exemplos já apresentados, o número e o gênero são relevantes, valendo referir, que, nesta pesquisa, centraremos nossa atenção apenas no primeiro, tomando por base o uso da CN no contexto escolar, pois as regras prescritas em sala de aula nem sempre são aplicadas no cotidiano dos informantes investigados. Observem-se alguns exemplos extraídos de nosso *corpus*, através do qual analisamos apenas a concordância de número do domínio interno do sintagma quer na fala quer na escrita de alunos belo-jardinenses, indo ao encontro dos objetivos estabelecidos no presente trabalho. Nos contextos, a seguir, é apresentada a variante padrão (a aplicação da regra de CN) e a variante não-padrão (a não-aplicação da regra de CN):

(1) a. (N2M1p **os outro estande**¹ - língua falada

b. (S2M3p **nas lojas** - língua falada

c. (S2M1p **aos seus poderes** - língua escrita

d. (S2F1p **varias vezes** - língua escrita

e. (N1F4p **as irmã** - língua falada

¹ Exemplos extraídos de nosso *corpus*. As siglas significam: S – aplicação da concordância nominal/ N- Não aplicação da concordância nominal; M- sexo masculino/ F- sexo feminino; 1- 1º ano do Ensino Médio/ 3- 3º ano do Ensino Médio/ 4- 4º ano do Ensino Fundamental/ 6- 6º ano do Ensino Fundamental; p- escola particular/ m- escola municipal.

f. (S1F4m **dos índios** - língua falada

g. (S2F6m **as pessoas** - língua escrita

h. (N2M6m **muitos livro** - língua escrita

Sendo a escrita uma das modalidades mais incentivadas na escola para o uso da variante padrão (aquela presente nos manuais de gramáticas) e, levantando como hipótese que alunos que frequentam escolas particulares, são, em sua maioria, filhos de pessoas com maior poder aquisitivo financeiro e, conseqüentemente, gozam de mais prestígio na sociedade, busca-se, no presente trabalho, verificar se os discentes de uma escola particular de Belo Jardim-PE usam mais a variante padrão do que os da escola pública, indo na direção do que questiona Cyanka (2015, p. 34):

Pode-se/ deve-se negar o que já está posto, consolidado, garantido tanto para as escolas particulares, que recebem, em geral, alunos das classes dominantes, que falam uma variedade linguística inquestionavelmente prestigiada, quanto para as públicas, cuja clientela utiliza outra variedade, também inquestionavelmente sem prestígio?

No presente século, um dos maiores desafios da escola brasileira é lidar com a variação linguística em sala de aula, embora seja um dos temas previstos nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) e demais documentos recentes elaborados pelo Ministério da Educação (MEC), como a Base Nacional Curricular Comum para o ensino de língua portuguesa no ensino fundamental e médio, conforme consta a seguir:

Para cumprir bem a função de ensinar a escrita e a língua padrão, a escrita precisa livrar-se de vários mitos: o de que existe uma forma “correta” de falar, o de que a fala de uma região é melhor de que a de outras, o de que a fala mais “correta” é a que se aproxima da língua escrita, o de que o brasileiro fala mal o português, o de que o português é uma língua difícil, o de que é preciso “consertar” a fala do aluno para evitar que ele escreva errado (BRASIL, 2000, p. 31).

Embora a variação seja um dos temas de reflexão no ensino de língua portuguesa, garantindo, dentre outros aspectos, uma eficaz educação linguística no sentido de Bortoni-Ricardo (2004), Faraco e Zilles (2015, p. 20) salienta que:

Mesmo no interior do sistema escolar, avançamos muito pouco. Nas práticas escolares cotidianas, ainda predomina uma concepção mais tradicional da variação linguística e se lança mão ainda da regra estreita do certo e do errado tomados como valores absolutos e não como valores relativos.

Ao vermos que a escola ainda apresenta um incentivo à prescrição de regras gramaticais, progredindo de maneira lenta no que diz respeito à reflexão sobre a variação linguística nas modalidades oral e escrita da língua, ignora-se, em geral, que a língua é dinâmica e variável, deixando de lado a relação intrínseca entre língua e sociedade, um dos pressupostos da Sociolinguística Variacionista (cf. LABOV, 2008 [1972]), teoria que fundamenta este estudo.

Assumindo, portanto, que a heterogeneidade é intrínseca a toda língua natural, sendo possível verificarmos a co-ocorrência de variantes (padrão e não-padrão) na modalidade oral e escrita, serão discutidos estudos já realizados no Brasil sobre o fenômeno variável da CN nessas modalidades e realizada uma análise comparativa dos resultados obtidos neste estudo com o que já foi verificado em outras regiões brasileiras.

Tratando-se de uma pesquisa sociolinguística, são apresentadas, no primeiro capítulo, breves incursões sobre a estrutura do sintagma nominal (doravante SN) e trabalhos realizados em diferentes regiões do Brasil sobre o fenômeno variável da CN tanto na modalidade escrita quanto oral, além de serem enunciados a relevância desta pesquisa no campo de estudos sociolinguísticos sobre o fenômeno da CN, os objetivos, questões e hipóteses que a norteiam.

Já, no segundo capítulo, discorreremos sobre o quadro-teórico metodológico, levando em conta os pressupostos teóricos da Sociolinguística Variacionista que embasam nossa pesquisa, destacando, dentre outros aspectos, os conceitos de variável e variantes, os diferentes tipos de variáveis, a relação entre língua e sociedade e o processo de variação numa comunidade de fala. Também apresentamos as etapas executadas para a realização desta pesquisa, tomando por base a coleta de dados, a população investigada, o tipo de pesquisa e método adotados, a elaboração do *corpus* e as variáveis (linguísticas e extralinguísticas) selecionadas para posterior tratamento quantitativo dos dados.

Nos capítulos três (abordagem sobre os dados de fala) e quatro (abordagem sobre os dados de escrita), é realizada a análise dos dados submetidos a tratamento quantitativo pelo programa Goldvarb X, através do qual obtivemos o peso relativo (doravante PR) e o resultado estatístico, comparando os resultados deste estudo com os de outras pesquisas realizadas em outras regiões do Brasil.

No capítulo 5, realizamos comparações entre os dados da fala e de escrita no intuito de verificarmos a possível existência da assimetria entre ambas as modalidades de uso da língua. Para tanto, o trabalho de Fiamengui (2011) será fundamental durante essa comparação ao considerarmos que se trata de um estudo que compara a aplicação e a não-aplicação da

regra de CN tanto na modalidade escrita quanto falada no noroeste paulista, na região de São José do Rio Preto.

Por fim, nas considerações finais, realizamos uma síntese dos principais resultados obtidos, tomando por base a comparação entre fala e escrita e, ao mesmo tempo, retomamos a relevância do estudo e os objetivos alcançados.

1.1 QUADRO PANORÂMICO DO ESTUDO

1.2 SOBRE A ESTRUTURA DO SINTAGMA NOMINAL: BREVES INCURSÕES

Tendo como objeto de estudo o fenômeno variável da concordância de número no interior do SN, faz-se necessário discutirmos a estrutura desse sintagma. Para tanto, iniciemos com a definição de Câmara Jr. (1973, p. 223):

[...] entende-se hoje apenas por sintagma um conjugado binário (duas formas binárias) em que um elemento DETERMINANTE cria um elo de subordinação com outro elemento, que é DETERMINADO. [...] Tem-se assim: a) o sintagma lexical, que é uma palavra- primária ou simples ou secundária por derivação ou composição; 2) o sintagma locucional, que é uma locução; 3) o sintagma suboracional, corresponde a uma parte da oração, como – sujeito, predicado, complemento (complexos); 4) o sintagma oracional, que é a oração e onde o determinado é o sujeito e o determinante é o predicado; 5) o sintagma super-oracional, constituído de uma oração subordinada a outra (ex.: creio que irei). A análise linguística resume-se assim na depreensão de sintagmas em ordem decrescente, até ao sintagma da palavra simples e na separação das sequências que se encontram em cada nível sintagmático.

A partir dessa citação, observamos que noções como subordinação e hierarquia são convocadas para o entendimento do SN no sentido de que os constituintes que o integram mantêm uma relação entre o elemento principal ou Determinado (D) e o outro subordinado ou determinante (d).

Conforme descrito por Perini (1999), o SN possui à esquerda seis posições fixas e quatro posições variáveis: as primeiras estabelecem seis funções que recebem a nomeação de **determinante (Det)**, **possessivo (Poss)**, **reforço (Ref)**, **quantificador (Qf)**, **pré-núcleo externo (PNE)** e **pré-núcleo interno (PNI)**; já as segundas ocorrem nos intervalos entre as posições que são fixas, exceto entre os dois pré-núcleos, onde não pode ocorrer nenhum item.

Observe-se, a seguir, o esquema completo da área esquerda proposto por Perini (1999, p. 97):

[Det PV4 Poss PV3 Ref PV2 Qf PV1 PNE PNI]

No esquema acima, PV é a abreviação de posição variável. Cumpre esclarecermos que, nas posições fixas, cada uma tem sua função.

Sobre a área direita, Perini (1999) distingue três funções: núcleo do SN (NSN), modificador interno (ModI) e modificador externo (ModE). Esses termos ocorrem nessa ordem e podem ser definidos, respectivamente, como o antepenúltimo, o penúltimo e o último termo do SN ou não contam-se as posições variáveis da área esquerda, podendo existir o 7º, 8º e 9º termo. Para um exemplo de SN como: **Um ataque cardíaco fulminante**, o autor verifica que *Um* é Det; *ataque*, NSN; *cardíaco*, ModI, e *fulminante*, ModE.

Observamos que, dependendo da posição (esquerda ou direita) no SN, o item pode ser inserido numa nomeação e função diferente a depender das regras que existem naquela posição. Trazendo para nosso estudo, essa função ou posição poderá favorecer ou não a aplicação da regra de CN. O maior favorecimento ou desfavorecimento do CN dependerá de fatores linguísticos ou extralinguísticos que se fizerem influentes sobre o elemento que estiver na posição esquerda ou direita do SN, desempenhando determinada função.

1.3 REVISITANDO ALGUNS ESTUDOS SOCIOLINGÜÍSTICOS NO BRASIL

Dentre os principais pesquisadores brasileiros que abordam a CN, destacam-se Scherre (1988), Naro e Scherre (2006), Braga (1977), Andrade (2003), dentre outros. Conforme será verificado, há mais estudos centrados na língua falada do que na língua escrita e estudos que comparem essas duas modalidades no que se refere ao uso de CN produzida pelos mesmos falantes não foram encontrados. Por sua vez, a relevância desta pesquisa revela-se na descrição da variação da CN nas modalidades supracitadas, especificamente, em três escolas da cidade do Belo Jardim-PE. Até o presente momento, até onde temos pesquisado, não há estudos que comparem essas modalidades em diferentes escolas do estado de Pernambuco, constituindo-se um estudo linguístico pioneiro no município supracitado localizado na região do Agreste pernambucano.

1.3.1 Estudos na língua falada

1.3.1.1 Região Sul

1.3.1.1.1 Andrade (2003)

Realizando uma pesquisa sociolinguística sobre a CN no estado de Santa Catarina (cidade: Tubarão) e do Rio Grande do Sul (cidade: São Borja), Andrade (2003) selecionou 24 informantes, sendo 12 de cada cidade.

As variáveis extralinguísticas selecionadas para a análise foram a faixa etária (25 a 49 anos, e mais de 50 anos), o sexo (masculino e feminino), a escolaridade (Ensino Fundamental 1, Ensino Fundamental 2 e Ensino Médio) e a cidade (Tubarão e São Borja). Já as variáveis linguísticas foram: classe gramatical, posição dos elementos no SN, relação do núcleo com o SN, marcas precedentes, processos morfofonológicos de formação de plural, tonicidade dos itens e graus de substantivo e adjetivo.

Ao cruzar classe gramatical com posição linear, mostrou-se que a primeira posição é um fator que favorece a marca formal de plural no SN (exemplo (33): Depois de lá fomos parar NAS IRMÃ BAHIANA. (01T3L1MBPRI) p. 62), principalmente, ao se referir aos substantivos (PR²: .86 e percentual: 94%); quando se trata de artigos e pronomes demonstrativos, a segunda posição é a que favorece a variante padrão (PR: .87 e percentual: 98%). Na relação dos elementos do SN com o núcleo, observamos que os elementos antepostos ao núcleo favorecem mais a aplicação da regra de CN que os pospostos (PR: .92 e percentual: 98%). Na variável Marcas Precedentes, o fator itens terminados em -L recebeu um maior PR de aplicação da regra padrão, com .94, demonstrando ser o fator que mais favorece a CN padrão da referida variável.

No que diz respeito à variável extralinguística escolaridade, observamos que, quanto maior o grau de escolarização, maior uso da variante padrão, sendo o resultado estatístico e o PR, representados da seguinte maneira: primário (atual fundamental I): PR: .34/ percentual: 58%; ginásio (atual fundamental II): PR: .48/ percentual 66%; colegial (atual ensino médio): PR: .68/ percentual: 78%. Já, no que se refere à variável sexo, houve uma aproximação no PR dos resultados entre os sexos de ambas as cidades: em Tubarão (SC), houve um pequeno diferencial que não pode ser considerado relevante na aplicação da CN padrão entre ambos os sexos por encontrar-se no nível de neutralidade (sexo feminino: PR: .53/ percentual 70%/ sexo masculino: PR: .47/ percentual: 65%); na cidade de São Borja (RS), ambos os sexos realizam-na de forma aproximada e também encontram-se no nível de neutralidade, ao observarmos o

³ O nível de significância apresentado pelo PR: quando abaixo do nível de neutralidade (.45 a .55), indica que desfavorece o uso; acima desse nível, favorece (cf. SANTOS E VITÓRIO, 2011).

PR de ambos os fatores da variável sexo (sexo feminino: PR: .50/ percentual de 68% / sexo masculino: PR: .48/ percentual de 66%)³.

No cruzamento entre faixa etária e escolaridade, a referida pesquisadora observa:

Podemos observar que somente no primário os informantes com mais de 50 anos aplicaram mais a regra de concordância de número de acordo com a norma que os informantes de 25 a 49 anos. No ginásio, a diferença foi um pouco maior, mas não chega a ser significativa. Isso nos faz lembrar a hipótese de Scherre (1988) que diz que os adultos marcariam mais a pluralidade devido às exigências sociais do campo de trabalho. É o que está acontecendo aqui. Os adultos que possuem ginásio e colegial marcaram mais o que os mais velhos com mesmo nível de escolaridade (ANDRADE, 2003, p. 101).

Em linhas gerais, observamos, através do estudo de Andrade (2003), que falantes mais velhos são mais conservadores por usarem mais a variante padrão. No que diz respeito ao sexo, vemos verificarmos que, nas duas cidades comparadas, os resultados são diferentes: em São Borja (RS), por exemplo, tanto os homens quanto as mulheres apresentaram o mesmo percentual de aplicação da CN.

1.3.1.1.2 Lorengian-Penkal, Ribeiro & Ribeiro (2012)

Lorengian-Penkal, Ribeiro & Ribeiro (2012) desenvolveram uma pesquisa a partir de um banco de dados constituído pela linguagem falada em Irati- PR. Nessa pesquisa, o objetivo foi:

[...] analisar a interferência de variáveis extralinguísticas na concordância de número plural no sintagma nominal (SN) no português do Brasil, com ênfase à variável na faixa etária. A pesquisa foi efetuada a partir de um banco de dados de 32 informantes, nativos de Irati- PR, com faixa etária de 20 a 35 anos e de 35 a 50 anos, estratificados de acordo com sexo, escolaridade e etnia. Foram efetuadas, transcrições, marcações de sentenças em que havia presença ou ausência de concordância e análise dos dados. (LORENGIAN-PENKAL; RIBEIRO; RIBEIRO, 2012, p. 69).

A referida pesquisa analisou, portanto, apenas variáveis sociais: idade e grau de escolaridade, realizando os cruzamentos entre elas, a partir do estabelecimento de quatro fatores: fator A (falantes entre 20 e 35 anos que cursaram ensino fundamental ou médio); fator B (falantes de 35 a 50 anos que cursaram ensino fundamental ou médio); fator C (informantes

que entre 20 e 35 anos com nível superior) e fator D (falantes de 35 a 50 anos com nível superior).

Ao cruzar os fatores A e B, levando em consideração apenas a faixa etária, o primeiro apresentou um percentual de aplicação da regra de CN de 57% e um PR de .42; já o segundo, um percentual de 74% e um PR de .57. Ao cruzar o fator D com o fator C, obteve-se, para o segundo, o percentual de 85% e um PR de .48, já, para o primeiro, o percentual de 89% e o PR de .51.

Quando se levou em consideração o grau de escolaridade entre os fatores B e D, houve um percentual de aplicação da regra de CN de 74% e PR de .45 para B, enquanto D obteve um percentual de 89% e um PR de .54. No cruzamento de A com C, aquele apresentou um percentual de 57% e um PR de .40 da variante padrão e, este, 85% e um PR de .59.

Vale referirmos que, embora tenham sido obtidos somente resultados das variáveis extralinguísticas, deixa-se uma lacuna no estudo por não serem abordadas as variáveis linguísticas que poderiam estar exercendo influência sobre o fenômeno linguístico variável da CN.

1.3.1.2 Região Sudeste

1.3.1.2.1 Scherre (1988)

Em sua tese de doutorado, Scherre (1988) desenvolve uma pesquisa sociolinguística sobre a concordância gramatical de número plural entre os elementos flexionáveis do SN em Português. Para tanto, analisou uma amostra constituída de 64 horas de fala de 64 pessoas que residiam no município do Rio de Janeiro. Essas entrevistas ocorreram em dois momentos: em 1982-1984, ocorreu a gravação de 48 entrevistas com informantes de 15 a 71 anos de idade e, no segundo momento, as gravações ocorreram em 1983-1985 correspondendo a 16 entrevistas com informantes de 7 a 14 anos de idade. No que diz respeito ao critério de seleção dos informantes, a pesquisadora selecionou falantes que fossem cariocas e morassem no Rio de Janeiro desde os cinco anos de idade e que nunca tivessem saído da cidade por mais do que dois anos consecutivos. Sua pesquisa centra-se em quatro objetivos, a saber:

[...] apresentar a descrição e explicação de um conjunto de variáveis linguísticas e não linguísticas que regem a sistematicidade da variação da concordância de número entre os elementos do SN (...); (...) discutir a hipótese funcionalista de Kiparsky (1972), inserida no arcabouço teórico da Gramática Gerativa, trazendo evidências de

que uma teoria linguística adequada que pretende ter caráter explanatório deve incorporar também motivações ou princípios gerais externos, ou seja, princípios não estritamente gramaticais determinando o uso e, conseqüentemente, a forma da língua. O terceiro objetivo envolve uma questão bastante polêmica: a análise da relação entre a variação e mudança, no sentido de se verificar se o fenômeno focalizado reflete um estágio de variação sociolinguística estável ou um processo de mudança linguística em progresso. O quarto objetivo envolve outro ponto também polêmico, o que se relaciona à questão da variação inerente: se a variação grupal reflete a variação individual, ou seja, se ela é inerente ou se é apenas fruto do agrupamento de indivíduos com comportamentos linguísticos diferenciados entre si, mas internamente homogêneos. (SCHERRE, 1988, p. 15-16).

No que diz respeito às variáveis linguísticas abordadas, foram adotadas duas perspectivas de análise para o fenômeno variável da CN: a atomística (em que cada elemento do sintagma é analisado individualmente) e a não atomística (em que o sintagma é analisado como um todo). Para o nosso estudo, vale dizermos que optamos pela primeira perspectiva, estabelecendo uma comparação de nossos resultados com os de Scherre (1988)⁴.

Para tanto, dentre as sete variáveis linguísticas analisadas por Scherre (1988), selecionamos para o presente estudo: (a) saliência fônica sob a dimensão dos processos morfofonológicos de formação do plural; (b) posição linear; (c) classe gramatical e (d) marcas precedentes. Para essas quatro variáveis, a autora verifica:

- (a) Na saliência fônica, os plurais duplos (novos papeizinhos (Joa10,fp,27a))⁵ favorecem a marca de concordância com .86, ao contrário dos plurais regulares (tribos indígena (Geo31,mg,58a))⁶ com apenas .24;
- (b) Sobre a posição no sintagma, a primeira posição do SN é a mais marcada, ou seja, a que mais favorece a aplicação da regra de CN, “num índice probabilístico nunca inferior a .70” (SCHERRE, 1988, p. 143). Segundo ela, “[a] afirmação mais correta, então, é que a primeira posição do SN é percentualmente a mais marcada, independente da classe gramatical, embora o substantivo seja um pouco menos marcado do que as demais classes” (p. 163);
- (c) No que diz respeito à classe gramatical, “[...] qualquer classe gramatical que esteja na primeira posição tende a ser mais marcada [...] os adjetivos são mais

⁴ Deixamos para realizar uma análise não atomística em trabalhos futuros.

⁵ Sexo feminino, 4º ano do primário (Fundamental I), 27 anos de idade.

⁶ Sexo masculino, 8º ano do ginásio (Fundamental II), 58 anos de idade.

marcados do que os substantivos e que a segunda posição e a terceira posição são igualmente marcadas. (...)” (SCHERRE, 1988, p. 158);

(d) quanto às marcas precedentes, Scherre (1988, p. 208) verifica que:

[...] a presença de ss (s)- (dois ou mais “esses” precedentes) favorece mais a inserção de -S no segmento analisado do que a presença de s- (marca na primeira posição imediatamente precedente) ou do que a presença de y (x)x- (pelo menos um s- precedente não mediado por zero), embora todos esses três fatores a concordância. A presença de x (y)0- (pelo menos um zero precedente não mediado por s-, com marca na primeira posição), por sua vez, desfavorece drasticamente a concordância, como já vimos. Os resultados probabilísticos são destacados, a seguir, para adultos e crianças, respectivamente:

Ss(s)-	.61 e .76;
s-	.49 e .57;
y (x) x-	.47 e .58;
x (y) 0-	.04 e .01.

Sobre as variáveis sociais, estão as não convencionais e não estratificadas (Mercado ocupacional, Mídia e Sensibilidade linguística) e as tradicionais, a saber: Anos de Escolarização, Sexo e Faixa Etária, sendo analisadas entre adultos e crianças.

Quanto à variável Anos de Escolarização, foram obtidos os seguintes PRs para a aplicação da regra de CN: a) de um a quatro anos= .32; b) de cinco a oito anos = .53 e c) de nove a onze anos= .65.

Sobre a variável Sexo, o feminino aplicou mais a regra de CN com .59 se comparado ao masculino com .41, e, no que se refere à Faixa Etária, foram evidenciadas as seguintes probabilidades: a) 7-14 anos= .45; 15-25 anos = .45; 26 a 49 anos= .51; 50-71 anos= .56.

Na análise dirigida às crianças, obteve-se o seguinte: 1) Anos de Escolarização: a) de 1 a 4 anos= .45 e b) de 5 a 8 anos= .55); 2) Sexo: Feminino= .59 e Masculino= .41, sendo assim, os mais velhos e o maior grau de escolaridade apresentaram uma maior aplicação da regra de CN.

Adotando para a análise do presente trabalho o modelo atomístico, em que cada elemento do SN é analisado, selecionaremos as variáveis extralinguísticas (sexo, idade, grau de escolaridade), acrescentando o tipo de escola, variável não estudada por Scherre (1988) e as variáveis linguísticas (saliência fônica, classe gramatical, marcas precedentes e posição no sintagma). Ao contrário dessa autora, que centrou sua atenção apenas em dados orais, analisaremos dados escritos dos mesmos informantes.

1.3.1.2.2 Santos (2010)

Santos (2010) realizou uma pesquisa na cidade de Pedro Leopoldo-MG baseada na fala de 27 pessoas, sendo o *corpus* composto de 1461 dados, os quais passaram por tratamento quantitativo através de sua rodada no programa VARBRUL.

As variáveis extralinguísticas submetidas à análise foram: (a) grupo social (alto, médio e baixo); (b) faixa etária ((de 17 a 23 anos), (de 40 a 47 anos) e (acima de 60 anos)); (c) nível de escolaridade ((Ensino Fundamental), (Ensino Médio) e (Ensino Superior)), sendo tais níveis completos ou incompletos. Já as variáveis linguísticas foram: elementos não-nucleares do SN, classe gramatical e posição do elemento no SN.

Ao discorrer sobre os elementos não nucleares do SN, Santos (2010, p. 12) conclui:

A – Quando antepostos ao núcleo, apresentam índice de presença de marca de flexão de plural categórico (em 100% dos casos), independentemente de serem adjetivos ou determinantes:

- (9) ... eu dei altas paulada (INF20REINMJMC)
- (10) ... as patinha cravando (INF02JUNIMJSA)
- (11) ... os mesmo colega ; ... as próprias mão (INF24ELIAFAMC)

B – Quando esses elementos estão pospostos ao núcleo, o comportamento é totalmente o contrário; em 96% dos casos ocorre ausência de flexão de plural, sendo que os casos em que a flexão se faz presente são de pronomes possessivos:

- (12) ... não sei, mas os serviço seus tá correto não. (INF11RAMOMJMB)
- (13) ...as série toda (INF21VAGNMJMF)
- (14) ...noites fria... dias quente... (INF18EDGAMISB)
- (15) ...coisas diferente dos demais... (INF3BETOMJSA)
- (16) ...pessoas honesta... (INF3BETOMJSA)
- (17) ...essas muié feia... (INF5ROSAFASA)
- (18) ... aquelas arca grandona (INF8NILCFISA)

Dentre as classes gramaticais analisadas, os adjetivos aparecem com menos marca de plural (.07 de PR e 35% de percentual), enquanto os pronomes demonstrativos, com maior marca (.74 de PR e 66% de percentual).

Sobre o cruzamento da posição do elemento no SN com o núcleo e o não-núcleo, afirma-se que estes, quando ocupam a 1ª posição, apresentam 100% de marca de flexão de plural, conforme evidenciado nos seguintes exemplos:

- (1) “não sei, mas os serviço seus tá correto não.” (INF11RAMOMJMB)
- (2) “noites fria,... dias quente..”. (INF18EDGAMISB)
- (3) “pessoas honesta...” (INF3BETOMJSA)

(SANTOS, 2010, p. 09)

Quanto às variáveis extralinguísticas, Santos (2010) observou que o sexo masculino aplicou menos a CN (PR de .66 e percentual de 60% de ausência da CN), enquanto o feminino obteve .44 de PR e percentual de 50% de ausência da CN, contrariando sua hipótese de que as mulheres utilizam menos a variável não padrão.

Quanto à escolaridade, foi comprovada a hipótese de que a maior ausência de CN estava ligada ao menor grau de escolaridade: o nível Fundamental (PR de .70 e percentual de 70%; o Médio (PR de .66 e percentual de 68%), e o Superior (PR de .26 e percentual de 25%).

Realizando o cruzamento entre faixa etária e escolaridade (não foram apresentados os PRs, mas apenas os percentuais). A autora observou que os idosos com menor nível de escolaridade (fundamental) são os que mais usam a variante não-padrão (91%), ao contrário dos adultos com nível superior (17%). Ademais, a autora observa que tanto adultos quanto idosos, quando possuem alto grau de escolaridade, tendem a aplicar mais a regra de CN, diferentemente dos jovens que, embora tenham alto grau de escolaridade, apresentaram um percentual de 47% de não aplicação da regra.

Vale referirmos que uma última variável foi analisada: a influência do meio social que é composta de três fatores: alto (PR: .45/ percentual: 36%); médio (PR .34/ percentual: 43%) e baixo (PR.67/ percentual: 79%), ficando comprovada sua hipótese de que o grupo social baixo usaria mais a variante não-padrão.

1.3.1.3 Região Norte

1.3.1.3.1 Carvalho (1997)

Sob o enfoque da Sociolinguística Variacionista, Carvalho (1997) analisou uma amostra da fala de 24 informantes em Rio Branco, no Acre, sendo 12 do sexo feminino e 12 do sexo masculino, com a faixa etária de 20 a 35 anos de idade, pertencentes à classe baixa e subdivididos em três graus de escolaridade: (a) analfabetos, (b) 1ª a 4ª série e (c) 5ª à 8ª série.

Dentre as variáveis linguísticas analisadas, abordaremos apenas as que também são tratadas em nosso trabalho, a saber: a) a saliência fônica sobre a dimensão dos processos morfofonológicos de formação de plural (o plural duplo apresentou uma maior aplicação da regra de CN com um PR de .91 e um resultado estatístico de 90%); b) posição no SN (a primeira posição apresentou um resultado estatístico de 99% e um PR de .82 de

favorecimento da variante padrão (ex.: “minhas coisas” (MS, p. 01)” (p. 76)); c) classe gramatical (artigo e demonstrativo apresentaram uma maior aplicação da CN, com PR de .88 e resultado estatístico de 99%); d) marcas precedentes (no elemento anterior pluralizável com a marca presente, obteve-se um PR de .51 e um resultado estatístico de 45%, (ex.: “ minhas coisa” (MS, p. 01) e, no elemento anterior pluralizável sem marca precedente, foi apresentado um resultado estatístico de 55% e um PR de .36 (ex.: meu irmãos (MF, p. 03) (p. 80)).

A análise feita sobre as variáveis extralinguísticas comprovou que os informantes com maior grau de escolaridade (5^a a 8^a séries) apresentam uma maior aplicação da regra de CN com PR de .76 e um resultado estatístico de 82%. Sobre a variável sexo, a hipótese de que as mulheres empregariam mais a variante padrão foi refutada: o sexo masculino teve 72% no resultado estatístico e .60 no PR em relação ao sexo feminino que teve apenas 64% no resultado estatístico e .40 no PR.

1.3.1.3.2 Martins (2010)

No município de Benjamin Constant (AM), foi estudado o fenômeno variável da CN em situação de conversação livre (informal), contando com seis informantes que possuem, no máximo, até a 4^a série e estão divididos em três faixas etárias: (i) de 18 a 35 anos de idade; (ii) de 36 a 55 anos, e (iii) de 56 anos em diante. Os resultados revelaram, em geral, o percentual de 43% de aplicação da regra de CN, contra 57% de ausência.

Sobre as variáveis linguísticas, serão discutidas aqui apenas aquelas que serão analisadas no presente estudo, a saber:

- a) posição do elemento no SN (a marcação de plural é 100% presente em elementos que estão na primeira posição (ex.: “os carro...” (BENJ 001 AF));
- b) saliência fônica (percentual de 66% de aplicação da regra de CN no emprego do -s em material fônico na oposição singular/ plural (ex.: “sete meses” (BENJ 003 CF));
- c) classes gramaticais (elementos determinantes (artigo, pronome e numeral) com marcas mais explícitas de plural em 100% das ocorrências (ex.: “os grito...” (BENJ 001 AF)).

No que se refere às variáveis extralinguísticas, Martins (2010) analisou apenas duas variáveis:

- a) sexo (as mulheres usaram mais variante padrão do que os homens (50% de aplicação da regra de CN), enquanto os homens tiveram um percentual de 7% dessa aplicação);
- b) idade (tanto falantes de 18 a 38 anos quanto falantes com mais de 56 anos em diante apresentaram percentual idêntico de aplicação da regra de CN (50%), já os informantes com 36 a 55 anos de idade apresentaram um baixo percentual de aplicação (8%).).

Apesar de desenvolver uma análise quantitativa dos dados a partir das variáveis e de seus respectivos fatores cujos resultados foram apresentados em percentuais, seria importante que a pesquisadora apresentasse os PRs que indicariam a significância de um determinado fator, conforme vem sendo feito em outros estudos sociolinguísticos através da rodada dos dados no programa GoldVarb X.

1.3.1.4 Região Nordeste

1.3.1.4.1 Lemos (2010)

No município de Santo Antônio de Jesus-BA, Lemos (2010) analisou o fenômeno variável da concordância de número entre os elementos do SN na fala de estudantes da rede pública de ensino. Para a realização desse estudo, utilizou-se de um *corpus* constituído de quatro entrevistas realizadas com estudantes da 5ª série do sexo feminino e masculino, pertencentes à zona rural e urbana. Além de serem selecionadas as variáveis extralinguísticas (gênero, escolarização e procedência geográfica), foram escolhidas como variáveis linguísticas: configuração sintagmática do SN, função sintática do SN, número de constituintes flexionáveis do SN e saliência fônica. Selecionadas essas variáveis, os dados foram codificados e submetidos a tratamento quantitativo através do programa Goldvarb 2005.

Em sua pesquisa, a pesquisadora verifica que a marca explícita de plural pode ser encontrada em:

1. Todos os elementos flexionáveis do SN:
Ex.: “Todos os animais não falam” (INFO 03)
2. Alguns elementos flexionáveis do SN:
Ex.: “Todos os meus cachorro eu mandei para o interior” (INFO 01)
3. Apenas um dos elementos flexionáveis do SN:
Ex.: “Meus amigo é tudo por fora” (INFO 04)

(LEMOS, 2010, p. 47-48)

Na variável dependente, obteve-se o percentual de 39% de aplicação da regra, com PR de .60, e percentual de 60% de não aplicação com PR de .60. No que se refere às variáveis extralinguísticas, os resultados são os seguintes: a) na variável procedência geográfica, obteve-se para a variante não-padrão um PR de .50 para os informantes da zona urbana e, para os da zona rural, um PR de .49. Considerando tais resultados, entendemos que nessa pesquisa a variável procedência geográfica não se mostra significativa, tendo em vista que os resultados encontram-se no nível de neutralidade; na variável gênero, as mulheres utilizam mais a variante não-padrão com um percentual de 40% e um PR de .50, já os homens, um percentual de 37% e um PR de .52 para essa variante.

É indispensável dizermos que, na referida pesquisa, há ausência de um estudo quantitativo para as variáveis linguísticas e para a variável escolaridade (só se trabalha com a 5ª série), tornando a análise um pouco problemática, pois não se sabe se fatores internos condicionam ou não o uso de uma determinada variante.

1.3.1.4.2 Sedrins, Siqueira & Santos (2015)

No Sertão de Pernambuco, encontra-se o trabalho de Sedrins, Siqueira & Santos (2015) que consta da análise de dados de fala provenientes de informantes de três municípios (Afogados da Ingazeira, Serra Talhada e Triunfo) e centra a atenção nas variáveis linguísticas e extralinguísticas que podem exercer influência na presença da marca de pluralidade no interior dos SNs. Em cada município, foram selecionados 12 informantes, de 20 a 40 anos de idade, sendo seis indivíduos do sexo masculino e seis do sexo feminino: seis mulheres têm o Ensino Fundamental e seis homens, o Ensino Médio. Dentre os critérios para a seleção dos informantes, estava o de ser natural da cidade ou ter nela residido antes dos 5 anos de idade, ficando estabelecido que as variáveis extralinguísticas adotadas seriam: escolaridade (Ensino Fundamental e Médio), gênero (feminino e masculino) e município (Afogados da Ingazeira, Serra Talhada e Triunfo).

Ao todo, foram selecionados 818 SNs: em 550 dados, há a aplicação da regra de CN (67,2%) e, em 268, de não-aplicação (32,8%). Os resultados foram submetidos a tratamento

quantitativo a partir da utilização do programa computacional Goldvarb X, valendo referir ainda que os dados foram analisados sob a perspectiva atomística para as variáveis linguísticas, através da qual cada elemento do sintagma é analisado individualmente quanto aos aspectos internos da língua (classe gramatical, posição linear, marcas precedentes, etc.), e a não-atomística, em que o sintagma é analisado como um todo. Sobre as variáveis extralinguísticas, foram selecionadas: gênero, idade, localidade e escolaridade.

Na análise atomística, ficou comprovado que: a) na posição linear, os primeiros elementos apresentam um percentual de 97,3% e PR de .83. para o favorecimento da variante padrão (exemplo : Brincava com aquelas coisas-né?, (p. 223)); b) na classe gramatical, todas as categorias gramaticais apresentam mais marcas de plural do que marcas zero, mas o pronome possessivo foi o que mais apresentou um favorecimento a CN padrão com PR .882 (exemplo: [...] interferi na nossas vida [...] (p. 225)).

No que diz respeito às variáveis extralinguísticas analisadas sob a perspectiva de análise não-atomística, na qual o sintagma completo é considerado como uma unidade a ser estudada, observou-se que: a) no gênero, os homens aplicam mais a regra de CN com PR de .513 e resultado estatístico de 68.2% que as mulheres com .490 de PR e 66.4%, contrariando a hipótese levantada de as mulheres usarem mais a variante padrão que os homens; b) na localidade, Triunfo liderou a aplicação da regra de CN com .564 de PR e 72.8%; Serra Talhada vem, em seguida, com .484 de PR e 65.9% e, por último, a cidade de Afogados da Ingazeira com .472 de PR e 64.8%, e c) na escolaridade, os informantes do Ensino Médio usam mais a variante padrão com PR de .560 e resultado estatístico de 72,6% do que os do Ensino Fundamental com PR de .428 e resultado estatístico de 60.9%.

Em linhas gerais, os autores concluem que há variação na fala do sertão pernambucano no interior dos SNs no que se refere ao número cujas variantes (padrão e não-padrão) podem ser favorecidas por fatores internos e externos à língua.

1.3.1.5 Região Centro-Oeste

1.3.1.5.1 Pereira (2008)

Na Cidade de Goiás-GO, Pereira (2008) realizou sua dissertação com o *corpus* cedido pelo professor Leosmar Aparecido da Silva, da Universidade Federal de Goiás, que o utilizou em sua dissertação Os Usos do “até” na língua falada na cidade de Goiás: funcionalidade e gramaticalização, defendida em 2005.

O objetivo do trabalho de Pereira (2008) foi investigar o apagamento do plural em SNs. Durante a realização da análise, há muitos cruzamentos das variáveis extralinguísticas com as linguísticas, de maneira que a análise individual das variáveis não são consideradas relevantes em sua dissertação. Nas variáveis linguísticas, são analisadas: classe gramatical, posição no sintagma, marcas precedentes e estrutura sintagmática, esta última não será comentada aqui por não ser selecionada para nossa análise. Quanto às variáveis extralinguísticas, a pesquisadora analisou: escolaridade (até a 2ª série e 3ª e 4ª séries), sexo (masculino e feminino) e faixa etária (25 a 35 / 36 a 48/ acima de 65).

A pesquisadora comparou o percentual de cada cruzamento entre os informantes que usavam a variante padrão e o percentual dos que não usavam. Para não tornar extensa e redundante a apresentação dos resultados da pesquisa de Pereira (2008), serão apresentados apenas os percentuais dos que aplicaram a regra de CN.

No cruzamento da escolaridade com o sexo, o percentual entre os que usaram a CN e os que não usaram não foi relevante: para o feminino, por exemplo, houve uma pequena diferença percentual (até a 2ª série, houve um percentual de 52% e, para 3ª e 4ª séries, de 57%). Entre escolaridade e saliência fônica, o uso do plural em –s destacou-se em meio aos demais fatores com média mais elevada de percentual (até a 2ª série), o plural foi utilizado por 55% e, entre os que cursaram a 3ª e 4ª séries, 59% (exemplos: [...] esses gêmeos aí não... (E1-119a), (p. 51)). Cruzando ainda escolaridade com posição linear, o percentual apresentado dos que possuíam até a 2ª série foi de 19% e, para os que cursaram a 3ª e 4ª série, 46%. A última variável que cruzou com escolaridade foi classe gramatical, confirmando-se a hipótese de que o artigo apresenta uma maior marcação de plural: os que possuíam até a 2ª série apresentaram 98% de marca de plural (exemplo: punha as coisa tudo daquela lata (E10-27a) (p.52)) e, os da 3ª e 4ª séries, 99%.

Ao cruzar a variável sexo com a faixa etária, a diferença percentual significativa foi de 20% entre falantes do sexo feminino com idade entre 36 e 48 anos de idade. No cruzamento de sexo com saliência fônica, destacaram-se entre os fatores, com percentual mais alto, o uso do -ns (exemplo: [...] somos quatro homens (E1-4b), (p. 52)), aplicando o sexo feminino o plural com o referido fator em 52% e o masculino, em 73%.

Cruzando posição linear com sexo, o 1º elemento do SN recebe mais marcas de plural, (exemplo: meus dois irmãos mais velhos (E6-15ª) (p. 52)) com os informantes masculinos com mais de 90% de marcação de plural no 1º elemento do SN, ao contrário das mulheres, com um percentual de não aplicação da regra de CN de 74%.

Entre classe gramatical e sexo, o substantivo destacou-se como a classe que recebe mais marcação de plural em relação às demais (exemplo: [...] eu adoro as pessoas aqui em casa, (E10-87b) (2008, p. 52)), apresentando o sexo feminino 98% de aplicação da regra de CN, ao contrário do sexo masculino (18%).

A variável faixa etária, ao ser cruzada com as demais variáveis, obteve os seguintes percentuais: com saliência fônica, nos informantes com 25-35 anos de idade, o percentual de aplicação foi de 57% no plural com –s, enquanto os que possuíam de 36 a 48 anos, 61%; os que tinham mais de 65 anos, a diferença percentual entre os que aplicaram e os que não aplicaram foi irrelevante ao contrário do fator –es, em que os informantes com mais de 65 anos aplicaram mais a regra de CN em 92% das ocorrências. Com posição linear, a presença de plural, utilizada pelas três faixas etárias, é muito frequente nos elementos que estão na 1ª posição (90%), (exemplo: [...] meus dois irmãos mais velhos (E6-15a) (p. 52)). Ao cruzar classe gramatical, o artigo, o pronome e o numeral foram as classes que mais receberam marcação de plural; nesse cruzamento, os informantes com faixa etária de 25 a 35 anos usam a variante padrão em 98%, na faixa etária de 36 a 48 anos, em 99% e, nos que possuíam mais de 65 anos, em 98%, apresentando-se como resultado nivelado.

1.3.2 Estudo na língua escrita

1.3.2.1 Região Sul

1.3.2.1.1 *Christino e Silva (2012)*

Em 2012, Christino e Silva produziram um estudo sobre a concordância verbal e nominal (de gênero e número) na escrita em Português-Kaingang numa parceria da Fundação Nacional do Índio (FUNAI) com as universidades de Ijaí e Passo Fundo realizado nos cursos de mestrado do Projeto Vãfy no período de 2001 a 2005 e 2008. A amostra constitui-se de textos de autoria de professores indígenas em formação, ou seja, que ainda não concluíram sua graduação, oriundos de dez aldeias do Rio Grande do Sul. No geral, foram obtidas 357 avaliações incluindo três áreas: Antropologia, Língua Inglesa e Linguística. Os informantes selecionados foram 138 professores, a maioria do sexo masculino. Segundo as pesquisadoras, o povo Kaingang habitam áreas indígenas não apenas no Rio Grande do Sul, mas também em São Paulo, Paraná e Santa Catarina, representando uma das maiores populações indígenas brasileiras.

Como o nosso trabalho enfoca a concordância nominal de número, será feito um recorte nos resultados encontrados pelas autoras por não centrarmos a atenção no gênero e na concordância verbal. A única variável relacionada à CN trabalhada por Christino e Silva (2012) é a posição do elemento no interior do SN. Dessa forma, analisa-se quais elementos apresentam mais marcas de plural, se os da esquerda ou da direita.

Os resultados obtidos revelam que, em apenas 9% das avaliações, o plural não foi marcado no elemento à direita (ex.: “Ai alguns dos ex cacique” (p. 424)). Sobre a pluralização dos elementos à esquerda do SN, há o percentual de aplicação que corresponde a 38,6% de ocorrências (ex.: “eu sempre ficava com dúvida nas aula de Antropologia.” (p. 424)). Diante disso, Christiano e Silva (p. 425) concluem:

Acreditamos que a opção por expressar a categoria de número plural nos elementos mais à direita do sintagma corresponda a uma influência da língua materna dos professores indígenas. Enquanto o português vem a ser uma língua de cabeça à esquerda (como bem atestam as variedades populares do PB), o Kaingang comporta-se como uma língua de cabeça à direita, em que a marcação das categorias morfosintáticas ocorre na porção direita do SN.

1.3.2.2 Região Sudeste

1.3.2.2.1 Mariano (2013)

Desenvolvendo sua dissertação, Mariano (2013) analisou o fenômeno variável da CN entre os constituintes do SN na escrita de alunos no ensino fundamental em diferentes zonas do Rio de Janeiro. Sobre a realização da análise, a pesquisadora informa:

Para a análise, conta-se com um *corpus* coletado em redações escolares produzidas por alunos do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental II, estratificados segundo gênero e série, bem como perfil sócio-econômico. Para tanto, as redações foram aplicadas em quatro escolas: duas públicas e duas particulares. Uma das escolas públicas localiza-se em Quintino e a outra em Santa Cruz. Já as escolas privadas, em Vila da Penha e a outra na Ilha do Governador, mais especificamente no Jardim Guanabara (MARIANO, 2013, p. 16).

Tratando-se de uma pesquisa embasada na Sociolinguística Variacionista, o objetivo era observar, dentre outros aspectos, a ação normativa da escola e as diferenças entre as localidades onde as escolas estavam situadas, tornando-se mais uma variável extralinguística a ser analisada. Para a constituição do *corpus*, os dados foram extraídos de vinte redações

produzidas em cada ano escolar, dividindo-se o número de produções textuais em número igual para ambos os sexos: 10 redações elaboradas por meninos e 10 redações, por meninas.

Durante a análise, foram analisadas as seguintes variáveis linguísticas: tonicidade, marcas precedentes, posição linear e relativa do constituinte no SN e animacidade. Já as variáveis sociais foram localização das escolas e ano de escolaridade.

No estudo, foram analisadas 297 redações, sendo coletados 2.659 dados no geral, dos quais 2.507 mostram o uso da variante padrão (94,5%) e 150, a variante não-padrão (5,5%). No que se refere à variável marcas do elemento precedente, o fator Ausência de elemento precedente, apresenta .58 da variante padrão (ex.: “ela ganhouØ [muitos apelidos]” (aluna do 6º ano- Escola Municipal Oswaldo Teixeira) (p. 71)). Quanto à posição linear e relativa do constituinte no sintagma nominal, o elemento na 1ª posição apresentou 97% de aplicação da regra de CN e .58 no PR (ex.: “os acontecimentos de antigamente” (aluno do 7º ano- Colégio Esplendor) (p. 88)).

Sobre a localização das escolas, observou-se, através dos PRs e percentuais obtidos, que as escolas particulares favorecem mais a CN que as públicas: as duas escolas particulares obtiveram os maiores resultados de aplicação da CN: Ilha do Governador (98%/ PR: .64) e Vila da Penha (97%/ PR .64) e as públicas, menores índices: Santa Cruz (96%/ PR .38) e Quintino (91%/ PR .24). A pesquisadora deixa claro que não se pode afirmar que os resultados encontrados estão relacionados à natureza institucional (pública x privada), mas há uma relação com os bairros onde as escolas situam-se, com suas especificidades sociais, econômicas e culturais.

Sobre o ano de escolaridade, os dois primeiros anos do Ensino Fundamental II (6º e 7º), apresentaram uma aplicação da regra CN um pouco menor do que os dois últimos anos (8º e 9º): 6º (96%/ PR: .46); 7º=(94%/PR: .40); 8º =(97%/ .56) e 9º=(93%/PR: .51).

A partir dos resultados alcançados, Mariano pontuou que houve um aumento no uso da variante padrão no PB e que a escola continua exercendo influência para que esse uso seja mais frequente na modalidade escrita (94,5% de aplicação da regra de CN).

Em linhas gerais, a pesquisadora abriu espaço para discussões sobre o incentivo ao uso da variante padrão da CN no ensino das escolas, tomando por base a comparação entre os bairros onde se localizavam as escolas.

1.3.3 Estudo na língua falada e escrita

1.3.3.1 Fiamengui (2011)

Em São José do Rio Preto- SP, foi realizado um trabalho que envolvia tanto a língua oral quanto a língua escrita, analisando se ambas as modalidades apontam para comportamentos diversos em relação à marcação de pluralidade no interior do SN e se os fatores linguísticos e extralinguísticos que a condicionam são distintos para cada uma delas.

Os dados selecionados para a pesquisa foram obtidos no noroeste paulista na cidade de São José do Rio Preto. Conforme informa Fiamengui (2011), a subamostra da língua escrita é formada por redações obtidas pelo projeto “Desenvolvimento de Oficinas de Leitura, Interpretação e Produção de Textos no Ensino Fundamental “desenvolvido em uma escola pública da referida cidade. Já as amostras da fala são parte do *corpus* Iboruna, constituído no âmbito do Projeto Amostra Linguística do Interior Paulista (ALIP) sediado no mesmo município e contemplando mais seis cidades circunvizinhas.

Para a obtenção dos dados da fala e escrita, foram selecionados informantes na faixa etária de 10 a 15 anos. A pesquisadora realizou tanto a análise atomística quanto não-atomística. Estando o nosso trabalho inserido apenas na primeira, discorreremos sobre ela, apresentando os percentuais e os PRs dos fatores que compõem as variáveis. A seguir, é apresentado um quadro das variáveis selecionadas, tendo em mente as duas modalidades de uso da língua:

QUADRO 1 – VARIÁVEIS SELECIONADAS NA PESQUISA DE FIAMENGUI (2011)

Variáveis selecionadas para a escrita	Variáveis selecionadas para a fala
Posição linear e classe gramatical	Posição linear e classe gramatical
Gênero ⁷	Idade
Escolaridade	Gênero
Idade	Número de sílabas do item lexical singular
Formalidade dos substantivos e adjetivos	Marcas precedentes ao elemento analisado

⁷ A nomenclatura *gênero*, embora empregada por Fiamengui (2011) em sua pesquisa, não foi adotada no presente trabalho por haver o entendimento de que tal nomeação, quando dirigida ao sexo, pode abranger toda a diversidade de identidade de gênero presente no panorama social brasileiro, tornando o estudo propenso a toda uma discussão que enveredaria por outros caminhos não relacionados aos objetivos pontuados no início do presente estudo. Destarte, a nomenclatura *sexo* aqui adotada restringe-se tão somente a *masculino* e *feminino*.

Até onde analisamos o trabalho da referida pesquisadora, não observamos nenhuma explicação clara acerca do motivo da seleção de variáveis diferenciadas entre ambas as modalidades de uso da língua.

Verificando a variável dependente quanto ao fator aplicação da regra de CN, a língua oral obteve o PR de .11, desfavorecendo, portanto, o uso da variante padrão, ao contrário da língua escrita, com peso de .65.

Observando que as variáveis linguísticas posição linear e classe gramatical são comuns na análise de ambas as modalidades, a autora verificou que, quando colocados em primeira posição no SN, os determinantes recebem mais marcas de plural (língua escrita= PR: .56/ 97,3%; língua oral= PR: .86/ 98,3). A seguir, observem-se dados de fala e de escrita analisados pela autora que evidenciam o uso da variante padrão e não-padrão:

Dados da língua falada:

- (i) a. “no futuro... vai ter muitas coisas eletrônicas muito mais do que tem hoje” (IBORUNA, AC011, L245-246).
- b. “Passando-se o tempos nós tínhamos só mais dois dias para curtir” (IKFS, 8ª, P6).

Dados da língua escrita:

- (ii) a. “quando ele/ os alunos né? por causa da formatura alugaram uma chácara né?” (IBORUNA, AC011, L61-62).
- b. “não de gritar... gritar bater a porta éh fazer gri/ assim esses negócio que professor chato faz... (IBORUNA, AC014, L371-372).

Quanto às variáveis extralinguísticas, os resultados mostram que, na variável gênero, as mulheres aplicam mais a CN (.56) na língua escrita do que homens (.37), já estes aplicam mais a CN padrão na língua falada, apresentando um PR de .65 do que as mulheres (.32). Com base nesses resultados, observamos que se encontram no nível de neutralidade ou abaixo dele, exceto, o resultado dos homens para a língua falada. No que se refere à faixa etária, observamos que, na modalidade escrita, os informantes com 10 anos de idade apresentavam uma maior aplicação da regra CN com um PR de .60 e, na fala daqueles com 11 anos, um PR de .79. Quanto à escolaridade, na modalidade escrita, o maior grau de escolaridade favorece a pluralização dos elementos no SN, pois os informantes da 8ª série obtiveram um PR de .66. Na relação de formalidade (que consiste na abstenção de gírias e demais traços de

informalidade entre as palavras) entre adjetivos e substantivos, ao analisar os dados da escrita, o fator formal obteve um PR de .51 e o informal, .34; nos dados da língua falada, um PR de .46 para o fator formal e .62 para o informal. Mais uma vez, quase todos os resultados estão no nível de neutralidade ou abaixo dele, exceto o fator informal para a língua falada. No que se refere à saliência fônica sob a dimensão número de sílabas, foi verificado que o fator uma sílaba obteve um PR de .72, favorecendo a variante padrão. Já, na relação entre marcas precedentes ao elemento analisado e marcação explícita de pluralidade, o fator marca formal de plural na segunda posição obteve um PR de .67, favorecendo mais a aplicação da regra de CN.

Observamos que o trabalho da autora diferencia-se de pesquisas anteriores já realizadas sobre o fenômeno da variação da CN no Brasil por ampliar a discussão com a comparação entre as modalidades da língua (escrita e oral), o que realizamos. Cumpre-nos destacar que embora a autora supracitada também tenha trabalhado com ambas as modalidades de uso da língua, não analisou a fala e escrita dos mesmos informantes, em tal situação, nosso trabalho contribui de forma mais precisa para um estudo comparativo da CN de número no aspecto comparativo entre fala e escrita por analisar dados de ambas as modalidades supracitadas pelos mesmos informantes.

Tomando por base os trabalhos percorridos nesta subseção, apresenta-se, a seguir, um quadro-síntese desses estudos:

1.3.4 Quadro-síntese dos estudos

QUADRO 2 – SÍNTESE DOS ESTUDOS REALIZADOS SOBRE A CONCORDÂNCIA NOMINAL NO BRASIL

(continua)

REGIÃO	TÍTULO	AUTOR	ANO	MODALIDADE	VARIÁVEL	
					Linguística	Extralinguística
SUL	<i>Rupturas e contínuos na concordância nominal de número em textos orais de informantes de Tubarão (SC) e São Borja (RS)</i>	ANDRADE, Leila Minatti	2003	ORAL	<i>Classe gramatical; posição dos elementos no SN; relação do núcleo com o SN; marcas precedentes; processos morfofonológicos de formação de plural; tonicidade dos itens e graus do substantivo e adjetivo</i>	<i>Faixa etária; sexo; escolaridade; cidade</i>

	<i>O fator faixa etária e a concordância nominal na linguagem falada na cidade de Irati, PR</i>	LOREGIAN-PENKAL, Loremi; RIBEIRO, Vanessa Veis e RIBEIRO, Vanessa Veis	2012	ORAL	_____	Idade; grau de escolaridade
SUDESTE	<i>Reanálise da Concordância nominal em português</i>	SCHERRE, Maria Marta Pereira	1988	ORAL	Saliência fônica; classe gramatical; marcas precedentes; posição do elemento no sintagma; contexto fonético/fonológico seguinte; função sintática do SN; traços mórficos, semânticos e estilísticos do substantivo e/ou do adjetivo; pluralidade do contexto	Sexo; idade; grau de escolaridade
	<i>Um estudo sociolinguístico sobre a concordância nominal em Pedro Leopoldo/Minas Gerais</i>	SANTOS, Lília Soares Miranda	2011	ORAL	Elementos não-nucleares do SN; classe gramatical; posição do elemento no SN	Grupo social; faixa etária; nível de escolaridade
NORTE	<i>A concordância de número no sintagma nominal na fala urbana de Rio Branco</i>	CARVALHO, Raimunda Coelho de	1997	ORAL	Saliência fônica; posição do elemento no SN; classe gramatical; marcas precedentes; contexto fonético e fonológico seguinte	Sexo; grau de escolaridade; grau de formalismo no discurso
	<i>Uma abordagem sociolinguística da concordância nominal de número no falar dos habitantes do município amazonense de Benjamin Constant</i>	MARTINS, Flávia Santos	2010	ORAL	Posição do elemento no SN; saliência fônica; classes gramaticais	Sexo; idade
NORDESTE	<i>A concordância de número no sintagma nominal na fala dos estudantes da rede pública de ensino de Santo Antonio de Jesus-BA</i>	LEMOS, Dayane Moreira	2010	ORAL	Configuração sintagmática do SN; função sintática do SN; número de constituintes do SN; saliência fônica	Gênero, procedência geográfica; escolaridade

	<i>A variação da concordância nominal de número na língua falada no sertão pernambucano</i>	<i>SEDRINS, Adeilson Pinheiro; SIQUEIRA, Alane Luma Santana & SANTOS, Renata Lívia de Araújo</i>	2015	ORAL	<i>Posição linear; classe gramatical</i>	<i>Gênero, escolaridade; município</i>
CENTRO-OESTE	<i>O apagamento do plural em sintagmas nominais numa comunidade de fala da cidade de Goiás</i>	<i>PEREIRA, Cleuzira Custodia</i>	2008	ORAL	<i>Classe gramatical; posição no sintagma; marcas precedentes; estrutura sintagmática</i>	<i>Sexo; faixa etária</i>
SUL	<i>Concordância verbal e nominal na escrita em Português-Kaingang</i>	<i>CHRISTINO, Beatriz & SILVA, Moana de Lima</i>	2012	ESCRITA	<i>Posição do elemento no SN</i>	_____
SUDESTE	<i>O fenômeno da concordância nominal em redações escolares</i>	<i>MARIANO, Mara Pereira</i>	2013	ESCRITA	<i>Saliência fônica; tonicidade; marcas precedentes; posição linear e relativa do constituinte do SN; animacidade; tipologia textual</i>	<i>Localização das escolas; classe social; ano de escolaridade; gênero/sexo; faixa etária.</i>
	<i>A marcação de pluralidade no SN na fala e na escrita de adolescentes da região de São José do Rio Preto</i>	<i>FIAMENGUI, Ana Helena Rufo</i>	2011	ESCRITA E ORAL	<i>Língua escrita: posição linear; classe gramatical; formalidade dos substantivos e adjetivos língua falada: posição linear; classe gramatical; número de sílabas do item lexical singular; marcas precedentes ao elemento analisado</i>	<i>Gênero; escolaridade; idade</i>

1.4 OBJETIVOS

1.4.1 Geral

Investigar o fenômeno variável da concordância de número no interior do SN, tendo em mente um estudo comparativo entre a língua falada e a língua escrita de alunos belo Jardimenses do Ensino Fundamental ao Ensino Médio de escolas da rede pública e particular.

1.4.2 Específicos

- Descrever as variáveis linguísticas e extralinguísticas que podem exercer influência no fenômeno linguístico em análise na fala e na escrita de alunos belojardinenses, tomando por base estudos já realizados sobre o fenômeno;
- Analisar quais fatores linguísticos favorecem ou não a aplicação da regra de CN na fala e na escrita de alunos belojardinenses;
- Verificar se fatores extralinguísticos (ex.: maior grau de escolarização em todas as escolas investigadas) contribuem para o aumento de aplicação da regra de CN;
- Comparar os resultados obtidos neste trabalho investigativo com os de outras pesquisas no campo da Sociolinguística Variacionista, tendo em mente a construção do perfil sociolinguístico dos educandos belojardinenses;
- Investigar se existe assimetria em relação à CN entre fala e escrita, tomando por base os percentuais e resultados probabilísticos obtidos para os fatores linguísticos e extralinguísticos submetidos à análise.

1.5 QUESTÕES E HIPÓTESES DE TRABALHO

1.5.1 Questões

1.5.1.1 Sobre as variáveis linguísticas

- Em que posição o elemento recebe mais marca de plural no interior do SN?
- Qual classe gramatical mais favorece a CN padrão?
- Nas marcas precedentes, havendo um elemento antecedente com marca de plural será favorecido o uso da variante padrão?
- Qual contexto de saliência fônica voltada aos processos morfofonológicos de formação do plural favorecerá a aplicação da regra CN?
- Existe uma assimetria entre fala e escrita nos dados submetidos à análise, sendo a segunda mais favorecedora da variante padrão?

1.5.1.2 Sobre as variáveis extralinguísticas

- Os informantes do sexo feminino usam mais a variante padrão?
- Quanto maior o grau de escolaridade maior o uso da variante padrão?

- A idade influencia no uso da variante padrão?
- O tipo de escola favorece o uso da variante padrão?

1.5.2 Hipóteses

1.5.2.1 Sobre as variáveis linguísticas

- Levando em consideração que os pesquisadores que abordam a concordância de número no interior do SN são unânimes em concluir, a partir de resultados estatísticos e probabilísticos, que há uma maior marcação de plural no 1º elemento do SN (cf. ANDRADE, 2003; MARTINS, 2010; SCHERRE, 1988; SANTOS, 2010 e CARVALHO, 1997), levantamos a hipótese de que nos SNs favorecerão mais o uso da variante padrão os elementos que ocupam a 1ª posição.
- Na variável classe gramatical, ao observarmos resultados de pesquisas sociolinguísticas que apontam para o fato de os substantivos favorecem mais a CN padrão (cf. ANDRADE, 2003 e CARVALHO, 1997), inferimos que essa classe gramatical deverá motivar mais a variante padrão;
- Nas marcas precedentes, seguindo a análise de Scherre (1988) de que a ausência de pluralização no SN, sendo zero na 1ª posição favorece a variante padrão, há uma motivação para hipotetizar de que apenas um elemento precedente e sem marca de plural favorecerá mais a aplicação da regra de CN.
- Baseando-nos em Andrade (2003) que verifica que itens terminados em -L obtiveram um alto PR de .94, hipotetizamos que esse fator também possa favorecer a aplicação da regra de CN;
- É possível supormos que, ao deparar-se com uma proposta de produção textual escrita, o aluno possa se sentir em uma situação de maior monitoramento na construção de seu texto, o que poderá vir a desencadear maior uso da variante padrão na língua escrita do que na língua falada.

1.5.2.2 Sobre as variáveis extralinguísticas

- Diferentes trabalhos apontam que as mulheres usam mais a variante padrão (cf. SCHERRE, 1988; SANTOS, 2010; MARTINS, 2010 e LEMOS, 2010). Levando

em consideração os resultados obtidos nesses estudos, hipotetizamos que informantes do sexo feminino aplicarão também mais a regra de CN;

- A escola procura manter o padrão normativo no ensino de Língua Portuguesa (cf. POSSENTI, 1996; FARACO e ZILLES, 2015). Dessa forma, subentende-se que, quanto mais tempo um informante frequentar a escola, maior será a frequência de uso da variante padrão. Pesquisas sociolinguísticas têm mostrado que informantes com maior nível de escolaridade usam mais essa variante (cf. SCHERRE, 1988; FIAMENGUI, 2011 e ANDRADE, 2003). Santos (2010, p. 14) afirma que:

A literatura específica sobre o estudo de concordância nominal de número no Brasil vem confirmando a hipótese de que, quando mais escolarizado o informante é, maior é a sua propensão a aplicar a regra de concordância de número no SN, como também o inverso é verdadeiro; isto é, quanto menor o grau de escolarização, menor é a probabilidade de o informante usar a forma padrão de concordância nominal.

- Geralmente é possível observarmos que, em estudos sociolinguísticos, são estabelecidas diferentes faixas etárias (cf. LORENGUIAN-PENKAL; RIBEIRO; RIBEIRO, 2012; SEDRINS; SIQUEIRA; SANTOS, 2015). Em concordância com os resultados obtidos por Scherre (1988) de que, quanto maior a faixa etária, maior o uso da variante padrão, o presente trabalho hipotetiza que os alunos mais velhos farão também mais uso dessa variante.
- Observando a escassez de estudos sociolinguísticos sobre a CN que não incluem a variável tipo de escola e, apoiando-nos no estudo de Mariano (2013) de que uma assimetria pode ser observada entre a rede pública e privada de ensino: esta apresentando maior uso da variante padrão do que aquela, nossa hipótese é que, na rede pública de ensino da cidade de Belo Jardim-PE, seja possível encontrarmos menos o uso da variante padrão pelo fato de os estudantes morarem e conviverem com pessoas com menor grau de escolaridade que estão inseridas em comunidades mais carentes da referida cidade.

2 QUADRO TEÓRICO-METODOLÓGICO

2.1 QUADRO TEÓRICO

A eclosão da Sociolinguística deu-se em 1964 (cf. CAMACHO, 2013), tendo como principal representante o norte-americano William Labov que se destacou com suas pesquisas realizadas na América do Norte, direcionadas à explicação de variações na língua falada, conforme consta em seu livro *Padrões Sociolinguísticos* (2008).

Sob a perspectiva da Sociolinguística, Labov (2008 [1972]) estabelece uma relação entre a língua e o seu uso comunicativo na sociedade. Nesse sentido, a Sociolinguística é, segundo Coelho et al. (2015, p. 12), “[...] uma área da Linguística que estuda a relação entre a língua que falamos e a sociedade em que vivemos.”, e, para Paula (2011, p. 30), uma “(...) ciência interdisciplinar que se ocupa das relações entre língua e sociedade, por meio de uma investigação empírica [...]”.

Ao contrário da Sociologia da Linguagem que visa ao “estudo da sociedade em relação com a linguagem”, a Sociolinguística visa ao “estudo da linguagem em relação com a sociedade” (cf. HUDSON, 1984 apud MONTEIRO, 2000, p. 27). Dessa forma, seu principal objetivo é: “[...] investigar o grau de estabilidade ou de mutabilidade da variação, diagnosticar as variáveis que têm efeito positivo ou negativo sobre a emergência dos usos linguísticos alternativos e prever seu comportamento regular e sistemático” (MOLLICA, 2003, p.11).

Por haver uma atenção nesta pesquisa à variação linguística, é imprescindível pontuarmos que a heterogeneidade linguística, como definida por Coelho et al. (2015), é a relação de estrutura e variabilidade da língua. Nesse sentido, o sistema linguístico é heterogêneo e composto por regras variáveis condicionadas por fatores linguísticos e/ou extralinguísticos. Nesse sistema, formas linguísticas distintas são usadas em um mesmo contexto e com o mesmo valor de verdade para expressar um mesmo significado (as chamadas variantes linguísticas (cf. TARALLO, 1985). Ao conjunto de variantes, dá-se o nome de variável (dependente). Sobre essa variável, atuam variáveis independentes (linguísticas e extralinguísticas) que exercem influência para o uso de uma das variantes. No caso do fenômeno linguístico em estudo, a variável dependente é composta da aplicação da regra de CN (a variante padrão) (ex.: os meninos) e da não-aplicação dessa regra (a variante não-padrão) (ex.: os menino). Já as variáveis independentes selecionadas na presente pesquisa

são linguísticas (classe gramatical; posição do elemento no SN; saliência fônica e marcas precedentes) e extralinguísticas (sexo; faixa etária; grau de escolaridade e tipo de escola).

Weinreich, Herzog e Labov (2006 [1968]) defendem que a variação linguística é um provocador de mudança que ocorre em uma estrutura que deve encaixar-se tanto no aspecto linguístico quanto social. Paralelo a isso, compreendemos que nem toda variação ocasiona mudança, mas toda mudança pressupõe variação, ou seja, se surgir uma nova variante, não quer dizer que a antiga se tornará obsoleta; as duas podem ser utilizadas por grupos distintos de uma mesma comunidade por anos sem que uma elimine a outra.

Segundo Monteiro (2000, p. 63-66), as variantes podem ser:

1. livres e combinatórias: são livres quando duas unidades estão no mesmo ambiente linguístico, mas pode haver uma substituição recíproca sem alterar o sentido da palavra (ex: problema ~problema), mas, se não estão no mesmo ambiente, diz-se que estão em distribuição complementar e são denominadas de combinatórias (ex.: o fonema /t/, que ocorre antes da vogal /i/ nas palavras tia, tigela e tive). Já, em outros ambientes, essa variação não ocorre (ex.: tala, atolado, teme);
2. variantes de prestígio: estão associadas ao status socioeconômico, pois, se determinada classe social que possui alto poder aquisitivo utiliza determinada forma linguística, conseqüentemente, passa a ser admirada e considerada superior às demais classes. O autor exemplifica esse tipo de variante com o /s/ implosivo ou chiante, utilizado no dialeto carioca a partir de 1808, quando a corte portuguesa, que já usava essa variante, passou a morar permanentemente no Rio de Janeiro;
3. variantes estigmatizadas: estão associadas a formas linguísticas usadas pelas classes mais baixas e por indivíduos com nenhum ou pouco grau de escolarização, sendo consideradas “erradas” pela classe dominante (ex.: pranta, nós vai, eu sube, etc);
4. variantes inovadoras ou conservadoras: a variante considerada mais antiga e tradicional é a conservadora, atendendo ao padrão normativo, cujos exemplos podem ser os mesmos apresentados para a variante de prestígio, sendo-lhe atribuído um papel de maior prestígio na sociedade. Já a variante inovadora é a que apresenta uma nova forma utilizada pelo usuário de uma língua (ex.: o apagamento do /s/ no interior dos sintagmas nominais (as festaØ), tal como estudado nesta pesquisa).

Coelho et al. (2015, p. 23-51), ao abordarem a heterogeneidade linguística, apresentam variações vistas “de dentro” e “de fora da língua”. Observemos, a seguir, algumas dessas variações:

- Variações vistas de dentro da língua:
 - a) variação lexical: associada, em algumas ocasiões, à variação regional, distinguindo o léxico do falante de cada região (ex.: abóbora ~ jerimun; abacaxi ~ ananás).
 - b) variação fonológica: diz respeito à existência de determinados fenômenos fonológicos como por exemplo: leit [i]; f [u]gão; a [is] menina.
 - c) variação morfológica: refere-se a alterações feitas no morfema da palavra (ex.: supressão do –r que marca o infinitivo dos verbos, como andá, vende, etc.);
 - d) variação morfofonológica: variação que integra aspectos fonológicos e morfológicos (ex.: dançano, fia, homi);
 - e) variação morfossintática: variação que integra morfologia com sintaxe. (ex.: tu anda (por “tu andas”)).
- Variações vistas de fora da língua:
 - a) variação regional, geográfica ou diatópica: ajuda a identificar de qual localidade o indivíduo é morador, estabelecendo diferenças linguísticas de região para região;
 - b) variação social ou diastrática: reflete a classe ou grupo social a que o indivíduo pertence;
 - c) variação estilística ou diafásica: diz respeito à maneira como o indivíduo se expressa a depender da situação de formalidade ou informalidade;
 - d) variação na fala e na escrita ou diamésica: Coelho et al. (2015, p. 48) observam

A palavra diamésica se relaciona etimologicamente à ideia de vários meios; no contexto da Sociolinguística, os meios ou códigos a que nos referimos são a fala e a escrita. É importante notar que este é um tipo de variação linguística um tanto diferente dos que vimos até agora, pois concerne a características de dois códigos distintos enquanto os outros tipos dizem respeito a fenômenos que se manifestam no mesmo código- geralmente o da fala (embora de uns anos para cá haja cada vez mais estudos sociolinguísticos em que a escrita é o meio analisado).

Vale dizermos, com base nos diferentes tipos de variações acima apresentados, que Coelho et al. (2015, p. 66-67) afirmam que Labov estabelece três categorias de significado social das formas em variação, fundamentadas no nível de consciência que o informante possui sobre determinada variável, são elas:

- a) Estereótipos: podem ter prestígio ou estigmatização, tratando-se de traços marcados socialmente de forma consciente pelo indivíduo. Geralmente, são explorados com exagero por personagens da mídia, em programas humorísticos, novelas ou filmes (ex.: variantes nordestinas, cariocas, etc.);
- b) Marcadores: constituem-se em traços que apresentam perfil estilisticamente sociais numa condição estratificada. Mesmo sendo estigmatizados em determinadas comunidades, de maneira espontânea e consciente, os informantes fazem uso dos mesmos quando fazem parte de sua rotina linguística. Exemplos desse tipo de traço são os pronomes ‘tu’ e ‘você’ em regiões brasileiras específicas, os quais são usados a depender das variáveis estilísticas, tais como: grau de intimidade e faixa etária;
- c) Indicadores: tratam-se de elementos linguísticos que não estão sujeitos à variação estilística, mas diferenciam-se quanto ao uso social no que diz respeito à região geográfica, idade ou grupo social (ex.: as monotongações (‘feijão’/’fejão’)).

Tomando por base o que foi abordado até o momento, podemos dizer que nesta dissertação a variação estudada enquadra-se no âmbito morfossintático, estando também inserida a variação diamésica ao visarmos estabelecer uma comparação entre os dados de fala e de escrita. No que diz respeito à categoria de significado social, os indicadores serão aqui discutidos por serem levadas em conta as variáveis sexo, idade, escolaridade e tipo de escola.

Em linhas gerais, assumimos com Labov (2008 [1972]) que as línguas apresentam um dinamismo inerente, tendo em vista que variam em contextos reais de comunicação no uso interativo entre seus indivíduos que reunidos constituem uma comunidade de fala. Segundo ele, essa comunidade não é simplesmente um grupo de usuários da língua que compartilha as mesmas formas da língua, mas um grupo de usuários que, além disso, interage sob as mesmas normas a respeito do uso dessa língua.

Guy (2001) ainda estabelece critérios para o conceito de comunidade de fala, mencionando (a) a partilha dos traços linguísticos diferentes de outros grupos, (b) a alta frequência de comunicação entre os falantes e (c) a semelhança nas normas e atitudes em

relação ao uso da língua. A partir desses conceitos, os sujeitos desta pesquisa (alunos belo Jardimenses) enquadram-se em uma mesma comunidade de fala por estarem inseridos numa mesma cidade.

Vale dizermos ainda que, centrando a atenção no fenômeno linguístico variável da CN, esta pesquisa, embasada na comparação entre dados de fala e de escrita, verificará quais fatores linguísticos ou extralinguísticos favorecem ou não o uso da variante padrão na comunidade de fala em estudo, a fim de compará-la com outras comunidades de fala já investigadas em outras pesquisas, conforme já enunciado no capítulo 1 desta dissertação.

2.1.1 Sobre a língua falada e a língua escrita

2.1.1.1 Breves incursões

Sendo um dos focos deste trabalho a discussão dos dados no âmbito da língua falada, observamos que, na atualidade, essa modalidade de uso da língua tem começado a receber um tratamento no ambiente escolar, o que era outrora locus de muitas discussões no âmbito dos estudos linguísticos. É fato que a língua falada é usada pela humanidade ao longo da sua existência para fins comunicativos. Tomando por base a oralidade como uma das práticas sociais, Marcuschi (2008, p. 25) destaca:

A **oralidade** seria uma prática social interativa para fins comunicativos que se apresenta sob variadas formas ou gêneros textuais fundados na realidade sonora; ela vai desde uma realização mais informal à mais formal nos mais variados contextos de uso. Uma sociedade pode ser totalmente oral ou de oralidade secundária [...]

É fato que a língua falada é mais antiga que a escrita e não precisa de uma metodologia ou didática para desenvolver-se. Consideramos que é adquirida de forma natural pelos indivíduos na interação com outros de sua comunidade de fala, caracterizando a identidade social, regional ou grupal de indivíduos (cf. MARCHUSCHI, 2008). Portanto, quanto ao desenvolvimento e uso, a língua falada não necessita de recursos tecnológicos e nem de um acompanhamento pedagógico gradativo para fins de sua produção como ocorre com a língua escrita. Embora o autor argumente a favor de uma perspectiva não-dicotômica, há estudos que se embasam nessa perspectiva. Apresentamos, a seguir, um quadro extraído de Elias e Koch (2014) que apresentam as dicotomias em que se fundam esses estudos:

QUADRO 3 – DICOTOMIA ENTRE FALA E ESCRITA (ELIAS; KOCH 2014)

FALA	ESCRITA
contextualizada	Descontextualizada
implícita	Explícita
redundante	Condensada
não planejada	Planejada
predominância do modus pragmático	predominância do modus sintático
fragmentada	não fragmentada
incompleta	Completa
pouco elaborada	Elaborada
pouca densidade informacional	densidade informacional
predominância de frases curtas, simples ou coordenadas	predominância de frases complexas, com subordinação abundante
pequena frequência de passivas	emprego frequente de passivas
poucas nominalizações	abundância de nominalizações
menor densidade lexical	maior densidade lexical

Cumpramos, porém, deixarmos claro que, no presente trabalho, não há aderência às teorias que se fundam na dicotomia acima, considerando, por exemplo, a fala vulnerável a “erros gramaticais” e a escrita voltada a padrões normativos. Pelo contrário, assumimos com Marcuschi (2008) que as duas modalidades de uso da língua fazem parte de um continuum que é possível percebermos ao longo de diversas práticas sociais (a saber, os gêneros textuais). Posicionando-se de forma contrária à dicotomia exemplificada no quadro acima, Elias e Koch (2014, p. 14) argumentam:

- nem todas essas características são exclusivas de uma ou de outra das duas modalidades;
- tais características foram sempre estabelecidas tendo por parâmetro o ideal da escrita (isto é, costumava-se olhar a língua falada através das lentes de uma gramática projetada para a escrita), o que levou a uma visão preconceituosa da fala (descontínua, pouco organizada, rudimentar, sem qualquer planejamento), que chegou a ser comparada à linguagem rústica das sociedades primitivas ou à das crianças em fase de aquisição da linguagem.

Apesar de não considerarmos a escrita como uma modalidade superior à fala, cumpre destacarmos sua relevância na vida do homem, posto que, dentre outros aspectos, preserva a identidade social e cultural de cada povo:

A fixação do conhecimento pela escrita nos dá notícia do que outros povos conheceram e conhecem, do mesmo modo que a presença da cultura oral se dá com a preservação das línguas sendo faladas. Povos desaparecidos e que nada deixaram escrito certamente nos são hoje desconhecidos sob quase todos os aspectos e suas invenções e conquistas não nos foram legadas. Esse é um aspecto importante da escrita, ou seja, seu poder de fixação do conhecimento independente dos indivíduos.

Mas isso não significa que esse conhecimento seja autônomo e tenha vida própria independente dos seres que o constituíram (MARCUSCHI; HOFFNAGEL, 2005, p. 96).

Assim, a escrita concede o conhecimento de saberes legados a outros povos que não são conhecidos e que, através dos registros preservados, tem-se notícia de suas conquistas e descobertas.

Em linhas gerais, podemos dizer que a escrita acompanha a evolução tecnológica da humanidade em termos de produção e variação, além de ser possível verificarmos o dinamismo linguístico ocasionado por variações condicionadas por fatores internos e/ou externos a ela, mesmo que em menor frequência do que a fala, conforme evidenciam, por exemplo, os resultados apresentados nos capítulos 3, 4 e 5 desta dissertação (cf. também FIAMENGUI, 2011).

2.1.1.2 A relação entre fala e escrita

Nesta pesquisa, assumindo com Marcuschi (2008, p. 32) que a língua escrita e a língua falada “não são propriamente dois dialetos, mas sim duas modalidades de uso da língua”, temos consciência de que não existe uma hierarquia entre elas, mas que “as relações entre fala e escrita não são óbvias nem lineares, pois elas refletem um constante dinamismo fundado no continuum que se manifesta entre essas duas modalidades de uso da língua”.” (MARCUSCHI, 2010, p. 34). Além disso,

As relações entre oralidade e escrita se dão num contínuo ou gradação perpassada pelos gêneros textuais, e não na observação dicotômica de características polares. Isso significa que a melhor forma de observar a relação fala-escrita é contemplá-la num contínuo de textos orais e escritos, seja na atividade de leitura, seja na produção. Esse contínuo é de tal ordem que, em certos casos, fica difícil distinguir se o discurso produzido deve ser falado ou escrito. Tome-se, por exemplo, o caso da notícia de um telejornal que só aparece na forma falada, mas é a leitura de um texto escrito. Trata-se de uma oralização da escrita, e não de língua oral. Ou então a publicação de entrevistas em revistas e jornais que originalmente foram produzidas na forma oral, mas só nos chegaram pela escrita. Trata-se de uma editoração da fala. E o mesmo ocorre com o teatro, o cinema e as novelas televisivas. Esses não são gêneros orais em sua origem, mas surgem como escritos e depois são oralizados, chegando ao público nessa forma. (DIONISIO; MARCUSCHI, 2005, p. 17).

Pensando agora, mais especificamente, no contexto escolar, é, no contato direto com diferentes gêneros produzidos na fala e na escrita, que o aluno compreenderá o uso e as características de cada gênero, relacionando-o ao seu contexto de uso. Só assim, por meio da comparação e análise de diferentes práticas sociais, será possível uma discussão sobre os

múltiplos usos das línguas em diferentes contextos comunicativos. Nessa análise, por exemplo, é importante que seja considerada a formulação textual, pois

As diferenças entre oralidade e escrita podem ser melhor observadas nas atividades de formulação textual manifestadas em cada uma das duas modalidades, e não em parâmetros fixados como regras rígidas. Essas atividades se dão, na fala, em tempo real, o que acarreta diferenças com a escrita, em razão da natureza do processamento. Certamente, há algumas observações especiais quanto à escrita em tempo real, síncrona, nos bate-papos pela internet, mas esses são casos especiais a serem ainda analisados (DIONISIO; MARCUSCHI 2005, p. 17).

Além disso,

As estratégias interativas com todas as atividades de contextualização, negociação e informatividade não aparecem com as mesmas marcas na fala e na escrita. Mas essas ações ocorrem em ambos os casos com marcas e estratégias específicas, pois uma das características centrais da língua é ser uma atividade interativa. Isso significa que a diversidade nas regras sintáticas e na seleção de itens lexicais e uso de marcas para realização de tarefas similares na fala e na escrita difere quanto aos recursos, mas não no sistema linguístico. Não se trata de uma gramática diferente para a oralidade e escrita a ponto de se poder dizer que há um novo sistema linguístico na escrita. (DIONISIO; MARCUSCHI, 2005, p. 18).

De acordo com a citação acima, não há uma gramática diferenciada para a língua falada e outra para língua escrita ao ponto de se afirmar que o sistema linguístico não é mais o mesmo, mas o que pode se alterar são as diversas dinâmicas interativas que a língua em ambas as modalidades realiza. Nesse sentido, podemos dizer que essa perspectiva de análise conjuga-se à ideia que adotamos neste trabalho: a heterogeneidade linguística é intrínseca às duas modalidades de uso da língua, levando em conta que a variação linguística não produz desorganização no sistema e não ocorre aleatoriamente.

No que se refere aos fenômenos linguísticos, Dionísio e Marcuschi (2005, p. 18) pontuam:

É impossível detectar certos fenômenos formais diferenciais entre a oralidade e a escrita que sejam exclusivos da escrita ou da fala. Todos os parâmetros linguísticos são relativos e podem em algum momento aparecer em ambas. Não existe alguma característica ou algum traço linguístico na fala ou na escrita (uma forma linguística) que possa marcar com absoluta segurança e delimitação entre ambas as modalidades. Por exemplo, não existe uma preposição, um pronome, um artigo, uma forma verbal, etc., que seja exclusiva da oralidade ou da escrita. Trata-se de um contínuo de diferenças e semelhanças entrelaçadas. Mas, como a fala tem suas estratégias preferenciais e a escrita também, podemos, com alguma facilidade, identificar cada uma de maneira bastante clara.

Um aspecto bastante associado aos fenômenos mencionados acima tem a ver com o dinamismo linguístico presente na fala e na escrita, conforme já enunciado:

Tanto a fala como a escrita variam de maneira relativamente considerável. A sociolinguística já se ocupava com a variação na fala, mas a escrita pouco foi observada sob esse aspecto, já que sempre se disse que a escrita era homogênea e estável. Contudo, exceção feita à grafia das palavras que é normatizada, não parece haver grande homogeneidade nas formas de escrever. Quando vista sincronicamente, a grafia é homogênea, com uma ortografia oficial, mas ela varia ao longo da história. O certo é que a norma é mais enfatizada na escrita, mas ela não tem irrestrita observação. Tem-se afirmado, com alguma razão, que a escrita tem normas que se impõem suprarregionalmente, e a fala apresenta variações mais notáveis de região para região. Em parte, isso pode ser visto como o reflexo da tradição cultural que se ocupou de elaborar normas gerais de uso para a escrita e cultivou a língua literária como modelo. Em contrapartida, como não é viável propor uma gramática normativa para a fala com a pronúncia, léxico e formas únicas de norte a sul, já que isso levaria a proibição de as pessoas falarem como falam, ela ficou sempre submetida à diversidade de usos. Assim, se na escrita as diferenças são estilísticas, na fala elas não são. A fala não pode ser normatizada por algum conjunto de regras gerais como no caso da escrita. (...) (DIONISIO; MARCUSCHI, 2005, p. 19-20).

Portanto, fica claro o porquê de a língua escrita merecer pouco (ou quase nunca) um tratamento adequado, principalmente, no início dos estudos linguísticos sobre variação, por ser, durante algum tempo, considerada um sistema homogêneo e estável, o que não é o caso:

[t]anto a fala como a escrita seguem o mesmo sistema linguístico. Nesse caso afirma-se que não há dois sistemas linguísticos diversos numa mesma língua, um para a fala e outro para a escrita. Se notamos variações nos dois tipos de uso do sistema, isso se deve a estratégias de seleção de possibilidades do próprio sistema. Não há, pois, necessidade de postular para a fala outro sistema linguístico só porque notamos nela uma redução de elementos morfológicos, por exemplo, ou porque a ordem das palavras em certos casos é diversa, ou então pela expressiva presença de marcadores conversacionais e hesitações, bem como pelos frequentes apagamentos e correções. A fala tem o dom de “impor” à escrita certas tendências formais, como no caso da dupla negação que só existia como fenômeno na fala e hoje já pode ser encontrado com frequência também na escrita (...) (DIONISIO; MARCUSCHI, 2005, p. 20-21).

2.2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Nesta seção, abordaremos as etapas metodológicas realizadas para a execução deste estudo. Para tanto, descreveremos os métodos empregados, a coleta dos dados, os instrumentos utilizados e a população investigada, tomando por base sua cultura, localização e demais características de seu perfil social. Além disso, apresentaremos as variáveis linguísticas e extralinguísticas selecionadas para posterior codificação e análise quantitativa dos dados de língua falada e escrita coletados na cidade de Belo Jardim, localizada no agreste do estado de Pernambuco.

2.2.1 Método utilizado

2.2.1.1 Método de abordagem

2.2.1.1.1 Método indutivo

Entendendo que o método indutivo parte da observação acurada de dados particulares para se chegar a uma generalização, Lakatos e Marconi (2007, p. 86) apresentam a seguinte definição:

Indução é um processo mental por intermédio do qual, partindo de dados particulares, suficientemente constatados, infere-se uma verdade geral ou universal, não contida nas verdades examinadas. Portanto, o objetivo dos argumentos indutivos é levar a conclusões cujo conteúdo é muito mais amplo do que o das premissas nas quais se basearam.

Freitas e Prodanov (2013, p. 28-31), por sua vez, observam que esse método apresenta as seguintes características:

- a) procura investigar a relação entre dois fenômenos para chegar a uma generalização;
- b) a generalização é oriunda de observações de casos da realidade concreta;
- c) o intuito da investigação é formular leis para descrição, explicação e previsão da realidade;
- d) parte da observação para posteriormente realizar a formulação de hipóteses;
- e) tem o objetivo de ampliar o alcance dos conhecimentos.

Com base no acima exposto, esta pesquisa embasada em dados de fala e de escrita cujo *corpus* é composto da presença *versus* ausência da aplicação da regra de CN, partiu da observação desses dados, conduzindo-nos a levantar a hipótese norteadora de que fatores linguísticos e extralinguísticos favorecem o uso linguístico variável desse fenômeno, indo ao encontro do que foi observado em outras regiões brasileiras. Para a testagem dessa hipótese, foram selecionadas e analisadas as variáveis linguísticas e extralinguísticas que poderiam

estar diretamente relacionadas a esse fenômeno, conforme os resultados apresentados nos próximos capítulos.

2.2.1.2 Método de procedimento

2.2.1.2.1 Método comparativo

Como o próprio nome desse método sugere, uma comparação pode ser estabelecida entre indivíduos, classes, fenômenos ou fatos (GIL, 2008), sendo os objetivos dessa comparação, segundo observam Freitas & Prodanov (2013, p. 38):

- a) estudar semelhanças e diferenças;
- b) verificar semelhanças e explicar divergências;
- c) analisar o dado concreto;
- d) deduzir o elemento constante, abstrato ou geral, nele presente.

Nesta pesquisa, em particular, ao utilizarmos este método, foi possível estabelecermos e analisarmos semelhanças e diferenças entre as duas modalidades de uso da língua (fala e escrita), tendo em mente como se comportam as variáveis linguísticas e extralinguísticas selecionadas frente ao fenômeno linguístico em estudo.

2.2.1.2.2 Método estatístico

Por trabalhar com o aspecto numérico e uma quantidade robusta de dados, este método é utilizado pela Sociolinguística Quantitativa (cf. GUY; ZILLES, 2007). Através dele, os dados coletados em uma comunidade de fala devem ser submetidos a tratamento quantitativo para a obtenção de resultados estatísticos e probabilísticos que apontem para quais fatores linguísticos e/ou extralinguísticos favorecem o uso de determinada variante (padrão e não-padrão). Segundo Freitas e Prodanov (2013, p. 38), esse método visa “possibilitar uma descrição quantitativa na sociedade, considerada como um todo organizado.”

Quanto ao termo estatística, Santos (2014, p. 2) salienta:

Estatística, “palavra derivada do termo latino status que significa Estado ou situação, sendo usada com propósitos ligados ao campo da Economia a partir do século XVIII” (CORDANI, 2003, p.337); embora desde a Grécia antiga fosse empregada principalmente para fins políticos e quantificação de dados referentes a taxas de natalidade e mortalidade populacional (Demografia), plantios e colheitas (Agrimensura), catástrofes naturais, transações comerciais, entre outras aplicações práticas.

Portanto, desde a antiguidade, a Estatística já era usada para a análise de dados com propósitos sociais. Nessa acepção, o estudo aqui embasado na Sociolinguística Quantitativa aliada aos pressupostos da Sociolinguística Variacionista (cf. LABOV, 2008 [1972]) visa a compreender como se estabelece a intrínseca relação entre língua e sociedade a partir do desenvolvimento de uma análise quantitativa.

2.2.2 O cenário geográfico, econômico-cultural e educacional da cidade escolhida

Nesta seção, expomos os aspectos socio-culturais e geográficos da cidade de Belo Jardim, localizada no interior do estado de Pernambuco, especificamente, na região Agreste, a fim de que seja possível compreendermos o ambiente em que estão inseridos os sujeitos desta pesquisa.

Conhecida como Terra dos Músicos, por possuir escolas de bandas filarmônicas, a cidade de Belo Jardim só receberá esse nome em 1881, pois, segundo Lima e Silva (2001), tratava-se antes da Fazenda Lagoa d'Água, localizada em um trecho onde havia o riacho Cajucá, entre os rios Ipojuca e Capibaribe. O nome dado à cidade é atribuído pelo Frei Cassiano de Comacchio que assim a denominou por ser um lugar com boa posição geográfica, clima ameno e solo fértil. Além disso, o primeiro registro sobre o quantitativo de habitantes do Belo Jardim ocorreu em 1940 quando foram registrados 31.120 habitantes (cf. LIMA; SILVA, 2001).

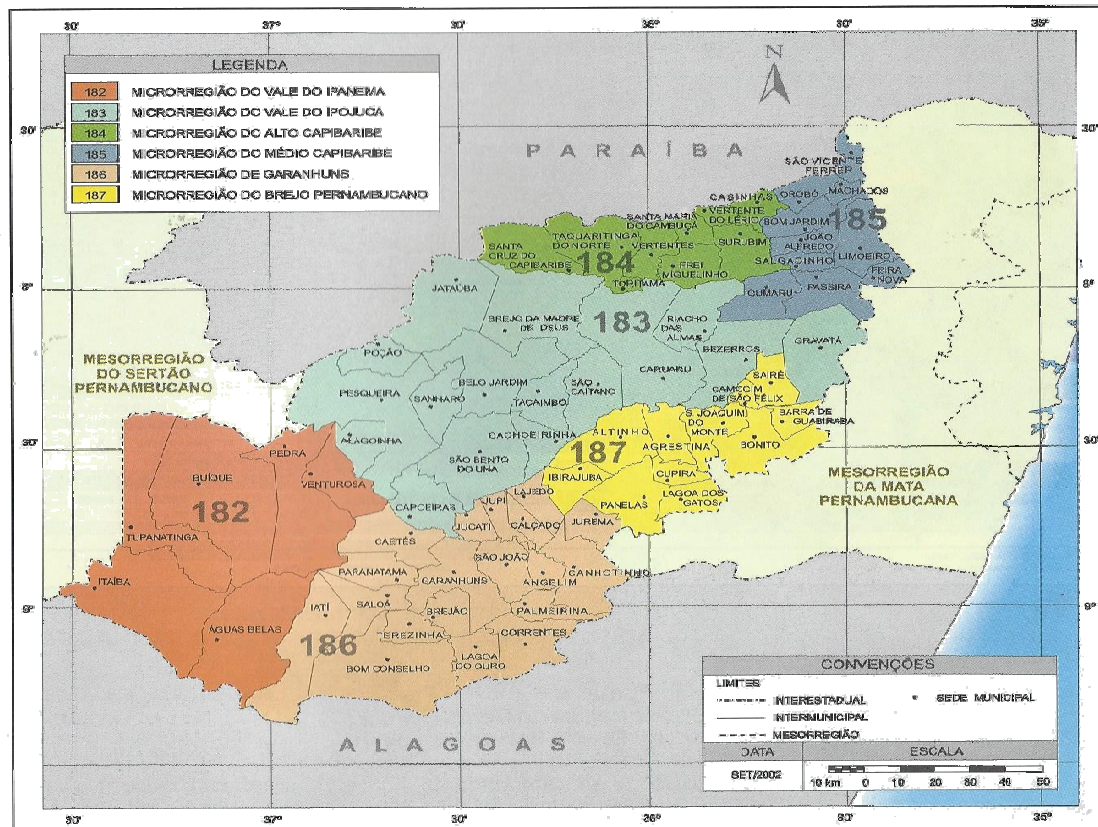
Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), atualmente a cidade possui 75.462 habitantes. No aspecto religioso, existem os católicos, os protestantes e os espíritas. A seguir, são apresentados alguns aspectos importantes da cidade:

2.2.2.1 Aspectos geográficos

Quanto aos aspectos físicos, a cidade ocupa uma área com 754 km² (cf. LIMA; SILVA, 2001). Localizada na Zona do Agreste de Pernambuco, Microrregião do Vale do Ipojuca, fica a 175 km da capital, Recife, e limita-se com a cidade de Tacaimbó a Leste; com

Brejo da Madre de Deus e Jataúba ao Norte; com Sanharó e Pesqueira a Oeste e, com São Bento do Una e Cachoeirinha ao Sul. Observemos a localização da cidade no mapa a seguir:

MAPA 1 – LOCALIZAÇÃO DE BELO JARDIM



FONTE: CONDEPE/IBGE (1996)

No que diz respeito à sua área rural, o município possui vários sítios, dentre os quais: Paraguai, Araçá, Taboquinha de Cima, Taboquinha de Baixo, Cavalo Morto, Patos, Campo Novo, Taboca do Monte, Olho d'Água do Monte, Santa Luzia, Miguel Dias, Arara de Dentro, Carlota, Conceição, Batinga de Baixo, Bananeiras, Batinga de Cima, Peixe, dentre outros. Além disso, constituem-se oficialmente distritos: Xucuru, Serra dos Ventos, Água Fria e Vila Nova.

O clima é quente semi-árido, com temperatura média em torno de 26 °, ocorrendo, no mês de julho, as mais baixas temperaturas, que podem chegar a 18 °C. No aspecto hídrico, a cidade possui três barragens, a saber: Tabocas, Ipojuca e Bitury.

2.2.2.2 Aspectos econômico-culturais

O município do Belo Jardim tem o seu comércio constituído por lojas, feiras livres e diferentes empresas e fábricas que têm grande influência sobre a economia da cidade, dentre elas: Baterias Moura, que tem porte multinacional, Palmeiron, Natto e Cremosinho.

Em seus aspectos culturais, as principais festas são a da padroeira da cidade, Nossa Senhora da Conceição, em 08 de dezembro; o dia de São Sebastião, em 20 de janeiro; a Festa das Marocas, em 29 de junho e o aniversário da cidade, comemorado em 11 de setembro. As demais festas são: Festa de Nossa Senhora do Bom Conselho, comemorada no 3º domingo de outubro, festejos juninos, Festa do Padre Cícero, realizada em 20 de julho, e Natal de Luz, promovida no mês de dezembro.

2.2.2.3 Aspectos educacionais

No aspecto educacional, Lima e Silva (2001, p. 63) destacam:

Até a década de 60 os principais estabelecimentos de ensino da cidade eram a Escola Modelo, as Escolas Reunidas (década de 30), o Grupo Escolar “Bento Américo” (atual da escola Bento Américo Ensino Fundamental e Médio), o Ginásio e Escola Normal “Professor Donino”, o Instituto São Luiz, a Escola Normal Regional Nossa Senhora do Carmo, o colégio Frei Cassiano, Grupo Escolar João Monteiro, Escola São Domingos Sávio, Escola Tomás Alves e o Colégio Diocesano, que ofereciam/oferecem os cursos primário, ginásio e escola normal.(...) Anos mais tarde passou a contar também com os estabelecimentos Colégio Agrícola de Belo Jardim, atual Escola Agrotécnica Federal de Belo Jardim, e Faculdade de Formação de Professores de Belo Jardim⁸.

A Escola Municipal Professor Antenor Vieira de Mello recebeu esse nome em homenagem ao grande profissional que fundou três escolas na cidade: o Colégio São Luiz, o Instituto N. S. do Carmo e o Instituto São Luiz. O referido professor também promoveu o primeiro desfile de escolas da cidade. Atualmente, a escola que leva o nome do professor Antenor Vieira de Mello foi instalada em um prédio onde funcionava um matadouro de animais. Seu corpo discente caracteriza-se por alunos carentes, pertencentes à classe menos favorecida. Sendo uma das escolas selecionadas para esta pesquisa, foi possível observarmos

⁸ Vale dizermos que a antiga Escola Agrotécnica Federal de Belo Jardim agora é denominada Instituto Federal de Pernambuco.

que as atividades de lazer desses alunos relacionam-se ao uso de mídias populares como internet e TV.

O Colégio Diocesano, outra escola escolhida nesta pesquisa, tinha o nome de Ginásio Industrial de Belo Jardim. Esse colégio foi idealizado pelo Monsenhor Francisco de Assis Neves, cujo nome passou a nomear a escola no futuro. O curso de 2º grau foi criado em 1982 e, em julho desse mesmo ano, o Ginásio passou a ser chamado Colégio Diocesano de Belo Jardim. Possui, atualmente, alunos que pertencem a camadas sociais desde a classe média baixa à classe média alta. É notável, nas entrevistas, o quanto o mundo cultural desses alunos é bem mais amplo; alguns dos entrevistados já fizeram viagens ao exterior com a família e aspiram grandes carreiras no mercado de trabalho.

O Grupo Escolar João Monteiro, também selecionado neste estudo, possui o referido nome em homenagem ao prefeito e jornalista, Dr. João Monteiro de Melo, que governou o município na década de 30. Atualmente, é chamado de Escola de Referência em Ensino Médio (EREM) João Monteiro de Melo, pois passou a constituir uma das escolas do modelo de referência destinadas ao Ensino Médio da rede estadual de Pernambuco.

Para finalizarmos, a Faculdade de Formação de Professores de Belo Jardim (FABEJA) foi fundada em 1976 e, em 1975, a Câmara Municipal decretou e sancionou a Lei 231/75 que passava a Faculdade para Autarquia Educacional, supervisionada pela Prefeitura Municipal de Belo Jardim. Atualmente, a Autarquia Educacional de Belo Jardim (AEB) contempla não apenas os cursos de licenciatura (Matemática, Letras, História, Geografia, Biologia e Pedagogia), mas também Enfermagem, Ciências Contábeis, Administração, Psicologia e Engenharia de Produção.

2.2.3 A população pesquisada

Conforme dito anteriormente, escolhemos, no município de Belo Jardim, as escolas Professor Antenor Vieira de Mello (municipal), Erem João Monteiro de Melo (estadual) e o Colégio Diocesano Monsenhor Francisco de Assis Neves (particular). Na primeira, foram selecionados alunos do 4º, 5º, 6º e 9º anos do Ensino Fundamental (EF); na segunda, do 1º e 3º anos do Ensino Médio e, na terceira, 4º, 5º, 6º, 9º do Ensino Fundamental e 1º e 3º do Ensino Médio. Faz-se necessário esclarecermos que, no referido município, os anos do Ensino Fundamental são ofertados apenas em escolas municipais e os do Ensino Médio apenas em escolas estaduais. Já as escolas particulares ofertam ambos os segmentos de ensino.

Para cada uma das séries selecionadas em cada escola, foram escolhidos 12 alunos, sendo 06 do sexo masculino e 06 do sexo feminino, totalizando 144 informantes, a fim de obtermos uma simetria para posterior comparação no que se refere à variável sexo. Vale ressaltarmos que, no 6º ano do Ensino Fundamental do Colégio Diocesano, havia apenas 04 informantes do sexo masculino, um deles não se voluntariou a participar da pesquisa e os demais componentes da turma eram do sexo feminino; nessa turma, obtivemos os dados da língua falada e escrita de 09 informantes do sexo feminino e 03 do masculino, não alterando o número total de informantes inseridos na pesquisa (144)⁹. Para a seleção desses sujeitos, foi imprescindível submetemos o projeto ao Conselho de Ética para que, após a aprovação, um termo de consentimento fosse apresentado aos pais/responsáveis pelos discentes, autorizando a participação de seus filhos na pesquisa. Em caso de consentimento, eles tiveram de assinar esse termo. Para os discentes maiores de idade, foram eles próprios que o assinaram (cf. anexos de 1 a 6).

Além disso, consideramos critérios para a seleção dos informantes: (i) alunos que morem na cidade do Belo Jardim há pelo menos cinco anos consecutivos; (ii) que sejam alfabetizados, (iii) que estejam devidamente matriculados e ativos quanto à frequência escolar. Por sua vez, consideramos como critérios de exclusão o não enquadramento em, pelo menos, um dos três critérios de inclusão acima mencionados, bem como o fato de o número de informantes pretendido nesta pesquisa já ter sido atingido, a saber: 144 informantes.

Após a obtenção da assinatura de todos os Termos de Compromisso pelos sujeitos da pesquisa, aplicamos uma ficha social (cf. Apêndice 3) cuja finalidade foi traçarmos um mapeamento do contexto socio-econômico-cultural de cada discente. Assumimos aqui com Paula (2011, p. 36) que essa ficha é:

[u]m recurso muito utilizado para uma primeira aproximação com o colaborador da pesquisa [...] Esta ficha social pode ter dados referentes à idade, grau de instrução, local de nascimento, religião, sendo ainda possível perguntar se o falante morou em outro lugar e por qual período ou outras informações que o pesquisador julgar relevante. Serão precisos alguns cuidados por parte do pesquisador, especialmente no tocante à inserção socioeconômica do falante. Este quesito envolve aspectos delicados, o que pode ocasionar omissão ou inflação do quadro real por parte do falante. De certa forma, esta primeira abordagem, além das informações sobre o falante, favorece a familiaridade do falante com o gravador e é possível mapear possíveis interesses do falante que podem ser usados no momento da entrevista propriamente dita.

⁹ Num próximo estudo, buscaremos com empenho maior, a distribuição simétrica entre todos os sujeitos, para impedir um possível enviesamento nos resultados da pesquisa.

O questionário que compõe essa ficha aplicado a todas as turmas voltou-se a aspectos cotidianos da vida dos alunos, bem como ao seu perfil social e a de seus responsáveis, havendo perguntas referentes à faixa etária de seus pais, à profissão, ao grau de escolaridade, dentre outras. Terminada essa etapa, foi possível analisarmos o perfil social dos informantes, conforme consta na última subseção deste capítulo, servindo de suporte para a realização da entrevista e análise dos dados.

Para que os dados de língua falada e escrita fossem analisados, foi necessária a realização de uma pesquisa de campo na cidade de Belo Jardim. Visando obtermos esses dados de um mesmo informante, conforme já referido, selecionamos algumas escolas desse município, a saber: a) a Escola Municipal Professor Antenor Vieira de Melo (4º e 5º /6º e 9º anos do Ensino Fundamental), b) a Escola Estadual, o Erem João Monteiro de Melo (1º e 3º anos do Ensino Médio) e c) a Escola Particular, o colégio Diocesano Monsenhor Francisco de Assis Neves (4º, 5º, 6º, 9º do Ensino Fundamental e 1º e 3º do Médio); as duas públicas localizam-se em um bairro periférico do município, chamado Santo Antônio. Pelo fato de não haver escola particular nos bairros mais distantes do centro da cidade, que ofereçam os anos do Ensino Fundamental II (6º ao 9º), possuindo em seu programa curricular até ao máximo, o 5º ano do Ensino Fundamental I, fez-se necessário selecionarmos o Colégio Diocesano, localizado próximo ao centro da cidade, que é bastante movimentado por atividades comerciais e educacionais.

2.2.4 A coleta dos dados

Conforme dito anteriormente, no estado de Pernambuco, o Ensino Médio vem gradualmente sendo repassado à rede estadual. Sendo o Ensino Fundamental responsabilidade da rede municipal, não foi possível inserirmos a escola municipal com o segmento do Ensino Médio, nem o Ensino Fundamental na escola estadual.

A escolha das três escolas referidas explica-se pelo fato de buscarmos traçar o perfil sociolinguístico do educando belojardinense, tomando por base a hipótese de que, nas duas escolas da rede pública que atendem a discentes pertencentes, em geral, a camadas sociais mais baixas, cujos genitores apresentam um baixo grau de escolaridade, há um maior uso da variante não-padrão referente à CN, ao contrário do que ocorre na escola particular.

Centrando atenção, neste momento, nas condições de infra-estrutura e pedagógicas das três escolas, observamos que: a) a escola particular possui diversos recursos para a realização do ensino, existindo, inclusive, uma Central de Linguagem, onde são realizadas

atividades extraclasse destinadas ao desenvolvimento da linguagem da Educação Infantil e séries iniciais do Ensino Fundamental, havendo também laboratório de informática, sala de tecnologia, salas para as coordenações de ambos os segmentos de ensino e outras instalações. É válido salientarmos que, para o Ensino Fundamental I, existem duas professoras responsáveis pelos conteúdos disciplinares, uma para as exatas e outra para as humanas. Já, na escola municipal, observamos algumas diferenças: para a coordenação pedagógica, há apenas uma sala, não havendo central de linguagem e sala tecnológica. No que se refere à escola estadual, há a mesma situação da municipal, com uma única diferença de que há uma sala de tecnologia.

Selecionadas as escolas, fizemos uma visita prévia para consultarmos os gestores e professores sobre o seu consentimento para a realização da coleta dos dados. Após o seu consentimento, contactamos os pais/responsáveis pelos alunos e alunos maiores de idade para a assinatura do Termo de Compromisso.

Obtendo o consentimento dos sujeitos, iniciamos a coleta dos dados de língua escrita. Para tanto, propomos narrações aos alunos, valendo referirmos que foi dado o início de uma história para que os alunos dessem continuidade. A depender do nível de escolaridade dos alunos, o início da história sofreu algumas poucas alterações para se adequar à sua faixa etária. Portanto, foi dado o início de uma história para os alunos do Fundamental I (cf. Apêndice 1) e outro, para os alunos do Fundamental II e Médio (cf. Apêndice 2).

É importante dizermos que não foram coletadas narrações dos dois primeiros anos do Ensino Fundamental I na escola pública, nem particular, mas apenas do 4º e 5º anos, pois foram observados muitos casos de alunos ainda não alfabetizados. Nos demais níveis de ensino, foram selecionados o 6º e 9º ano do Ensino Fundamental II e o 1º e 3º ano do Ensino Médio, no intuito de verificarmos se existem diferenças entre os estudantes que estão iniciando esses níveis e os que estão concluindo no que se refere ao uso da variante padrão e não-padrão no âmbito da CN.

Para a coleta dos dados de fala, foram realizadas entrevistas com duração de quinze minutos, totalizando 36 horas de gravações com os mesmos estudantes que fizeram as narrações. Durante essas entrevistas, utilizamos o gravador, valendo referirmos que, para cada nível de ensino (Fundamental I e II e Ensino Médio), elaboramos perguntas diferenciadas, visando adequá-las à faixa etária dos discentes. Portanto, três questionários serviram de instrumentos para a coleta dos dados (cf. Apêndices de 4 a 6). Obtidas essas gravações, fizemos a transcrição (de cunho ortográfico) dos dados para posterior elaboração dos *corpora*

da pesquisa, tomando por base as normas de transcrição e codificação contidas em Santos e Vítório (2011).

2.2.5 A constituição dos *corpora*

Para a constituição dos *corpora* da pesquisa, embasamo-nos nos critérios levantados por Scherre (1988) para a seleção dos SNs relevantes para este estudo, ou seja, aqueles em que a marca explícita de plural ocorre:

- (1) em todos os elementos flexionáveis do SN (os fregueses/novas escolas /suas tias/as boas ações/essas coisas todas /as partidas todas iguais/os meus ainda mais velhos amigos);
- (2) em alguns elementos flexionáveis do SN (essas estradas nova0/do0 seus pais/as minhas duas filha0/as mulheres ainda muito mais antiga0);
- (3) em apenas um dos elementos flexionáveis do sintagma nominal (a s codorna0/uns troço0/as porta 0 aberta0/os documento0 dela todinho0 ;
- (4) em nenhum dos elementos flexionáveis do SN (dois risco verde/uma porção de coisa interessante). (SCHERRE, 1988, p. 3)

Estão excluídos, portanto, dos *corpora* dados que:

- a) tenham todos os elementos no singular (ex.: menina bonita);
- b) apresentem as marcas precedentes referentes aos fatores: (a) apenas um elemento precedente e modificador; (b) primeiro elemento precedente com marca de plural e segundo elemento plural; (c) primeiro elemento precedente numeral e segundo elemento precedente sem marca de plural e (d) primeiro elemento precedente modificador e segundo elemento precedente com marca de plural. Esses fatores foram retirados com a finalidade de eliminar os *knockouts*¹⁰ constatados em algumas rodadas que foram realizadas;
- c) que fogem da posição canônica (ex.: mulheres, tias dela);
- d) apresentem SNs contendo algarismos (ex.: 3 heróis).

Scherre (1988), em sua tese, propõe duas análises para o fenômeno: uma, de base atomística, em que cada elemento do SN é analisado, e outra de base não-atomística, em que o

¹⁰ *knockouts* – Terminologia da análise do programa Goldvarb X, diz respeito ao fator que num dado momento da análise corresponde a uma frequência de 0 a 10 para um dos valores da variável dependente, constitui-se no fator que apresenta uma porcentagem de 10% ou 100%, nesse caso, não há variação.

SN é analisado por completo, não focalizando um elemento em particular. Para o nosso estudo, focalizamos a primeira análise, deixando a segunda para trabalhos futuros.

2.2.6 Variáveis selecionadas e codificação dos dados

Após constituídos os *corpora* da pesquisa, selecionamos as variáveis linguísticas e extralinguísticas com seus respectivos fatores para que os dados de fala e escrita fossem codificados para posterior tratamento quantitativo através de sua rodada no programa computacional Goldvarb X (cf. SANTOS; VITÓRIO 2011). Vale salientarmos que, para cada modalidade de uso da língua, fizemos uma rodada distinta, destacando-se a rodada de nº 32 pelo programa Goldvarb X para a análise dos dados escritos e a de nº 36, para os dados de fala. Para tanto, observem-se os fatores da variável dependente e das variáveis independentes (linguísticas e extralinguísticas) selecionados que se encontram antecidos por seus códigos à esquerda:

VARIÁVEL DEPENDENTE

S – Presença de Concordância Nominal

N – Ausência de Concordância Nominal

VARIÁVEIS INDEPENDENTES EXTRALINGUÍSTICAS

1. FAIXA ETÁRIA:

1- (09 A 11 ANOS)

2- (12 A 17 ANOS)

3- (18 A 23 ANOS)

2. SEXO:

M- (MASCULINO)

F- (FEMININO)

3. ESCOLARIDADE:

- 4- (4º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL)
- 5- (5º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL)
- 6- (6º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL)
- 9- (9º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL)
- 1- (1º ANO DO ENSINO MÉDIO)
- 3- (3º ANO DO ENSINO MÉDIO)

4. TIPO DE ESCOLA:

- p- PARTICULAR
- e- ESTADUAL
- m- MUNICIPAL

VARIÁVEIS INDEPENDENTES LINGUÍSTICAS

1. CLASSE GRAMATICAL:

- B- SUBSTANTIVO (S1M3eB2eB1 os amigos)
- C- CATEGORIA SUBSTANTIVADA (S1M6mC2eB1 pras americanas)
- E- ADJETIVO (N1M5pE3/M1 três gatinho abandonado)
- F- (QUANTIFICADOR (S1F5mF1//2 quatro camas perfumadas)
- G- PRONOME POSSESSIVO (N1F4mG2e/2 o seus poder)
- H- ADJETIVO 2¹¹ (S2M5mH2eB1 ruas próximas)
- I- PRONOME INDEFINIDO (N2F5mI1g/1 alguns pé)
- J- ARTIGO OU DEMONSTRATIVO (S2M5mJ1eJ1 nos finais)

2. POSIÇÃO LINEAR:

- 1- (1ª POSIÇÃO NO SN) (S2M6mI1//1 muitas coisas boas)

¹¹ Vale referirmos que, na variável classe gramatical, para o fator Adjetivo 2 não encontramos uma definição clara atribuída por Scherre (1988, p.150) acerca de seu conceito, mas entendemos, através dos exemplos concedidos pela autora no quadro 6.2.3.2 na página 150, que se trata de um adjetivo especificador.

- 2- (2ª POSIÇÃO NO SN) (S1M4mB2eB1 as notícias)
 3- (3ª POSIÇÃO NO SN) (S1M4mB3eJ1 das duas horas)

3. SALIÊNCIA FÔNICA (PROCESSOS MORFOFONOLÓGICOS DE FORMAÇÃO DE PLURAL)¹²:

- a- (ITENS TERMINADOS EM –L, CUJO PLURAL SE FAZ COM INSERÇÃO DE –S E ALTERAÇÕES SILÁBICAS OU APENAS COM ALTERAÇÕES SILÁBICAS) (S1M4mE2aB1 roupas azuis)
 b- (ITENS TERMINADOS EM –ÃO, CUJO PLURAL SE FAZ COM INSERÇÃO DE –S E ALTERAÇÕES SILÁBICAS OU APENAS COM ALTERAÇÕES SILÁBICAS) (S1M4mB2bB1 dos anões)
 c- (ITENS TERMINADOS EM –R, CUJO PLURAL SE FAZ ATRAVÉS DA INSERÇÃO DE ES OU DE –E) (S1M4mB2eB1 os poderes)
 d- (ITENS TERMINADOS EM –S, CUJO PLURAL SE FAZ ATRAVÉS DA INSERÇÃO DE -ES OU DE –E) (S2F3eB2dC1 três meses)
 e- (ITENS TERMINADOS EM VOGAL OU VOGAL + NASAL, CUJO PLURAL SE FAZ ATRAVÉS DA INSERÇÃO DE –S SEM NENHUMA ALTERAÇÃO MORFOFONÊMICA, O CHAMADO PLURAL REGULAR) (S1M4mJ1e/1 das duas horas)
 f- (ITENS TERMINADOS EM –Z, CUJO PLURAL SE FAZ ATRAVÉS DA INSERÇÃO DE ES) (N1F5mB2fB1 várias vezes)
 g- (ITENS TERMINADOS EM -M, CUJO PLURAL SE FAZ COM INSERÇÃO DE –S E ALTERAÇÕES SILÁBICAS) (S2M9mB2gB1 professores bons)

4. MARCAS PRECEDENTES¹³:

- A- Apenas um elemento precedente e sem marca de plural (N1F5mB2gA2 uma paisagens lindas)

¹² Para a rodada dos dados de fala e escrita, foram excluídos os fatores **b** e **d** devido a *knockouts*, devido a ausência de variação em ambos os fatores, sendo o resultado da –CN em 0.

¹³ Foram excluídos os fatores **D, E, H, K, L, M, O** e **Q** na rodada dos dados de escrita, e os fatores **D, K, L, M, O** e **Q** dos dados de fala devido a *Knockouts*, devido à ausência de variação, ou seja, a –CN dos fatores eliminados foi de 0.

- B-** Apenas um elemento precedente e com marca de plural (S1M4mB2e**B**1 as notícias)
- C-** Apenas um elemento precedente e numeral (N1M4mB2/C1 dois homi)
- D-** m- Apenas um elemento precedente e modificador (S2F1eE2e**D**1 pouquíssimo ricos)
- E-** Dois elementos precedentes sem marca de plural (N2F4mB3e**E**2 o seu filhos)
- F-** 0s- Primeiro elemento precedente sem marca de plural e segundo elemento precedente com marca de plural (N1F4mB3e**F**2 o outros filhos)
- G-** 0n- Primeiro elemento precedente com marca de plural e segundo elemento precedente numeral (S1M4mB3e**G**1 os três meninos)
- I-** s0- Primeiro elemento precedente com marca de plural e segundo elemento precedente sem marca de plural (N2M4mE3/**I**1 muitas coisa boa)
- J-** ss- Dois elementos precedentes com marca de plural (N2F4mB2eJ1 muitas coisas diferente)
- K-** sn- Primeiro elemento precedente sem marca de plural e segundo elemento precedente numeral (N2M9mB3/**K**2 o dois carro)
- L-** sm- Primeiro elemento precedente com marca de plural e segundo elemento precedente modificador (N1F5mF3/L1 olhos tão grande)
- M-** n0- Primeiro elemento precedente numeral e segundo elemento precedente sem marca de plural (N1M5pE3/M1 três gatinho abandonado)
- N-** ns- Primeiro elemento precedente numeral e segundo elemento precedente com marca de plural (S1M4mJ1e/ os três meninos)
- O-** nm- Primeiro elemento precedente numeral e segundo elemento precedente modificador- (S2M3eB3bO2 dois super vilões)
- Q-** ms- Primeiro elemento precedente modificador e segundo elemento precedente com marca de plural (S2M1mB3e**Q**1 todos os ossos)

2.2.7 A análise quantitativa dos dados

De acordo com Guy e Zilles (2007, p. 20), na análise quantitativa dos dados, há três fases principais: “i) coleta de dados; ii) redução e apresentação de dados e iii) interpretação e explicação de dados”.

Considerando que houve uma análise atomística dos elementos, cada SN foi decomposto em dois ou três dados de análise. Para o SN “as notícias”, por exemplo, analisamos primeiro o determinante as e depois o nome notícias, havendo assim duas codificações, respectivamente: (S1M4mJ1e/ as notícias e (S1M4mB2eB as notícias).

Realizadas a coleta, a constituição dos *corpora* e a codificação dos dados, interpretamos os dados, realizando uma explicação após a obtenção dos resultados estatísticos e probabilísticos através da rodada no Goldvarb X, um programa computacional que é a atualização do VARBRUL (cf. SANTOS; VITÓRIO, 2011), programa este de grande relevância para estudos relacionados a fenômenos linguísticos variáveis, tendo em vista que quantifica os dados (realiza cálculo), elenca e separa as variáveis significativas e não-significativas, levando em consideração a ordem de relevância das variáveis.

Para que seja realizada a rodada dos dados para obtenção dos resultados quantitativos (estatísticos e probabilísticos), são necessários três passos principais: (i) delimitação das variáveis, (ii) codificação dos dados e (iii) execução dos dados no Goldvarb X que auxilia o pesquisador a detectar possíveis erros na codificação das variáveis, além de elencar as variáveis significativas e fatores que favorecem ou não determinada variante linguística. Em geral, os resultados auxiliam o pesquisador na tarefa de construir, por exemplo, o perfil linguístico de uma determinada comunidade de fala.

Assumimos aqui com Guy e Zilles (2007, p. 73) que “[a] realização de análises quantitativas possibilita o estudo da variação linguística, permitindo ao pesquisador apreender sua sistematicidade, seu encaixamento linguístico e social e sua eventual relação com a mudança linguística.”. Mais precisamente, com os resultados quantitativos obtidos nesta pesquisa (cf. capítulos 3, 4 e 5), foi possível compreendermos o fenômeno variável da CN na língua falada e na língua escrita da cidade de Belo Jardim, tomando por base sua sistematicidade e seu encaixamento linguístico e social. Conforme já enunciados, contabilizamos um total de 14.447 dados da língua falada e 3.447 da escrita. Essa desigualdade numérica deve-se ao fato de que, em 15 minutos de entrevista, o texto oral torna-se bem mais extenso que o da escrita, que foi produzido em, no máximo, duas páginas.

Queremos destacar no presente parágrafo a importância e relação do PR para os resultados obtidos numa pesquisa sociolinguística, uma vez que esse elemento expressa a significância ou não da aplicação da regra padrão em determinado fenômeno linguístico, pois se encontramos um resultado de PR entre .45 e .55 (nível de neutralidade), num resultado abaixo desse nível, isso quer dizer que aquele fator não apresentou-se significativo, mas se apresenta acima, podemos dizer que o fator foi relevante, significativo na aplicação de determinado fenômeno. O resultado demonstrado pelo PR nos leva a comparar resultados de fatores. Já os *knockout* constituem-se na ausência de variação de determinado fator.

2.3 PANORAMA SOCIO-ECONÔMICO-CULTURAL DOS DISCENTES BASEADO NAS ENTREVISTAS E FICHAS SOCIAIS

Conforme já informado, a escola particular que foi selecionada localiza-se no centro de Belo Jardim-PE, cuja boa parte dos alunos mora em bairros de classe média ou classe rica. Seus pais possuem desde o nível médio ao superior, sendo poucos pais que possuem abaixo do nível médio. Os discentes da escola particular relatam, em boa parte das entrevistas, que costumam passar suas horas de lazer, utilizando aparelhos tecnológicos e passam suas férias em outros estados brasileiros ou outros países. Narram experiências acompanhadas de seus pais, inclusive, nas atividades escolares propostas para casa. Seus pais monitoram as amizades que fazem, bem como o horário para cada atividade, seja de lazer ou de estudo. Além disso, esses alunos demonstram um conhecimento sólido acerca da literatura clássica infantil, narrando-as na devida ordem cronológica. Nas produções de suas narrações feitas em sala, constroem bons textos quanto aos aspectos de coesão e coerência, embora naturalmente ocorram alguns desvios ortográficos. Os adolescentes inseridos no Ensino Fundamental II e Médio e alguns jovens do 3º ano do Ensino Médio, independente do sexo, demonstram conhecimento enciclopédico e linguístico quando respondem perguntas que exigem uma postura argumentativa.

As escolas públicas localizadas no bairro de Santo Antônio, um bairro afastado do centro da cidade que em geral é habitado por pessoas carentes e também por pessoas que pertencem à classe média, são frequentadas por alunos moradores de localidades e bairros vizinhos mais carentes. As crianças narram experiências de lazer com seus amigos e alguns fazem uso de aparelhos tecnológicos populares na hora de lazer. Uma boa parte prefere as brincadeiras tradicionais de infância; a configuração familiar nem sempre é a tradicional e, em alguns casos, são criados pela avó ou apenas pela mãe. Em muitos casos, os responsáveis legais desses alunos não possuem o Ensino Fundamental I completo, suas profissões estão inseridas no campo das menos pagas. As responsáveis legais, em boa parte dos casos, são apenas donas de casa.

Em boa parte dos casos, os adolescentes e jovens, principalmente os da escola pública demonstraram aspirar a uma vida profissional diferente da exercida por seus pais, inclusive, objetivam chegar a um curso superior.

Os alunos do Ensino Fundamental da escola pública demonstraram uma certa desmotivação para produzir as narrativas em sala de aula, ao passo que os do Ensino Médio demonstraram uma maior disposição.

O público adolescente e jovem, em maioria, de ambas as escolas, pública e particular, ao ser interrogado acerca de sua preferência musical e de cinema, auto define-se como eclético e não costuma pesquisar a biografia de seus artistas preferidos. Observamos que esse público aprecia usufruir a obra e não há interesse em conhecer quem a produziu.

A acessibilidade aos meios tecnológicos ocorre, em geral, para os alunos dos Ensinos Fundamental e Médio tanto na escola particular quanto na pública. E ainda verificamos que o público infantil demonstra uma maior motivação para construir seus textos narrativos quando comparados aos adolescentes dessas escolas.

Tal panorama sociocultural e econômico em que estão inseridos os sujeitos desta pesquisa apontam para uma comunidade de fala que tem acesso às novas tecnologias e informações, mas o acompanhamento familiar sobre o rendimento na escola nem sempre ocorre na escola pública.

Com base no panorama aqui apresentado, é possível vislumbrarmos algumas diferenças no perfil dos alunos da escola particular e pública, o que pode vir a refletir no uso da língua em suas duas modalidades, um aspecto a ser investigado nos próximos capítulos.

3 ANÁLISE DOS DADOS DA LÍNGUA FALADA

Levando em conta que a tese de Scherre (1988) constitui-se em um trabalho pioneiro sobre o fenômeno variável da CN na língua falada no português brasileiro, tomamos seus resultados como cruciais para as comparações que serão feitas com os resultados obtidos nesta pesquisa para os dados de fala.

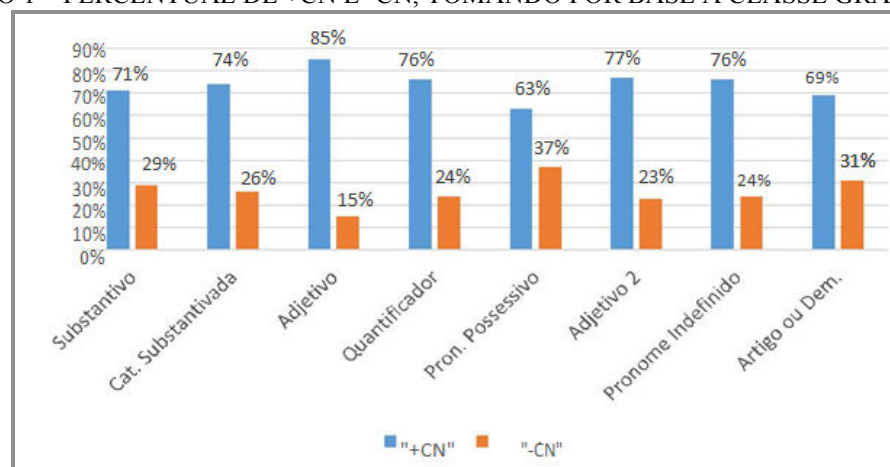
Semelhante ao tratamento quantitativo dos dados da escrita, obtivemos os resultados probabilísticos e estatísticos para os fatores das variáveis em análise. A partir desses resultados, será possível traçarmos o perfil sociolinguístico da comunidade de fala do Belo Jardim, em especial, dos alunos de três escolas dessa cidade, apresentando semelhanças e diferenças entre ela e as demais comunidades de fala já estudadas em outras regiões brasileiras, especialmente a carioca analisada por Scherre (1988).

3.1 VARIÁVEIS LINGUÍSTICAS

3.1.1 Variável Classe Gramatical

Durante a análise desta variável, serão verificados quais itens morfológicos favorecem o uso da variante padrão e não-padrão. Para tanto, apresentamos, a seguir, os percentuais e os PRs dos fatores que a compõem.

GRÁFICO 1 – PERCENTUAL DE +CN E -CN, TOMANDO POR BASE A CLASSE GRAMATICAL



QUADRO 4 – PESO RELATIVO RELACIONADO À CLASSE GRAMATICAL
VARIÁVEL LINGÜÍSTICA CLASSE GRAMATICAL

FATOR	TOTAL GERAL DO FATOR /OCORRÊNCIA DE +CN	PR (+CN)
Quantificador	267/203	.77
Pronome Indefinido	1507/1141	.73
Adjetivo 2	53/41	.71
Adjetivo	754/639	.69
Categoria Substantivada	35/26	.68
Substantivo	7011/5005	.56
Artigo ou Demonstrativo	4054/2801	.29
Pronome Possessivo	565/354	.25

Ao contrário do que afirmava a hipótese inicial de que os substantivos favoreceriam a regra padrão da CN, os resultados obtidos, tanto dos percentuais quanto dos PRs demonstram que os adjetivos apresentam maior aplicação da regra de CN. A seguir, são apresentados exemplos da variante padrão e não-padrão da CN:

Substantivo: (1) a. variante padrão: (S1M4mB2Eb as notícias

b. variante não padrão: (N1M4mB2/B muitos aluno

Adjetivo: (2) a. variante padrão: (S1F4mE2gB coisas ruins

b. variante não padrão: (N2F4mE2/B coisas diferente

Em sua pesquisa, Scherre (1988) verifica através do PR e do percentual apresentado pelas crianças (.72/ 96%) e pelos adultos (.81/ 98%) que os pronomes indefinidos apresentam maior aplicação da regra de CN (ex.: “...alguns meses (Sam01,mp,18a); “...os outros colégios (Sue05, fp, 24a)).

Pereira (2008), ao estudar a mesma variável mesmo sem a obtenção do PR, verifica que a classe dos artigos destaca-se com um percentual de 99% para o uso da variante padrão (ex.: [...] eu adoro as pessoas aqui em casa (E10-87b); [...] espaço para os fiéis atravessá (E12-70b)).

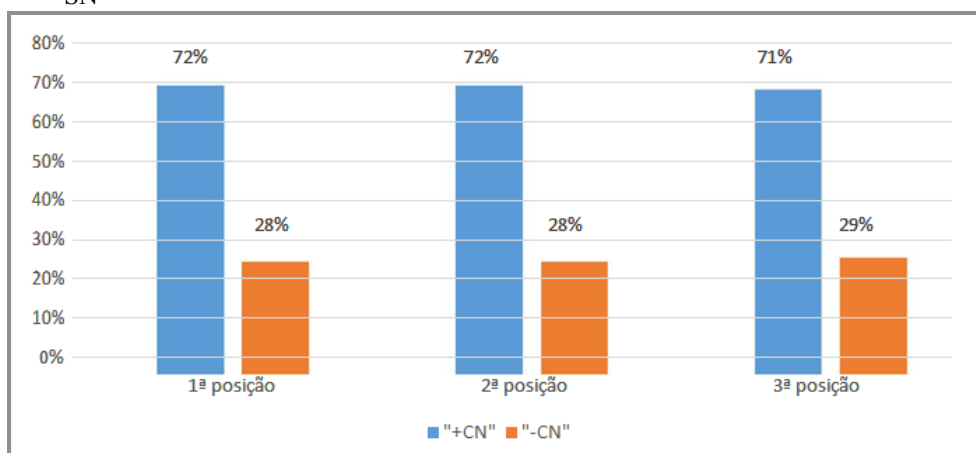
Ao contrário dos resultados obtidos nas pesquisas supracitadas, observamos que o fator que mais favorece a variante padrão é o Quantificador com um PR de .77 (ex.: (S1F4mF1e/ todos alunos) e o que menos favorece é o pronome possessivo com um PR de .25 (ex.: (N1F4mG1e/ minhas boneca).

3.1.2 Variável Posição do Elemento no SN

É comum observarmos que os elementos, quando se encontram em determinada posição no SN, especialmente, na primeira posição, favorecem mais a variante padrão. Muitos pesquisadores, como Scherre (1988), fazem o cruzamento¹⁴ dessa variável com outras, por exemplo, a classe gramatical. Essa autora observou que os adjetivos em 1ª posição favoreciam a aplicação da variante padrão tanto nos dados das crianças quanto nos dados dos adultos, levando em consideração que o percentual dos adultos foi de 98% e para as crianças, 100%, não sendo apresentados PRs.

Após a rodada dos dados da fala, o programa GoldVarb X não considerou esta variável como significativa, o que nos permitiu obter apenas os percentuais de aplicação e não-aplicação da regra de CN:

GRÁFICO 2 – PERCENTUAL DE +CN E -CN, TOMANDO POR BASE A POSIÇÃO DO ELEMENTO NO SN



QUADRO 5 – PESO RELATIVO RELACIONADO À POSIÇÃO DO ELEMENTO NO SN

POSIÇÃO DO ELEMENTO NO SN	
FATOR	TOTAL GERAL DO FATOR/OCORRÊNCIA DE +CN
1ª Posição	6845/4929
2ª Posição	6996/4991
3ª Posição	403/290

¹⁴ Nesta dissertação, não foi feito o cruzamento das variáveis, deixando-se essa etapa para trabalhos futuros.

Como é possível observarmos no gráfico acima, não houve uma diferença significativa entre os fatores, não sendo confirmada a hipótese inicial de que os elementos na 1ª posição no SN favoreceriam mais a regra padrão da CN, ao contrário de Scherre (1988) que verifica que elementos nessa posição receberiam mais marcas nos dados produzidos por adultos (PR: .89; percentual: 97%) e crianças (PR: .74; percentual: 98%).

O trabalho de Fernandes (1996) vai na direção do de Scherre (1988) que apresentou a primeira posição com maior emprego da marca de pluralidade (PR: .77; percentual: 97%). Apresentam-se, a seguir, exemplos extraídos do *corpus* de fala desta pesquisa da variante padrão e não-padrão nas três posições do SN:

1ª posição no SN: (3) a. variante padrão: (S1M4mJ1e/ as notícias

b. variante não-padrão: (N1M4mJ1eB das criança

2ª posição no SN: (4) a. variante padrão: (S2F4mB2eB as amigas

b. variante não-padrão: (N2F4mB2/B meus irmão

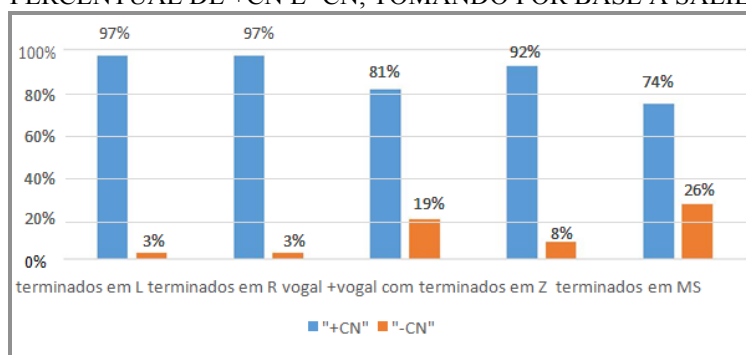
3ª posição no SN: (5) a. variante padrão: (S1M4mB3eG os três meninos

b. variante não-padrão: (N2F4mE3eJ muitas coisa diferente

3.1.3 Variável Saliência Fônica

Conforme já mencionado anteriormente, tal variável foi tomada levando em consideração a dimensão de processos morfofonológicos da formação do plural, baseando-se nos fatores estabelecidos por Scherre (1988). Analisando essa dimensão, observem-se os resultados quantitativos dos fatores que a compõem:

GRÁFICO 3 – PERCENTUAL DE +CN E -CN, TOMANDO POR BASE A SALIÊNCIA FÔNICA



QUADRO 6 – PESO RELATIVO RELACIONADO À SALIÊNCIA FÔNICA

(Continua)

VARIÁVEL LINGÜÍSTICA SALIÊNCIA FÔNICA		
FATOR	TOTAL GERAL DO FATOR/ OCORRÊNCIA DE +CN	PR (+CN)
Itens terminados em –R (professor-professor <u>s</u>)	390/380	.78
(Conclusão)		
Itens terminados em –L (animal- anima <u>is</u>)	298/289	.73
Itens terminados em vogal+vogal com inserção de –S (plural regular)- (hora-hora <u>s</u>)	10834/ 8801	.48
Itens terminados em –Z (vez-vez <u>es</u>)	159/146	.46
Itens terminados em –M (bom-bon <u>s</u>)	213/157	.21

Embora nos percentuais haja um resultado semelhante para os itens terminados em –L e os que são terminados em –R, este último favorece o uso da variante padrão, conforme evidenciado pelo PR (.78) (ex.: (S1F4mJ1e/ dos professores). Ao contrário desse fator, o que menos favorece essa variante são os itens terminados em –M (ex.: (15) (N2M4mB2/B os homi).

Na pesquisa de Scherre (1988), o fator com maior aplicação da regra de CN nos dados dos adultos foi o plural duplo (ex.: novos papeizinhos (Joa,fp,27a)) com PR de .86 e percentual de 93%. Esse resultado segue o que foi obtido por Fernandes (1996), pois há um PR de .81 e percentual de 71% para o plural duplo (ex.: novos papeizinhos (Joa,fp,27a)). Vale salientarmos que tal fator não foi selecionado na presente pesquisa. Vale salientar que no *corpus* de fala em nossa pesquisa não há casos como esses, devido a essa razão, não selecionamos esse fator.

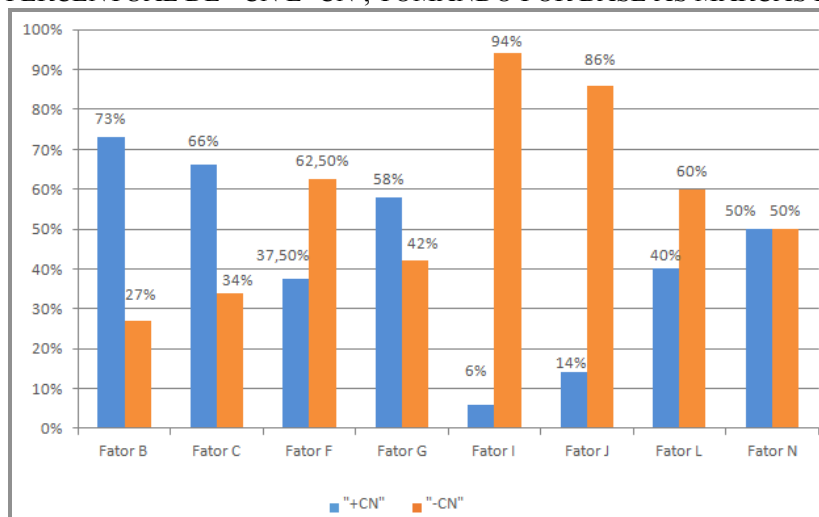
Diante dos resultados apresentados no gráfico e no quadro acima, concluímos que nem a nossa hipótese inicial foi confirmada, pelo fato de que não foram os itens terminados em –L, mas os terminados em –R que favoreceram uma maior uso da variante padrão, nem os resultados de trabalhos já realizados vão na direção dos aqui obtidos.

3.1.4 Variável Marcas Precedentes

Na presente pesquisa, serão analisadas as combinações de palavras que antepostas ao núcleo tendem a favorecer o uso da variante padrão e não padrão relacionada à CN. Faz-se

necessário esclarecermos que a rodada dos dados no Goldvarb X não considerou o PR dos fatores desta variável, mas apenas os percentuais, conforme nos mostra o gráfico a seguir:

GRÁFICO 4 – PERCENTUAL DE +CN E -CN-, TOMANDO POR BASE AS MARCAS PRECEDENTES



QUADRO 7 – PESO RELATIVO RELACIONADO ÀS MARCAS PRECEDENTES

MARCAS PRECEDENTES	
FATOR	TOTAL GERAL DO FATOR/ OCORRÊNCIA DE +CN
Fator B	6787/4947
Fator C	556/366
Fator J	262/226
Fator G	48/20
Fator I	35/2
Fator N	12/6
Fator L	10/6
Fator N	12/6

A hipótese inicial deste estudo é que a ausência fora do SN e zero na 1ª posição favorece a CN padrão. Essa hipótese foi formulada a partir do resultado obtido por Scherre (1988, p. 204) que apresenta um resultado probabilístico de .94 para os adultos e .90 para as crianças (ex.: dO meus pais (1988, p. 177)). No entanto, devido a *knockout*, essa hipótese não pôde ser confirmada, pois o fator A (Apenas um elemento precedente e sem marca de plural) foi eliminado da análise durante a rodada.

Os percentuais obtidos revelaram que o fator B- s- (apenas um elemento precedente e com marca de plural) favorece mais a aplicação da regra de CN, apresentando um percentual

de 73% superior aos demais fatores (ex.: (S2F6mB2/B meus amigos), valendo referirmos que a rodada do programa não apresentou o PR da referida variável.

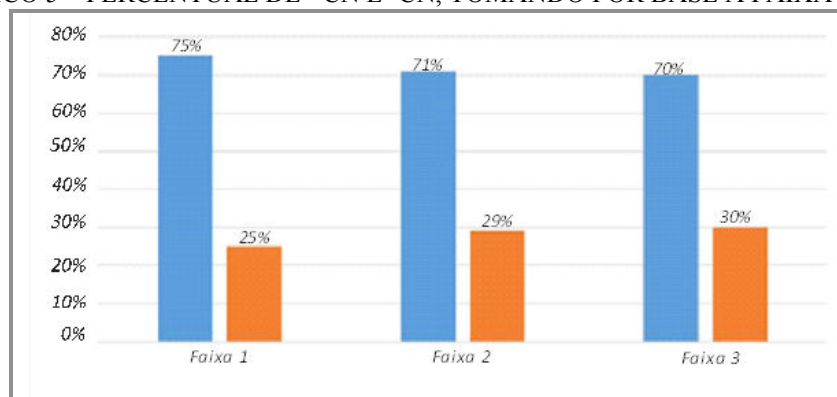
3.2 VARIÁVEIS EXTRALINGUÍSTICAS

3.2.1 Variável Faixa Etária

Em meio às variáveis extralinguísticas selecionadas, a variável faixa etária destaca-se por registrar como diferentes gerações fazem uso das variantes, revelando ora inovação, ora conservadorismo no que se refere aos múltiplos usos da língua em contextos reais de comunicação.

A seguir, são apresentados os percentuais de aplicação e não aplicação da regra de CN, bem como o PR referente à variante padrão em dados da fala dos alunos belo-jardinenses:

GRÁFICO 5 – PERCENTUAL DE +CN E -CN, TOMANDO POR BASE A FAIXA ETÁRIA



QUADRO 8 – PESO RELATIVO RELACIONADO À FAIXA ETÁRIA

VARIÁVEL EXTRALINGUÍSTICA FAIXA ETÁRIA		
FATOR	TOTAL GERAL DO FATOR/ OCORRÊNCIA DE +CN	PR (+CN)
Faixa etária 1 (de 09 a 11 anos de idade)	3961/2957	.71
Faixa etária 2 (de 12 a 17 anos de idade)	9261/6534	.43
Faixa etária 3 (de 18 a 24 anos de idade)	1024/719	.26

Nos percentuais apresentados, não há grande diferença entre os fatores no que se refere à aplicação e à não-aplicação da regra de CN, contudo o PR demonstrou resultado significativo: as crianças (faixa etária 1) usam mais a variante padrão de que os adolescentes e jovens, o que não vem a corroborar nossa hipótese inicial de que os alunos com maior faixa etária favoreceriam o uso dessa variante. A seguir, são apresentados exemplos da variante padrão e não-padrão das três faixas etárias selecionadas para o presente estudo:

Faixa etária 1: (6) a. variante padrão: (S1M4mJ1e/ as notícias

b. variante não padrão: (N1M4mI1eB muitos aluno

Faixa etária 2: (7) a. variante padrão: (S2F4mJ1e/ as amigas

b. variante não padrão: (N2F4mB2/B uns milho

Faixa etária 3: (8) a. variante padrão: (S3M3eG1e/ meus alunos

b. variante não padrão: (N3M3eI1e/ algumas doença

Na pesquisa de Fernandes (1996), os informantes apresentaram resultados no nível de neutralidade, pois os informantes que possuíam de 25 a 49 anos apresentaram um PR de .45 e os que tinham mais de 50 anos, um PR de .55, um resultado que também vai ao encontro da pesquisa de Scherre (1988) que analisou a fala de adultos com 26 a 49 anos de idade (PR: .56; percentual: 75%). Enquanto esses trabalhos apresentam um nível de neutralidade, o presente trabalho demonstra que os informantes mais novos são os que mais favorecem a aplicação da variante padrão (.71).

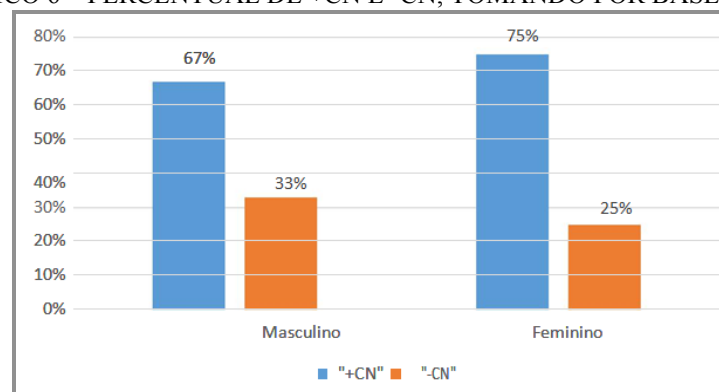
3.2.2 Variável Sexo

É válido dizermos que, na grande maioria dos trabalhos sobre o fenômeno variável da CN na perspectiva Sociolinguística, a variável sexo é abordada (cf. SCHERRE, 1988; FERNANDES, 1997; PEREIRA, 2008; ANDRADE, 2003). Com base nisso, selecionamos essa variável, tendo em mente a hipótese de que o sexo feminino usaria mais a variante padrão. Sobre esse fator, Paiva (2012, p. 40) faz as seguintes considerações sobre a mulher na sociedade e a exigência de um comportamento linguístico conservador e sujeito aos padrões normativos estabelecidos:

Muitos dos papéis tradicionalmente atribuídos à mulher lhe exigem uma conduta irrepreensível. Um exemplo emblemático é a sua responsabilidade na educação dos filhos. Tomando para si a carga de transmissão de normas de comportamento, dentre eles o linguístico, a mulher se vê na contingência de apresentar-se como modelo.

Observamos que o autor atribui um motivo social que impõe à mulher um comportamento linguístico regido por regras sociais. Nesse contexto, a presente pesquisa confirmará ou refutará se, de fato, o sexo feminino usa mais a variante padrão. A citação de Paiva pode não abranger o público infantil na questão da educação dos filhos, mas faz uma alusão à exigência do comportamento linguístico e social. Se às mulheres adultas é feita uma cobrança referente ao seu comportamento social e linguístico, também será feito às meninas. Dessa forma, essa cobrança social e linguística não é feita ao sexo feminino a depender da idade, é feita ao sexo feminino, sejam mulheres adultas ou crianças. Vejamos os resultados quantitativos obtidos:

GRÁFICO 6 – PERCENTUAL DE +CN E -CN, TOMANDO POR BASE O SEXO



QUADRO 9 – QUANTITATIVO GERAL DOS DADOS RELACIONADOS À VARIÁVEL SEXO

VARIÁVEL EXTRALINGUÍSTICA SEXO		
FATOR	TOTAL GERAL DO FATOR/ OCORRÊNCIA DE +CN	PR (+CN)
Feminino	8104/6086	.55
Masculino	6142/4124	.43

Os resultados percentuais mostram uma frequência um pouco maior de uso da variante padrão pelo o sexo feminino, mantendo-se no nível de neutralidade, enquanto os homens apresentaram um PR abaixo Do nível de neutralidade (.43). Dessa forma, entendemos que o fator masculino não favoreceu a variante padrão. A seguir, apresentamos dados extraídos do *corpus* que evidenciam o uso da variante padrão e não padrão usada por ambos os sexos:

Sexo Masculino: (9) a. variante padrão: (S3M3eB2eB os estudos

b. variante não padrão: (N3M3eI1e/ outros tipo

Sexo Feminino: (10) a. variante padrão: (S2F3eB2eB vários adultos

b. variante não padrão: (N2F3eB2/B os bandido

Paiva (2012, p. 35), analisando o comportamento linguístico da mulher, considera que:

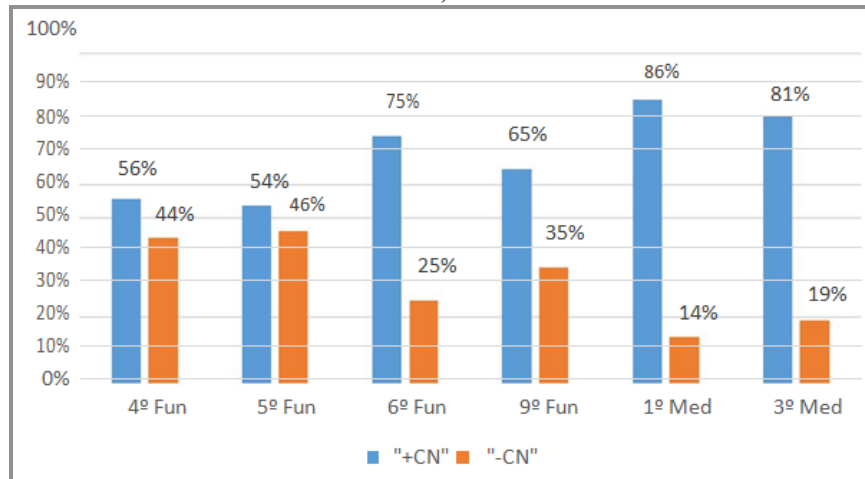
A análise da correlação entre gênero/sexo e a variação linguística tem de, necessariamente, fazer referência não só ao prestígio atribuído pela comunidade às variantes linguísticas como também à forma de organização social de uma dada comunidade de fala. A consistência do padrão que aponta o conservadorismo linguístico das mulheres emerge da análise de variações em comunidades de fala ocidentais, que partilham diversos aspectos de organização sociocultural. Esse padrão pode ser revertido, no entanto, quando se consideram dados de comunidades de fala caracterizadas por outros valores culturais e outra forma de organização social.

Levando em consideração os resultados obtidos, nossa hipótese não se confirma, pois alunos belojoardinenses de ambos os sexos apresentam o mesmo comportamento linguístico no que se refere ao uso da variante padrão e não-padrão. Em sua análise, Scherre (1988) apresenta um PR de .59 (adultas e crianças) do sexo feminino mais favorável à aplicação da variante padrão do que o masculino com .41 (adultos e crianças). Vale salientarmos que os PRs obtidos por essa pesquisadora são de crianças e adultos (1988, p 444-445) e embora o maior resultado, não seja muito alto em relação ao nível de neutralidade, apresenta uma maior aplicação da regra de CN pelas mulheres. No trabalho de Martins (2010), apresentam-se percentuais relevantes, considerando que as mulheres apresentam 50% da variante padrão, ao passo que os homens, apenas 7%.

3.2.3 Variável Escolaridade

Visando testarmos a hipótese também levantada para a língua escrita de que quanto maior o grau de escolaridade, maior o uso da variante padrão, obtivemos os seguintes resultados quantitativos:

GRÁFICO 7 – PERCENTUAL DE +CN E -CN, TOMANDO POR BASE A ESCOLARIDADE



QUADRO 10 – PESO RELATIVO RELACIONADO À ESCOLARIDADE

VARIÁVEL EXTRALINGUÍSTICA ESCOLARIDADE		
FATOR	TOTAL GERAL DO FATOR/ OCORRÊNCIA DE +CN	PR (+CN)
1º Ano do Ensino Médio	2802/2402	.66
3º Ano do Ensino Médio	3397/2744	.60
9º ano do Ensino Fundamental	2544/1653	.56
6º ano do Ensino Fundamental	1970/1484	.50
4º Ano do Ensino Fundamental	1448/810	.23
5º ano do Ensino Fundamental	2085/1117	.23

A partir dos resultados apresentados, houve uma certa concordância entre o PR e os percentuais obtidos de maneira que nossa hipótese inicial foi confirmada: os últimos anos de escolaridade analisados favorecem o uso da variante padrão: o 1º ano do Ensino Médio apresentou um PR de .66 (exemplo: (27) (S2F1eJ1e/ nas pessoas) e o 3º ano do Ensino Médio com PR de .60 (exemplo: (28) (S2M3eJ1e/ os livros novos).

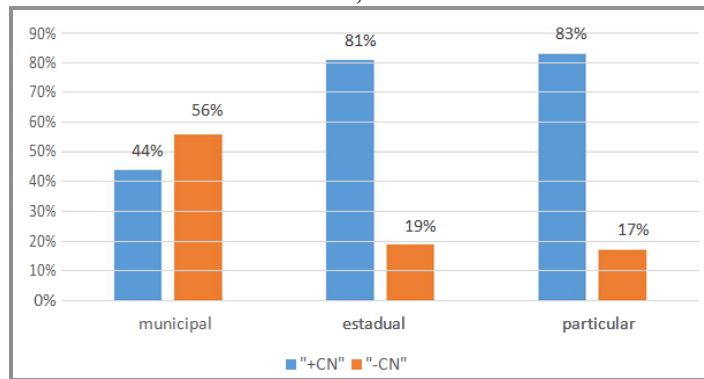
Scherre (1988) também constatou que os informantes que possuíam maior grau de escolaridade apresentaram um maior PR para o uso da variante padrão, tendo os adultos, com 09 a 11 anos de vida escolar, um PR de .65 e percentual de 82%; já as crianças, com 05 a 08 anos de escolarização, obtiveram um PR de .55 e percentual de 68%. Esse resultado também pode ser observado na pesquisa de Sedrins, Siqueira & Santos (2015) realizada no sertão de Pernambuco: alunos do Ensino Médio apresentaram um PR de .560 e um percentual de 72,6% de uso da variante padrão.

3.2.4 Variável Tipo de Escola

Até o momento, não encontramos trabalhos sociolinguísticos realizados na língua falada sobre o fenômeno variável da CN que abordem a variável tipo de escola. Face a essa lacuna, esta pesquisa considera importante a inclusão dessa variável para que seja possível o mapeamento sociolinguístico dos alunos de cada tipo de escola, tomando por base sua realidade social, cultural e econômica que se revela distinta após a aplicação das fichas sociais, sobretudo, quando se compara a escola particular com as escolas públicas (municipal e estadual).

Observem-se, a seguir, os resultados quantitativos obtidos para esta variável:

GRÁFICO 8 – PERCENTUAL DE +CN E -CN, TOMANDO POR BASE O TIPO DE ESCOLA



QUADRO 11 – PESO RELATIVO RELACIONADO AO TIPO DE ESCOLA

VARIÁVEL EXTRALINGUÍSTICA TIPO DE ESCOLA		
FATOR	TOTAL GERAL DO FATOR/ OCORRÊNCIA DE +CN	PR (+CN)
ESTADUAL	2823/2287	.58
PARTICULAR	7465/6174	.58
MUNICIPAL	3958/1749	.28

A hipótese lançada no início do presente trabalho foi a de que os alunos da escola particular aplicariam mais a regra de CN do que os que estudam nos outros dois tipos de escola, porém, os resultados tanto do percentual quanto do PR apresentam uma semelhança entre escola particular e a estadual no sentido de haver maior uso da variante padrão, ao contrário da escola municipal.

Cabe lembrarmos que os alunos da escola estadual são todos do Ensino Médio, cuja realidade econômica, social e cultural é igual aos da escola municipal, a partir das respostas obtidas após a aplicação da ficha social. Além disso, essas escolas estão localizadas no

mesmo bairro. Apesar dessas semelhanças, é possível inferirmos que a distinção entre elas, revelada no gráfico e no quadro acima, pode ser explicada pelo grau de escolaridade do aluno que se encontra no ensino médio, uma hipótese que só poderá ser confirmada após o cruzamento, em trabalhos futuros, da variável tipo de escola com a variável escolaridade.

4 ANÁLISE DOS DADOS DA LÍNGUA ESCRITA

Através da rodada no programa Goldvarb X (SANTOS e VITÓRIO, 2011), obtivemos o percentual e o PR de todos os fatores linguísticos e extralinguísticos que podem favorecer ou não o uso da variante padrão (CN+) e não padrão (CN-). Para a análise dos dados escritos, seguem-se os resultados obtidos apresentados sob a forma de gráficos e quadros.

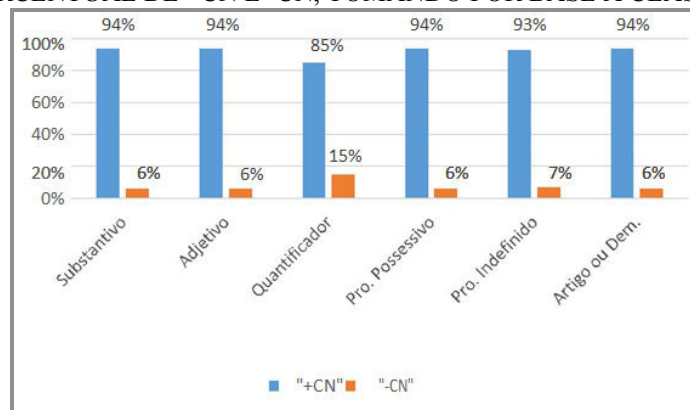
4.1 VARIÁVEIS LINGUÍSTICAS

4.1.1 Variável Classe Gramatical

Nesta subseção, retomaremos os mesmos fatores trabalhados por Scherre (1988) na língua falada para a variável em estudo, a fim de que estabeleçamos, no próximo capítulo, comparação com os dados orais obtidos nesta pesquisa. Vale referirmos que alguns dos fatores foram excluídos na rodada do programa computacional devido a *knockouts*, são eles: C-Categoria Substantivada; e H-Adjetivo 2.

A análise do fenômeno variável da CN a partir da classe gramatical leva em conta quais classes gramaticais favorecem o uso da variante padrão e não-padrão. Para a análise dessas variáveis, apresentam-se abaixo os resultados probabilísticos e percentuais das classes de palavras selecionadas:

GRÁFICO 9 – PERCENTUAL DE +CN E -CN, TOMANDO POR BASE A CLASSE GRAMATICAL



QUADRO 12 – PESO RELATIVO RELACIONADO À CLASSE GRAMATICAL

VARIÁVEL LINGUÍSTICA CLASSE GRAMATICAL		
FATOR	TOTAL GERAL DO FATOR/ OCORRÊNCIA DE +CN	PR (+CN)
Artigo ou Demonstrativo	890/390	.59
Substantivo	1576/1480	.57
Pronome Indefinido	139/129	.47
Pronome Possessivo	3373/392	.39
Adjetivo	226/212	.31
Quantificador	66/56	.28

Conforme verificado em nossa pesquisa, os artigos ou pronomes demonstrativos são os que mais favorecem a variante padrão, conforme o PR apresentado no quadro 4 (ex. com artigos: (S1F4mJ1e/ dos alunos; exemplos com demonstrativos: S2M1eJ1e/1 esses anos. Esse resultado diverge da hipótese inicial que, fundamentada nos resultados de trabalhos já realizados sobre o fenômeno variável em estudo (ANDRADE, 2003; CARVALHO, 1997), levanta a possibilidade de os substantivos serem contextos favorecedores de maior aplicação da regra de CN, embora tenham se aproximado em PR (.57) do PR (.59) dos artigos ou pronomes demonstrativos no que se refere à variante padrão.

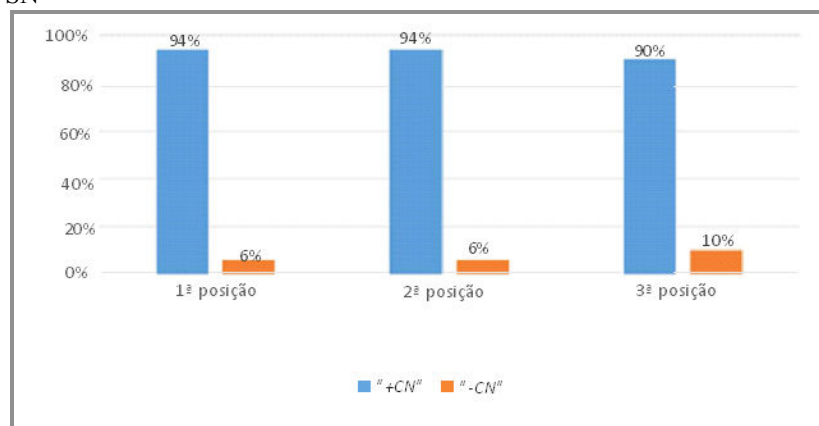
Ao analisar as variáveis classe gramatical e posição do elemento no SN, Fiamengui (2011) observa que seus resultados apontaram para um PR .78 de adjetivos pospostos ao núcleo na segunda posição do SN e um percentual de 99.1% enquanto fator com maior aplicação da regra de CN (ex.: “... a tarde arrumaram umas amizades com moças bonitas passaram (FAR, 8B, P6)”).

O resultado apresentado nos mostra que tanto artigos e demonstrativos quanto substantivos são classes de palavras que mais favorecem a aplicação da CN padrão, isso pode ser observado não apenas em nosso trabalho, mas também de outros pesquisadores já mencionados. Dessa forma, é compreensível que, quando ocorre a presença de ambas as classes gramaticais no mesmo sintagma, a possibilidade de aplicação da regra de CN é bem maior (ex.: S1F4mB2eB dos alunos; (S2F9mG1e/ essas férias).

4.1.2 Variável Posição do Elemento no SN

Na perspectiva atomística aqui adotada, realizamos a análise da 1ª até a 3ª posição do elemento no SN, tendo em mente a relevância dessa variável constatada nos estudos já realizados sobre o fenômeno (ANDRADE, 2003; MARTINS, 2010; SCHERRE, 1988; SANTOS, 2010 e CARVALHO, 1997). Observem-se os resultados quantitativos obtidos neste trabalho:

GRÁFICO 10 – PERCENTUAL DE +CN E -CN, TOMANDO POR BASE A POSIÇÃO DO ELEMENTO NO SN



QUADRO 13 – QUANTITATIVO GERAL DOS DADOS RELACIONADOS À VARIÁVEL POSIÇÃO DOS ELEMENTOS NO SN

VARIÁVEL LINGÜÍSTICA POSIÇÃO DO ELEMENTO NO SN		
FATOR	TOTAL GERAL DO FATOR/ OCORRÊNCIA DE +CN	PR (+CN)
1ª posição no sintagma nominal	1587/1496	.72
2ª posição no sintagma nominal	1527/1430	.31
3ª posição no sintagma nominal	259/233	.29

Nos percentuais apresentados, há um mesmo nível de aplicação e de não-aplicação da regra para as duas primeiras posições dos elementos, enquanto o PR apresenta um importante resultado: elementos na 1ª posição (.72) apresentam um uso significativo da variante padrão que se distancia bastante dos elementos nas posições posteriores. Confirma-se, dessa forma, a hipótese levantada no início do trabalho de que o elemento que ocupa a 1ª

posição no SN receberá mais marca de pluralidade. Observem-se dados do *corpus* que evidenciam o uso da variante padrão com base nos fatores em análise:

1ª posição no SN: (1) (S1F4mJ1e/ dos alunos

2ª posição no SN: (2) (S1F4mB2eB dos professores

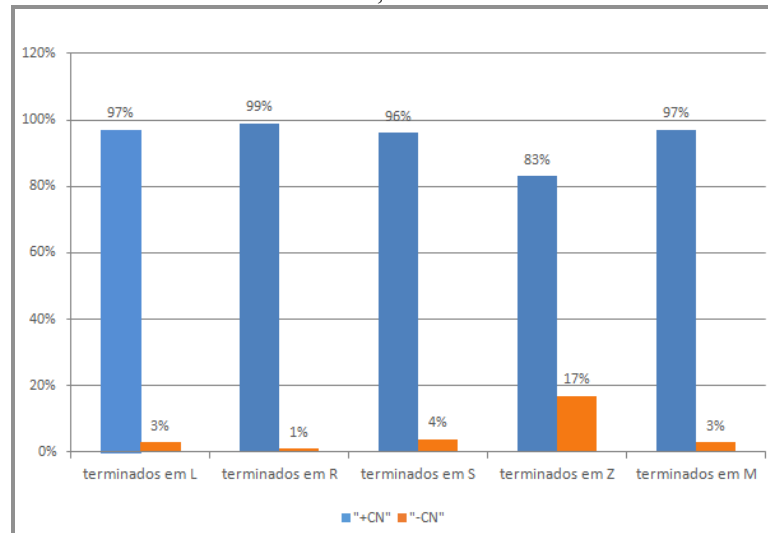
3ª posição no SN: (3) (S1F5mE3eN quatro camas perfumadas

No que diz respeito aos trabalhos que analisam dados escritos, tendo por base esta variável, Mariano (2013) destaca, por exemplo, que elementos na 1ª posição favorecem uma maior aplicação da regra de CN com um PR de .58 e um percentual de 97%.

4.1.3 Variável Saliência Fônica

A referida variável é analisada por Scherre (1988) sob as seguintes dimensões: processos morfofonológicos de formação do plural; tonicidade da sílaba dos itens lexicais singulares e número de sílabas dos itens lexicais singulares, mas, no presente trabalho, a atenção será centrada nos processos morfofonológicos da formação de plural. Para tanto, observem-se os resultados estatísticos e probabilísticos obtidos:

GRÁFICO 11 – PERCENTUAL DE +CN E -CN, TOMANDO POR BASE A SALIÊNCIA FÔNICA



QUADRO 14 – PESO RELATIVO RELACIONADO À SALIÊNCIA FÔNICA

VARIÁVEL LINGÜÍSTICA SALIÊNCIA FÔNICA (processos morfofonológicos da formação de plural)		
FATORES	TOTAL GERAL DO FATOR/ OCORRÊNCIA DE +CN	PR (+CN)
Itens terminados em -R (professor-professores)	203/201	.96
Itens terminados em -M (bom-bons)	63/61	.74
Itens terminados em -L (animal-animais)	63/61	.67
Itens terminados em -Z	12/10	.48
Itens terminados em vogal+ vogal com inserção de -S (plural regular)- (hora-horas)	2826/2708	.43

Tomando o PR apresentado no quadro acima, refutamos a hipótese levantada no início do presente trabalho de que os itens terminados em vogal + vogal com inserção de -S favoreceriam uma maior aplicação da regra de CN, considerando que o fator itens terminados em - R com acréscimo de -ES na aplicação da variante padrão apresentou um resultado significativo de .96, distanciando-se bem do nível de neutralidade (.45 a .55). Exemplos do nosso *corpus* que evidenciam o uso da variante padrão com esse fator são:

- (1) a. (S2M5mB2cB seus poderes
- b. (S1F4mB2eB dos professores
- c. (S2F1eB3cB os outros lugares
- d. (S2F1eB2cB as flores

É interessante observarmos que o fator -R apresentou uma maior aplicação da regra padrão, com 96 de PR, com um resultado relevante, pudemos ver que esse fator recebe bastante a aplicação da regra padrão, dado seu resultado bem expressivo.

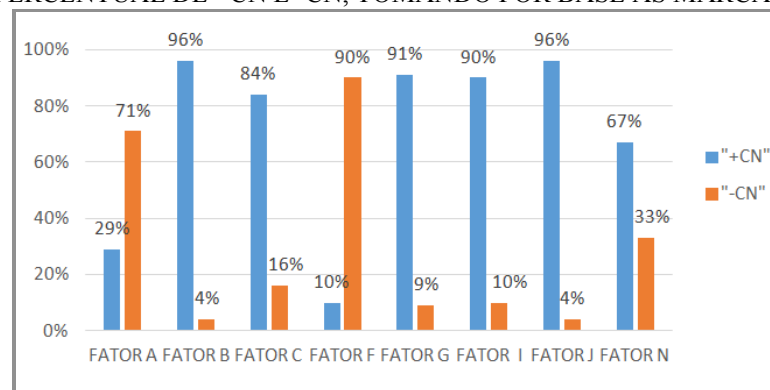
Cumpramos ainda que os fatores b- (Itens terminados em -ÃO, cujo plural se faz com inserção de -S e alterações silábicas ou apenas com alterações silábicas (exemplo: (S1M4mB2bB1 os poderes) e d- (Itens terminados em -S, cujo plural se faz através da inserção de -ES ou de -E (exemplo: (S2F3eB2dC1 três meses) foram eliminados devido aos *knockouts*, restando apenas os cinco fatores apresentados no quadro 6.

No tocante aos trabalhos que consideram a variável saliência fônica na modalidade escrita, Mariano (2013) e Fiamengui (2011) não apresentam resultados probabilísticos ou percentuais sobre a variável supracitada, tendo em vista que a primeira pesquisadora trabalhou apenas com dados escritos e, embora tenha comentado acerca da variável saliência fônica, não consta a análise de tal variável em sua dissertação; já a segunda pesquisadora empregou-a apenas para os dados da fala na dimensão número de sílabas do item lexical singular, não sendo possível realizarmos uma comparação com os resultados do presente estudo.

4.1.4 Variável Marcas Precedentes

Um dos principais intuitos ao inserirmos esta variável no presente estudo é verificarmos a quantidade de marcas precedentes nos elementos em relação ao núcleo do SN que pode favorecer a aplicação da regra de CN. Para tanto, foram retomados os fatores analisados por Scherre (1988) para essa variável. No total, foram selecionados dezesseis fatores¹⁵, dos quais oito foram eliminados. A seguir, são apresentados os fatores, cujos resultados probabilísticos e percentuais foram considerados na rodada do programa Goldvarb X:

GRÁFICO 12 – PERCENTUAL DE +CN E -CN, TOMANDO POR BASE AS MARCAS PRECEDENTES



¹⁵ Com a rodada, eliminamos oito desses fatores, devido a *knockouts* (motivo: ausência de ocorrências ou variação).

QUADRO 15 – PESO RELATIVO RELACIONADO ÀS MARCAS PRECEDENTES

VARIÁVEL LINGÜÍSTICA MARCAS PRECEDENTES		
FATOR	TOTAL GERAL DO FATOR/ OCORRÊNCIA DE +CN	PR (+CN)
FATOR G	23/21	.74
FATOR B	1548/1487	.54
FATOR J	165/158	.51
FATOR C	32/ 27	.31
FATOR N	6/4	.21
FATOR I	40/36	.11
FATOR A	14/4	.01
FATOR F	10/1	.00

Tomando por base o quadro acima, verificamos através do PR que o fator que mais favorece a aplicação da regra de CN padrão é o fator G (primeiro elemento precedente com marca de plural e segundo elemento precedente numeral) com uma aplicação de .74, apresentando-se, dessa forma, como significativo, por distanciar-se da neutralidade. Observem-se exemplos extraídos do *corpus*:

- (2) a. (S1M6mB3eG os dois filhos
- b. (S2M9mB3eG os três filhos
- c. (S2M9mE3eG os três juntos
- d. (S2M9mB3eG os três irmãos

Ao examinarmos os poucos trabalhos que abordam a CN na modalidade escrita, observamos que Fiamengui (2011) realiza apenas a análise dirigida a dados na língua falada para a variável em análise, já Mariano (2013) estabelece apenas quatro fatores em sua análise, os quais diferem dos que são encontrados na presente pesquisa, são eles: (i) ausência de elemento precedente (PR: 65; percentual: 98%), (ii) numeral (PR: .54; percentual: 96%), (iii) presença de marca no elemento precedente (PR: .36; percentual: 94%) e (iv) ausência de marcas no elemento precedente (PR: .20; percentual: 85%), destacando-se como fator que mais favorece a regra de CN o fator ausência de elemento precedente.

No presente estudo, observamos que a hipótese inicial de que a ausência de pluralização do SN, sendo zero na 1ª posição precedente favorece a variante padrão não foi confirmada nos resultados apresentados acima, haja vista que, com exceção do elemento apontado com maior PR (Fator G), os demais apresentam neutralidade ou um PR. muito

abaixo do nível de neutralidade.

Os fatores A e F destacam-se com um PR muito baixo de aplicação da regra de CN. Uma possível causa poderia ser o baixíssimo número de ocorrências dos fatores. E mesmo o fator N com uma aplicação da CN padrão em resultado considerável em relação a quantidade de ocorrências, que embora poucas (6), teve um número alto de CN padrão em relação a quantidade que tivemos (4), mesmo assim, a rodada no programa nos concedeu um PR baixo para o fator N (.21).

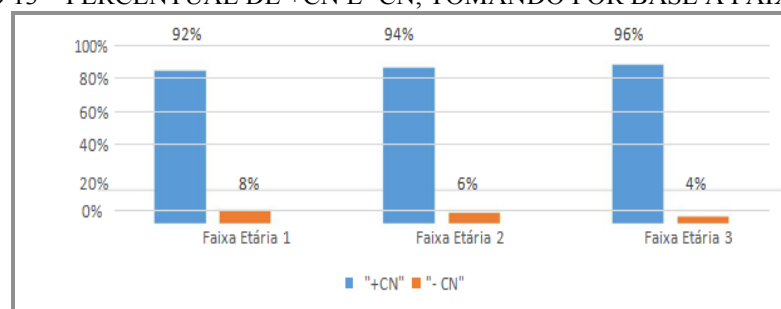
4.2 VARIÁVEIS EXTRALINGUÍSTICAS

4.2.1 Variável Faixa Etária

De acordo com a distribuição de fatores para esta variável, não foram inseridos adultos ou idosos, mas crianças, adolescentes e jovens, tendo em vista que os informantes possuem de 09 a 24 anos de idade, estabelecendo-se, assim, três fatores: faixa 1 (09 a 11 anos)), faixa 2 (12 a 17 anos) e faixa 3 (de 18 a 24 anos).

A rodada dos dados da língua escrita permitiu obtermos os seguintes resultados percentuais e probabilísticos relacionados ao uso da variante padrão (+CN) e não-padrão (-CN):

GRÁFICO 13 – PERCENTUAL DE +CN E -CN, TOMANDO POR BASE A FAIXA ETÁRIA



QUADRO 16 – PESO RELATIVO RELACIONADO À FAIXA ETÁRIA

VARIÁVEL EXTRALINGUÍSTICA FAIXA ETÁRIA		
FATOR	TOTAL GERAL DO FATOR/ OCORRÊNCIA DE +CN	PR (+CN)
Faixa etária 1 (de 09 a 11 anos de idade)	869/801	.64
Faixa etária 2 (de 12 a 17 anos de idade)	2249/2113	.53
Faixa etária 3 (de 18 a 24 anos de idade)	255/245	.03

No que diz respeito aos percentuais apresentados no gráfico, observamos que não houve uma diferença relevante no que se refere à aplicação e à não aplicação da regra de CN. Contudo, o PR de aplicação da regra padrão da CN demonstrou como significativa a faixa etária 1 (.64), divergindo da nossa hipótese e do resultado obtido por Andrade (2003) de que os alunos mais velhos usariam mais a variante padrão. Seguem exemplos da ocorrência da variante padrão e não padrão nas três faixas etárias:

Faixa etária 1: (3) a. variante padrão: (17) (S1F4mJ1e/ dos alunos

b. variante não padrão: (18) (N1F4mJ2eB uns aos outros

Faixa Etária 2: (4) a. variante padrão: (19) (S2F4mB2cB muitos poderes

b. variante não padrão: (20) (N2F4mJ1// o seu filhos

Faixa etária 3: (5) a. variante padrão: (21) (S3F3eG1e/ seus poderes

b. variante não padrão: (22) (N3M3pJ1// ao Estados Unidos

Fiamengui (2011), analisando esta variável, verifica que os informantes com 11 anos de idade aplicam mais a regra de CN, tomando por base o PR (.79). A pesquisadora afirma que informantes de 14 e 15 anos desfavorecem mais a aplicação dessa regra, tendo em vista que os adolescentes estão ganhando uma identidade social própria, revelando um uso linguístico que diverge em relação às regras prescritivas nos manuais gramaticais.

No que diz respeito aos resultados probabilísticos alcançados em nosso estudo, houve uma concordância com o que é evidenciado no trabalho de Fiamengui (2011), que a faixa etária que mais utilizou a CN padrão foi a das crianças; porém os adolescentes revelaram um uso que se encontra no nível da neutralidade, sendo a faixa etária 3 a que menos usa a variante padrão.

4.2.2 Variável Sexo

Ao referir-se à linguagem utilizada pelo sexo masculino e feminino, Monteiro (2000, p. 75) faz as seguintes considerações:

(...) Homens e mulheres são socialmente diferentes no sentido de que a sociedade lhes confere papéis diferentes e espera que utilizem padrões de comportamento também distintos. Assim sendo, a linguagem apenas reflete este fato social. E o que é mais significativo: as mulheres, de acordo com muitas pesquisas já realizadas, costumam empregar, bem mais do que os homens, as formas que as normas gramaticais prescrevem como próprias da língua-padrão.

Alguns estudos demonstraram que isso ocorre por dois motivos:

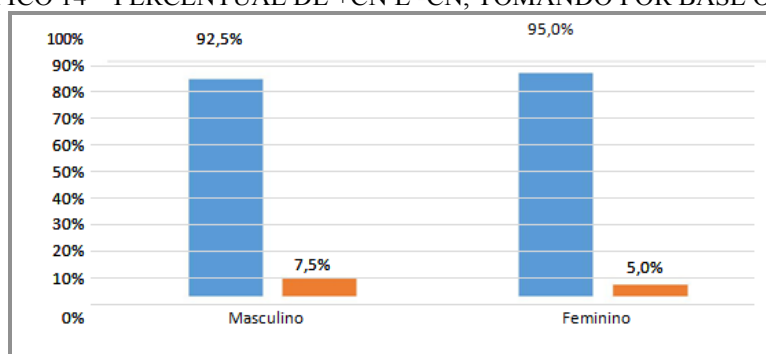
a) As mulheres são extremamente sensíveis ao prestígio explícito, uma vez que é mais apurada a sua percepção dos sinais de estratificação social. Em nossa sociedade elas são, genericamente falando, mais conscientes do seu status do que os homens. E é por essa razão que se mostram mais sensíveis à significação social de variáveis linguísticas relacionadas à classe social.

b) Parece que a fala da classe trabalhadora, assim como outros aspectos da cultura dessa classe, tem conotações ou associações com masculinidade, o que pode deixar o homem mais favoravelmente propenso ao uso não-padrão do que a mulher. Tais conotações ou associações são de certo, modo prestigiadas, configurando o que Labov denominou de prestígio encoberto ou oculto. Esse tipo de prestígio costuma ser carregado por formas que se afastam do padrão e afeta sobretudo o discurso de falantes masculinos, que inconscientemente lhe associam uma marca de virilidade.

Levando em consideração as reflexões do autor acerca das “exigências sociais” voltadas à mulher, consideramos também que as influências sociais tendem a ocasionar algum tipo de comportamento expresso na linguagem de ambos os sexos de acordo com os papéis que desempenham em suas comunidades de fala, sendo assim, hipotetizamos no presente trabalho que as mulheres farão mais uso da variante padrão relacionada à CN do que os homens.

É válido salientarmos que a rodada considerada melhor para os dados escritos (#36,392) descartou a variável sexo, não apresentando o PR de aplicação da CN padrão. Dessa forma, serão apresentados apenas os percentuais obtidos:

GRÁFICO 14 – PERCENTUAL DE +CN E -CN, TOMANDO POR BASE O SEXO



QUADRO 17 – PESO RELATIVO RELACIONADO AO SEXO
VARIÁVEL SEXO

VARIÁVEL SEXO	
FATOR	TOTAL GERAL DO FATOR/ OCORRÊNCIA DE +CN
Masculino	1418/1350
Feminino	1955/1809

A diferença de uso da variante padrão entre ambos os sexos não é relevante ao considerarmos que é uma diferença de apenas 2,5%. Esse resultado não confirma a hipótese inicial que as mulheres usariam mais a variante padrão e revela que os informantes de ambos os sexos aproximam-se quanto à variação linguística na modalidade escrita, inovando em relação aos resultados obtidos em trabalhos relacionados à CN na língua falada no século passado e nos primeiros anos do presente século que apontam que o sexo feminino usa mais a variante padrão (cf. SCHERRE, 1988; SANTOS, 2010; MARTINS, 2010 e LEMOS, 2010). A seguir, são apresentados exemplos da variante padrão e não padrão para ambos os sexos:

Sexo Feminino: (6) a. variante padrão: (23) (S2**F**4mB2eC três filhos
b. variante não padrão: (24) (N2**F**4mG1// sua férias

Sexo Masculino: (7) a. variante padrão: (25) (S1**M**4mJ1eB os pais
b. variante não padrão: (26) (N2**M**5mJ1e/ os ladran

No que diz respeito aos trabalhos mencionados no primeiro capítulo desta dissertação que analisam o fenômeno da CN na modalidade escrita, Fiamengui (2011) apresenta resultados probabilísticos que apontam para o fato de as mulheres aplicarem mais a regra de CN na escrita do que os homens (masculino (+CN= PR .37/ percentual: 94,3%) e feminino (+CN: .56/ percentual: 97,3%)). Em termos percentuais, a diferença é pequena, mas o PR revela que o sexo masculino usa menos a variante padrão do que as mulheres.

No que diz respeito aos alunos e alunas belojoardinenses, mediante os percentuais obtidos, consideramos, à semelhança de Fiamengui (2011), que aplicam mais a regra da CN em quase todo texto escrito. Esse fato pode ser explicado devido ao fato de os informantes, por se encontrarem em uma situação de escrita no ambiente escolar, sentirem-se mais monitorados, levando-os a usarem mais a variante padrão.

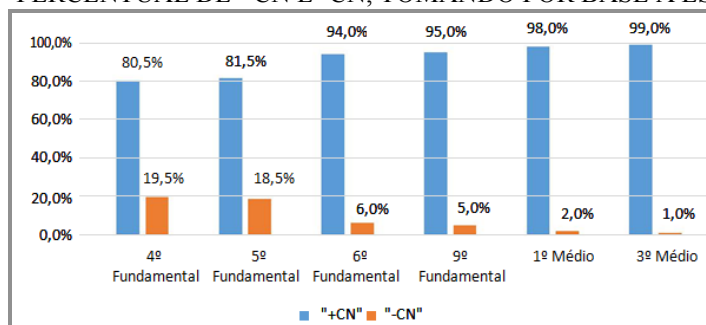
4.2.3 Variável Escolaridade

Considerando que é na escola onde quase sempre se aprende a escrever e onde comumente há um maior incentivo ao ensino da norma padrão (cf. POSSENTI, 1996; FARACO e ZILLES, 2015), é expectativa dos estudos sociolinguísticos relacionados ao fenômeno variável da CN que informantes com maior grau de escolaridade apliquem mais a regra de CN (cf. SCHERRE, 1988; ANDRADE, 2003; FIAMENGUI, 2011). Dessa forma,

em concordância aos demais estudos, o presente trabalho levanta a hipótese de que os informantes com maior grau de escolaridade usarão mais a variante padrão.

Visando testarmos essa hipótese, observem-se os resultados apresentados abaixo, a partir dos quais será possível verificarmos se os informantes que frequentam a escola por mais tempo tendem a usar mais a variante padrão da CN ou não:

GRÁFICO 15 – PERCENTUAL DE +CN E -CN, TOMANDO POR BASE A ESCOLARIDADE



QUADRO 18 – PESO RELATIVO RELACIONADO À ESCOLARIDADE
VARIÁVEL EXTRALINGÜÍSTICA ESCOLARIDADE

FATOR	TOTAL GERAL DO FATOR/ OCORRÊNCIA DE +CN	PR (+CN)
3º Ano do Ensino Médio	789/779	.94
1º Ano do Ensino Médio	786/772	.43
9º Ano do Ensino Fundamental	644/611	.43
6º Ano do Ensino Fundamental	466/439	.43
5º Ano do Ensino Fundamental	422/344	.12
4º Ano do Ensino Fundamental	266/214	.10

Embora nos percentuais haja uma proximidade entre o 1º e 3º ano do Ensino Médio, observamos, através do PR, que o 3º ano do Ensino Médio é o único que ultrapassa de forma acentuada o nível de neutralidade; os demais fatores apresentam uma aplicação muito próxima ou muito abaixo da neutralidade, confirmando-se a hipótese inicial de que quanto maior tempo de escolaridade o informante possuir, mais usará a variante padrão. Exemplificamos abaixo o uso da variante padrão e não-padrão nos anos escolares selecionados para o presente estudo:

4º ano do Ensino Fundamental: (8) a. variante padrão: (S1F4mJ1e/ dos alunos

b. variante não padrão (N1F4mJ2eB uns aos outro

5º ano do Ensino Fundamental: (9) a. variante padrão: (S2M5mB2cB seus poderes
b. variante não padrão: (N1F5mI1// uma paisagens lindas

6º ano do Ensino Fundamental: (10) a. variante padrão: (S2M6mB1e/ os pais
b. variante não padrão: (N2M6mB2/B muitos livro

9º ano do Ensino Fundamental: (11) a. variante padrão: (S2F9mB2eB as novidades
b. variante não padrão: (N2F9mB2e/ a armas

1º ano do Ensino Médio: (12) a. variante padrão: (S2M1eB1eB as pessoas
b. variante não padrão: (N2F1eB1e/ pessoas comum

3º ano do Ensino Médio: (13) a. variante padrão: (S2M3eB1cB poderes impinóticos
b. variante não padrão: (N3F3eB2eC um zoológicos

No que diz respeito a pesquisas já realizadas sobre a CN na modalidade escrita, Mariano (2013), ao avaliar redações escolares de diferentes escolas de regiões do Rio de Janeiro, selecionou os fatores do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental, observando que o 8º ano se destacou no maior uso da variante padrão (PR: .61; percentual de 97%), apontando para o fato de os últimos anos de escolaridades serem fatores condicionantes ao uso dessa variante.

Ao observarmos os resultados obtidos por Fiamengui (2011), a 6ª série apresenta um percentual igual ao da 8ª série¹⁶ de 97% para aplicação da regra de CN e um PR no nível neutralidade de 50, enquanto o PR da “8ª série” (.66) foi o maior em relação aos demais fatores. Dessa forma, a quantidade de anos de escolaridade que o informante possui reflete-se no maior uso da variante padrão.

Tais resultados levam-nos a refletir sobre o incentivo da variante padrão que a escola imprime aos seus estudantes, sugerindo aos estudiosos que se dedicam à temática da variação linguística e do ensino que avaliem como esse ensino vem sendo trabalhado, não perdendo de vista a importância do trabalho com as demais variantes, o que culminará na reflexão sobre os múltiplos usos da língua, evidências do caráter intrinsecamente heterogêneo da língua.

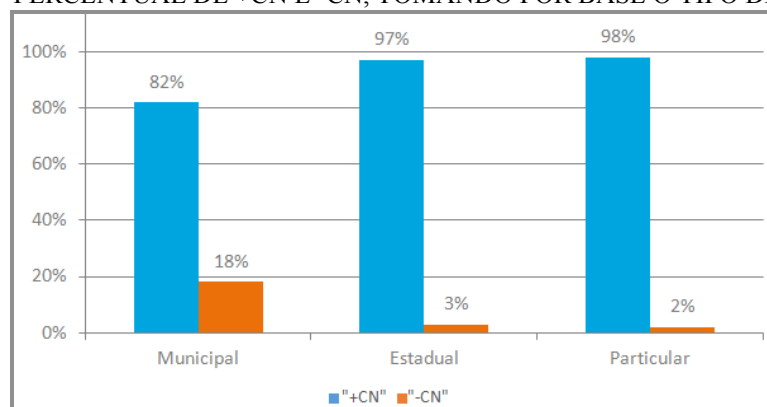
¹⁶ Atualmente, a 6ª série tem a nomenclatura de 7º ano e a 8ª série, de 9º ano.

4.2.4 Variável Tipo de Escola

É necessário salientarmos que, até onde temos verificado, não foram encontrados trabalhos sociolinguísticos sobre a CN que trabalhem a variável tipo de escola tal como está sendo analisado aqui. Na dissertação de Mariano (2013), encontram-se resultados da variável Localidade em que estão situadas escolas particulares e públicas. Dessa forma, pontuamos aqui mais uma contribuição que o presente trabalho concede aos estudos sobre o fenômeno variável da CN, tendo em vista que a relevância em comparar resultados entre a escola pública e privada e ainda especificar a rede (municipal, estadual e particular) abre caminhos para novas pesquisas relacionadas não apenas à descrição de outros fenômenos linguísticos variáveis, mas também à ampliação de estudos no âmbito da Sociolinguística Educacional (BORTONI-RICARDO, 2004, 2005; CYANKA, 2015), sendo possível compreendermos o mapeamento do perfil sociolinguístico das diferentes escolas, apontando semelhanças e diferenças entre elas no tratamento da variação linguística em sala de aula.

No que diz respeito aos resultados encontrados para a variável em análise, observemos o gráfico e a tabela, a seguir:

GRÁFICO 16 – PERCENTUAL DE +CN E -CN, TOMANDO POR BASE O TIPO DE ESCOLA



QUADRO 19 – PESO RELATIVO RELACIONADO AO TIPO DE ESCOLA

VARIÁVEL EXTRALINGÜÍSTICA TIPO DE ESCOLA		
FATOR	TOTAL GERAL DO FATOR/ OCORRÊNCIA DE +CN	PR (+CN)
Particular	1907/ 1872	.64
Estadual	540/ 526	.41
Municipal	926/761	.25

Levando em consideração os PRs dos fatores que compõem a variável em estudo, observamos que a escola particular favorece o uso da variante padrão, pois seu PR (.64) está acima do nível de neutralidade. A seguir, exemplificamos o uso da variante padrão e não padrão em ambas as escolas:

Escola Municipal (14) a. variante padrão: (S1F4**m**B2eB dos professores
b. variante não padrão: (N1F4**m**J2eB uns aos outro

Escola Estadual: (15) a. variante padrão: (S2F3eB2**e**B vários segredos
b. variante não padrão: (N3F3eB2eC um zoológicos

Escola Particular: (16) a. variante padrão: (S1F4pB2cB seus poderes
b. variante não padrão: (N1F4pI1e/ muitas gente

Em sua pesquisa, Mariano (2013), ao analisar localidades do Rio de Janeiro onde estão inseridas escolas públicas e particulares, apresenta um maior PR de uso da variante padrão na escola particular em Vila da Penha (PR: 61; percentual de 96%). Já a outra escola particular localizada em Ilha do Governador fica em 3º lugar com um PR de .48 e um percentual de 94%. É preciso esclarecermos que, apesar de especificar quais escolas eram particulares ou públicas e tecer breves comentários acerca da natureza da instituição, a pesquisadora informa que sua análise volta-se para a localidade onde essas escolas estão situadas, investigando seus aspectos linguísticos, sociais e culturais.

A partir dos resultados obtidos neste estudo, a hipótese inicial é confirmada para a modalidade escrita: alunos da escola particular tendem a usar mais a variante padrão, ao contrário de alunos de escolas públicas cujas fichas sociais revelam que, em geral, seus responsáveis legais não têm o ensino fundamental completo. E ainda, a partir da realidade econômica e cultural dos alunos da escola particular evidenciada nas fichas sociais, inferimos que, por lidarem com situações comunicativas mais amplas, possibilitando o exercício de diversas habilidades comunicativas, o uso da variante padrão talvez seja mais frequente.

5 ANÁLISE COMPARATIVA DOS DADOS DA LÍNGUA FALADA COM OS DADOS DA LÍNGUA ESCRITA

Conforme foi mencionado nos capítulos anteriores, há uma grande produção de trabalhos sobre o fenômeno variável da CN no que diz respeito à morfologia de número no interior do SN na modalidade oral (SCHERRE, 1988; FERNANDES, 1996; MARTINS, 2010; PEREIRA, 2008; NARO, 2006; ANDRADE, 2003), sendo reduzido, portanto, o número de trabalhos que abordam esse tema na modalidade escrita.

Sob a perspectiva teórica da Sociolinguística Variacionista, desde a década de 60 até a segunda década do atual século XXI, consideramos os poucos estudos sobre o fenômeno da CN na modalidade escrita (FIAMENGUI, 2011; CHRISTINO & SILVA, 2012 e MARIANO, 2013) como inovadores ao abrirem novos caminhos para a reflexão sobre os múltiplos usos da língua, levando em consideração também que a escrita, tal como a fala, é uma das modalidades de uso da língua e, portanto, um dos locus de heterogeneidade linguística. Sendo assim, torna-se relevante neste último capítulo compararmos essas modalidades a fim de que seja possível ampliarmos nosso conhecimento sobre a dinamicidade da língua, em nosso caso, a variação linguística atestada no âmbito da CN ocasionada pela influência de fatores linguísticos e extralinguísticos. Dessa comparação, será possível verificarmos que a língua escrita não tem supremacia sobre a fala (cf. MARCUSCHI, 2008), mas pode compartilhar com esta algumas semelhanças no que se refere ao comportamento linguístico de um dado fenômeno (cf. subseção 5.1). Para tanto, será realizada uma análise comparativa entre os dados de fala e de escrita obtidos (cf. subseções 5.2 e 5.3), centrando a atenção nos fatores que tendem a favorecer o uso da variante padrão, consequentemente também serão identificados fatores que inibem essa variante.

5.1 PALAVRAS INICIAIS: GÊNEROS TEXTUAIS ORAIS E ESCRITOS

Como o presente trabalho aborda a modalidade oral e escrita no ambiente escolar, torna-se conveniente discorrermos sobre a maneira como essas modalidades são trabalhadas no cotidiano de seus educandos. Segundo Antunes (2003, p. 24- 25), há “uma quase omissão da fala como objeto de exploração no trabalho escolar; essa omissão pode ter como explicação a crença ingênua de que os usos orais da língua estão tão ligados à vida de todos nós que nem sempre precisam ser matéria de sala de aula”. Diante disso, a abordagem da

oralidade e, conseqüentemente, dos gêneros orais em sala de aula é bem menos frequente, sendo uma das causas:

[...] uma equivocada visão da fala, como o lugar privilegiado para a violação das regras da gramática. De acordo com essa visão, tudo o que é “erro” na língua acontece na fala e tudo é permitido, pois ela está acima das prescrições gramaticais; não se distinguem, portanto, as situações sociais mais formais de interação que vão, inevitavelmente, condicionar outros padrões de oralidade que não o coloquial [...].

De acordo com a visão da autora, esse tipo de pensamento seguido ainda por boa parte dos professores de língua portuguesa é equivocado. Ignoram-se os gêneros textuais orais cujo contexto de produção, à semelhança da escrita, pode ser formal e informal, culminando, portanto, em um uso mais frequente da variante padrão e não padrão, respectivamente.

No entanto, quando se observa, em alguns momentos, o trabalho com os gêneros orais, os professores tendem a centrar a atenção nos contextos informais, perpetuando uma dicotomia de que esses gêneros estão para a informalidade, assim como os gêneros escritos, para a formalidade. Nesse sentido, Antunes (2003, p. 25) observa que há

[...] uma concentração das atividades em torno dos gêneros da oralidade informal, peculiar às situações da comunicação privada; nesse contexto, predominam os registros coloquiais, como a “conversa”, a “troca de ideias”, “a explicação para o colega vizinho” etc. Na verdade, o trabalho se restringe à reprodução desses registros informais, sem que se promova uma análise mais consistente de como a conversação acontece [...].

Prosseguindo em suas considerações, a autora destaca que há;

uma generalizada falta de oportunidades de se explicitar em sala de aula os padrões gerais da conversação, de se abordar a realização dos gêneros orais da comunicação pública, que pedem registros mais formais, com escolhas lexicais mais especializadas e padrões textuais mais rígidos, além do atendimento a certas convenções sociais exigidas pelas situações do “falar em público” (ANTUNES, 2003, p. 25).

Em linhas gerais, ainda existem muitas escolas voltadas a um ensino prescritivo das regras presentes nos manuais tradicionais de gramática que se embasam na língua escrita, em particular, na escrita formal. Para Antunes (2003, p. 23-24), essa escrita baseia-se na “prática de uma escrita mecânica e periférica, centrada, inicialmente, nas habilidades motoras de produzir sinais gráficos e, mais adiante, na memorização pura e simples de regras ortográficas: para muita gente, não saber escrever ainda equivale a escrever com erros de ortografia.”. Nesse sentido, as escolas centram a atenção no ensino da variante padrão e

deixam de lado a reflexão sobre os múltiplos usos da língua que englobam não só a língua escrita, mas também a língua falada e se concretizam através dos gêneros textuais entendidos “textos que encontramos em nossa vida diária e que apresentam padrões sociocomunicativos característicos definidos por composições funcionais, objetivos enunciativos e estilos concretamente realizados na integração de forças históricas, sociais, institucionais e técnicas” (MARCUSCHI, 2008, p. 155).

Tomando por base o que foi exposto, focalizamos nesta pesquisa as duas modalidades de uso da língua para o entendimento do fenômeno variável da CN a partir dos dados orais e escritos produzidos por alunos belo Jardimenses. Para tanto, tomando por base as diferentes práticas sociais que se constituem através da língua em seus diferentes contextos de uso, trabalhamos com os gêneros entrevista informal (língua falada) e redação escolar¹⁷ (com predominância do texto narrativo (a chamada estória)) (língua escrita), a fim de compreendermos o fenômeno em análise sob a ótica da variação diamésica (cf. capítulo 2).

A escolha pela redação com predominância do texto narrativo deu-se em decorrência do fato de que, embora seja um texto produzido em sala de aula, difere de uma redação com predominância do texto dissertativo, pelo fato de o aluno dar mais ênfase ao que se está narrando através de seu maior envolvimento emocional ao criar sua estória. Nesse sentido, seu grau de monitoramento quanto à sua escrita é um pouco menor em comparação à elaboração de um texto dissertativo que necessita de todos os recursos argumentativos na defesa de uma determinada tese, buscando convencer seu interlocutor.

Por acreditarmos que a produção escrita de um texto narrativo exige um grau de monitoramento um pouco menor do aluno, comparamos os resultados dos dados escritos com os dados orais extraídos de entrevistas informais em que havia pouco ou nenhum grau de monitoramento do aluno, evidenciando sua fala espontânea. Não obstante, não podemos perder de vista que, apesar do pouco monitoramento do aluno na produção de sua narração, esse texto foi produzido em sala de aula cujo contexto exerce algum tipo de pressão imposta (indiretamente) pelo professor ao aluno quanto ao uso da variante padrão, conforme evidenciam pesquisas sociolinguísticas.

¹⁷ O conceito de redação está sendo adotado aqui no sentido mais amplo (produção textual) por extrapolar o conceito de redação como gênero textual que “só circula na escola e em algumas instituições que a exigem em concursos públicos, aí incluídos o vestibular e o Enem” (OLIVEIRA, 2010, p. 143).

Ademais, assumimos com Elias e Koch (2014, p. 13) que “[t]odo texto é resultado de uma coprodução entre interlocutores: o que distingue o texto escrito do falado é a forma como tal coprodução se realiza.”. Para elas,

- a) no texto escrito, o produtor tem mais tempo para o planejamento; a execução e revisão são mais cuidadosas;
- b) o texto escrito é o resultado de um processo, portanto estático, enquanto o texto falado é processo, portanto, dinâmico;
- c) o texto falado emerge no momento da interação; e
- d) muitos textos escritos se situam próximos ao polo da fala e também muitos textos orais se aproximam do polo da escrita formal. (Elias; Koch, 2014, p. 13-17).

Para além da maneira como se realizam e se constituem os gêneros orais e escritos, seja em contextos formais e informais, não podemos compreendê-los sob uma ótica dicotômica, mas a partir de um contínuo tipológico a depender modo de produção (oral e escrita) e concepção discursiva (sonoro ou gráfico). Segundo Marcuschi (2010), existem os protótipos da modalidade escrita (artigo científico) e os que são próprios da modalidade oral (conversa espontânea), porém alguns gêneros textuais se entrecruzam, constituindo domínios mistos, tais como o noticiário televisivo.

Para o autor supracitado, os gêneros textuais escritos e orais possuem uma integram o aspecto sistêmico ao fazerem uso de seus recursos tais como, mímica, palavras, ícones de computador, etc.. Diferenciam-se quanto ao meio de produção (sonoro *versus* gráfico) e concepção discursiva (oral *versus* escrita).

É válido salientarmos que mesmo em meio às suas características diferenciais em ambas as modalidades de uso da língua, os gêneros textuais variam de acordo com a situação comunicativa na qual estão inseridos e essa variação na forma do texto propicia uma maior formalidade ou informalidade no texto, o que conseqüentemente implicará num maior favorecimento ou desfavorecimento da CN padrão.

Na presente pesquisa utilizamos o gênero redação escolar (tipo narrativo) para a coleta dos dados escritos, tendo o meio de produção gráfica, que geralmente favorece um uso mais formal da língua e para a coleta dos dados orais, fizemos uso da entrevista, a qual tem seu meio de produção sonoro, o que pode favorecer uma maior espontaneidade do informante na sua fala, expressando naturalmente as variações existentes em sua linguagem cotidiana.

Em linhas gerais, acreditamos que, por ser a entrevista produzida em um contexto informal que favorece uma fala mais espontânea e a narração, em um contexto formal por ser produzida no ambiente de sala de aula sob a supervisão do docente, os resultados obtidos podem apontar para uma possível assimetria entre a língua falada e a língua escrita no que se

refere ao uso da variante padrão relacionada à CN. Sobre essa questão, observemos a análise comparativa apresentada na próxima subseção.

5.2 CÔMPUTO GERAL DOS RESULTADOS DA LÍNGUA FALADA E DA LÍNGUA ESCRITA

Nesta subseção, torna-se importante apresentarmos os resultados que concedem uma visão geral acerca da aplicação e não-aplicação da regra de CN em ambas as modalidades de uso da língua:

QUADRO 20 – QUANTITATIVO GERAL DOS DADOS NA LÍNGUA FALADA E ESCRITA

MODALIDADE DA LÍNGUA	TOTAL GERAL/ OCORRÊNCIA DE +CN	TOTAL GERAL/ OCORRÊNCIA DE -CN
Língua Falada	14246/10210	14246/4036
Língua Escrita	3373/3159	3373/214

GRÁFICO 17 – PERCENTUAL DE +CN E -CN NA LÍNGUA FALADA

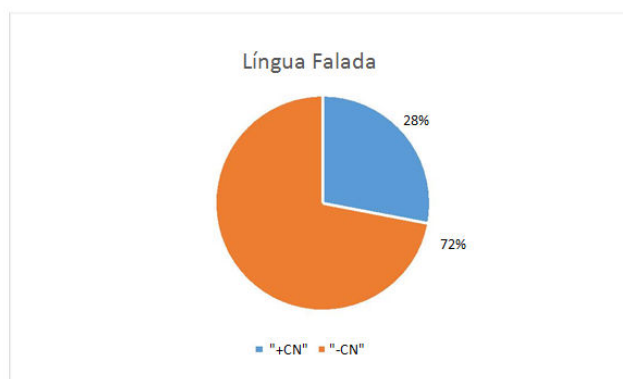
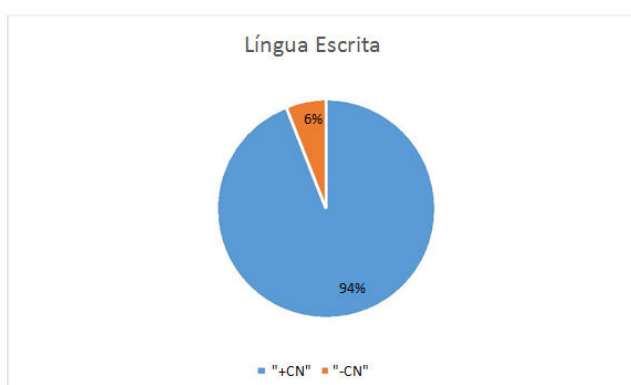


GRÁFICO 18 – PERCENTUAL DE +CN E -CN NA LÍNGUA ESCRITA



Apresentados os gráficos de ambas as modalidades de uso da língua, é possível concluirmos que os alunos belojardinenses usam mais a variante padrão na língua escrita do que na língua falada. Tal resultado confirma que a escola exerce influência no que se refere ao uso da variante padrão na escrita. Outro motivo seria o fato de a escrita ser menos espontânea em sua produção, considerando que, durante as produções das narrativas, o aluno dispôs de um certo tempo para construir seus enunciados e automonitorar-se, enquanto, nas entrevistas, as respostas eram imediatas: ao narrar fatos de sua vida pessoal, o aluno expressou-se de forma mais espontânea, levando-o a produzir com mais frequência a variante não-padrão.

5.3 SOBRE OS FATORES FAVORECEDORES DA VARIANTE PADRÃO E NÃO-PADRÃO NA LÍNGUA FALADA E NA LÍNGUA ESCRITA

Nesta subseção, serão abordados os fatores favorecedores da variante padrão em ambas as modalidades, tendo em mente os fatores que apresentam maior PR. Baseando-nos em Fiamengui (2011) que apresenta os resultados de fala e escrita em quadros que permitem uma comparação entre essas modalidades, é apresentado, a seguir, um quadro que contempla as variáveis linguísticas e extralinguísticas. Vale referirmos que, diferentemente de Fiamengui (2011), na presente pesquisa, estabelecemos as mesmas variáveis para as duas modalidades de uso da língua.

QUADRO 21 – FATORES FAVORECEDORES DA VARIANTE PADRÃO NA LÍNGUA FALADA E NA LÍNGUA ESCRITA

VARIÁVEL	FATOR	Língua Falada PR	Língua Escrita PR	Língua Falada Percentual +CN	Língua Escrita Percentual -CN
Faixa Etária	Faixa 1 (09 a 11 anos de idade)	71	64	75%	92%
Sexo	Feminino	55		75%	95%
	Masculino				92,5%
Escolaridade Tipo de Escola	1º Ano do Ensino Médio	66		86%	
	3º Ano do Ensino Médio Estadual	58	94	81%	99%
	Particular	58	64	83%	98%
Classe gramatical	Quantificador	77		76%	
	Artigo ou Demonstrativo		59		94%
Saliência Fônica	Terminados em -R	78	96	97%	99%

	Terminados em -L	78		97%	
Posição do elemento no SN	1ª posição		72	72%	94%
	2ª posição			72%	
(Conclusão)					
Marcas precedentes	Fator G (Primeiro elemento precedente com marca de plural e segundo elemento precedente numeral)		74		96%

Tomando por base umas das questões centrais deste estudo: existe assimetria entre fala e escrita no que se refere ao fenômeno variação da CN? O quadro 21 mostra-nos fatores favorecedores da variante padrão que estabelecem ora semelhança entre a língua falada e escrita, ora assimetria entre elas. Diante disso, analisaremos, a partir de agora, cada fator apresentado no quadro acima.

5.3.1 Comparativo no âmbito da variável Faixa Etária

Ao analisarmos a variável faixa etária em ambas as modalidades, verificamos que a faixa etária 1, que compreende as crianças da pesquisa, aplicaram mais a regra de CN. Em sua pesquisa, Fiamengui (2011) observa que, na língua falada, há .93 de uso da variante padrão por informantes com 12 anos de idade e .60, por informantes com 10 anos de idade na modalidade escrita, ou seja, a faixa etária da pesquisa de Fiamengui que mais aplica a regra de CN é aquela que está na transição da infância para a adolescência, enquanto, na presente pesquisa, são as crianças da primeira faixa etária que tendem a utilizar a variante padrão. É fato que, em ambas as pesquisas, os informantes mais novos tendem a aplicar mais a regra de CN. Sendo assim, é possível inferirmos que essas crianças e pré-adolescentes usam mais a variante padrão seja na escrita ou na fala.

5.3.2 Comparativo no âmbito da variável Sexo

No que diz respeito aos resultados obtidos, não houve relevância para nenhum dos dois fatores, tendo em vista que, na língua falada, o PR manteve-se no nível de neutralidade para o sexo feminino (.550), tendo um percentual de 75%. Já, na língua escrita, a rodada dos dados não gerou os PRs dos fatores da referida variável, mas apenas os percentuais que evidenciam muita proximidade entre o sexo masculino e feminino quanto à aplicação da regra de CN (masculino: 92,5% e feminino: 95%).

Em seu estudo, Fiamengui (2011) apresenta um PR de .65 favorecendo o uso da variante padrão pelo sexo masculino na língua falada, enquanto o sexo feminino, apesar de apresentar um PR maior que o masculino na língua escrita, se mantém muito próximo ao nível de neutralidade (.56). Diante desses resultados, verificamos que não houve um resultado expressamente significativo na língua escrita, uma vez que os resultados aproximam-se da neutralidade.

5.3.3 Comparativo no âmbito da variável Escolaridade

Conforme já mencionado no decorrer deste trabalho, a hipótese de que quanto maior o grau de escolaridade, maior o uso da variante padrão, foi confirmada nos dados produzidos na língua falada (PR: .66 e 86% para o 1º ano do Ensino Médio) e na língua escrita (PR: .94 e 99% para o 3º ano do Ensino Médio). Em geral, essa hipótese vem também sendo atestada em outras pesquisas já realizadas sobre o fenômeno (FIAMENGUI, 2011), o que nos leva a concluir que as escolas brasileiras exercem influência quanto ao uso da variante padrão.

5.3.4 Comparativo no âmbito da variável Tipo de Escola

Ao inserirmos a variável tipo de escola em um estudo sociolinguístico, podemos nos perguntar: o que poderia favorecer mais o uso da variante padrão em um determinado tipo de escola? Visando a uma resposta, verificamos, de início, que os resultados obtidos revelam uma grande proximidade quanto ao uso da variante padrão na língua falada na escola estadual (.58) e particular (.58). Quanto à língua escrita, destaca-se também a escola particular com um PR de .64, o que parece indicar que a prescrição normativa é bem maior na escola particular durante o ensino da língua escrita do que nas escolas públicas. Dizemos aqui que a escola

particular revela um maior incentivo ao uso da variante padrão não quer dizer necessariamente que esteja realizando um ensino puramente normativo.

Quanto ao fato de os resultados da escola estadual terem se aproximado dos resultados da escola particular nos dados orais, pode estar relacionado ao fato de aquela abranger apenas três anos do Ensino Médio, os anos escolares mais altos, ao contrário da escola municipal. Para a testagem dessa hipótese, será necessária, em um momento posterior, o cruzamento das variáveis tipo de escola e escolaridade.

Os resultados apresentados também nos levam à reflexão acerca da realidade socioeconômica de que fazem parte os alunos belo Jardimenses de cada tipo de escola. No que concerne à escola particular, dá-se mais enfoque, por exemplo, à interação do aluno com diferentes culturas e meios de aprendizagem, tomando por base o que foi observado nas respostas das fichas sociais.

Torna-se relevante haja mais pesquisas sociolinguísticas que selecionem esta variável para a análise, a fim de que tenhamos um mapeamento mais amplo do uso da variante padrão e não-padrão referente a um determinado fenômeno linguístico variável no ambiente escolar. Questões deixadas em aberto nesta pesquisa são: (a) é possível que haja uma maior frequência da variante padrão nos textos escritos da escola particular, tomando por base a concepção de língua adotada pelo professor em sala decorrente possivelmente de um ensino baseado exclusivamente na prescrição gramatical? e (b) o trabalho com a variação linguística é mais frequente na escola pública ou na particular e que consequências podem ser verificadas no processo de aprendizagem?

5.3.5 Comparativo no âmbito da variável Classe Gramatical

No que se refere à classe gramatical, verificamos uma assimetria entre a língua falada e a língua escrita, pois foram selecionados diferentes fatores favorecedores da variante padrão: na língua falada, destacam-se os quantificadores (.77 e 76%) e, na língua escrita, os artigos ou demonstrativos (.59 e 94%).

5.3.6 Comparativo no âmbito da variável Posição do Elemento no SN

Após a rodada dos dados de fala no Goldvarb X, não foram gerados os PRs dos fatores que compõem a variável em análise, mas apenas foram obtidos os resultados percentuais que apontam que elementos na 1ª e 2ª posição favorecem o uso da variante

padrão. No que se refere à língua escrita, houve um resultado significativo com um PR de .72 para o uso da variante padrão quando elementos ocupam a primeira posição no SN, ao contrário dos resultados de Fiamengui (2011) que apontam para elementos na segunda posição no SN.

Em seu estudo, a autora verifica que, na língua falada, os elementos antepostos ao núcleo em 2ª posição no SN apresentaram um PR de .87 e, na língua escrita, os pospostos ao núcleo em 2ª posição no SN, um PR de .78. Diante disso, em ambas as modalidades, a 2ª posição é a que mais favorece a regra de aplicação de CN.

5.3.7 Comparativo no âmbito da variável Saliência Fônica

Ao compararmos os resultados obtidos para os fatores condicionantes da variante padrão, há semelhança entre a língua falada e a língua escrita: o fator itens terminados em –R favorece essa variante nas duas modalidades (língua falada: .78 e língua escrita: .96).

5.3.8 Comparativo no âmbito da variável Marcas Precedentes

Enquanto a rodada realizada no trabalho de Fiamengui (2011) considerou o fator ausência de elemento precedente (elemento na 1ª posição) como o mais relevante para o uso da variante padrão (62) na língua falada, a rodada realizada nesta presente pesquisa selecionou como significativa, na modalidade escrita, o fator primeiro elemento precedente sem marca de plural e segundo elemento precedente numeral (.74).

Na língua falada, pelo contrário, nenhum fator foi selecionado como significativo, pois só foram obtidos resultados percentuais. O fator – primeiro elemento precedente com marca de plural e segundo elemento precedente sem marca de plural – mostrou maior aplicação da regra de CN (94%).

Em linhas gerais, os resultados mostram que, apesar de serem encontradas algumas semelhanças entre a língua falada e a língua escrita, existe assimetria entre elas ocasionada possivelmente pela escolha do gênero textual. O gênero redação escolar favoreceu mais a variante padrão do que o gênero entrevista: naquele, havia a possibilidade de planejar e rever o que se escreveu; neste, o planejamento e a produção ocorreram no momento da interação.

Os resultados encontrados suscitam, por sua vez, discussões em torno do trabalho com a variação linguística no ensino, tendo em mente as diversas práticas sociais (gêneros textuais orais e escritos) que se realizam em diferentes contextos de interação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É fato que há uma grande escassez de pesquisas sobre o fenômeno variável da CN no Brasil voltadas à língua escrita e mais ainda à comparação desta com a língua falada dos mesmos informantes. Dentre esses estudos, destaca-se o de Fiamengui (2011) com o qual os resultados de fala e de escrita obtidos neste estudo foram comparados, porém os dados da escrita não os mesmos da língua falada, enquanto nossa pesquisa desenvolveu a comparação entre dados da língua falada e escrita dos mesmos informantes com as mesmas variáveis para ambas as modalidades de uso da língua. Desenvolvendo uma comparação parcial entre os resultados desta pesquisa e os dessa pesquisadora, verificamos que ela não realiza uma distribuição igualitária das variáveis para ambas as modalidades, caracterizando-se como uma lacuna em seu trabalho comparativo. Apesar disso, foi possível realizarmos, na medida do possível, uma comparação que permitisse analisar o fenômeno variável em análise em ambas as modalidades de uso da língua.

Dessa comparação, verificamos que alguns resultados assemelham-se: maior grau de escolarização e menor faixa etária dos informantes favorecem o uso da variante padrão em ambas as modalidades. No entanto, quanto à variável sexo, houve uma diferenciação: Fiamengui (2011) observa que, na língua falada, os homens aplicam mais a regra de CN com um PR de .65 e as mulheres com .32, ao passo que, na língua escrita, o maior PR foi atribuído às mulheres, embora muito próximo ao nível de neutralidade (.56) e os homens com .37. Já, em nossa pesquisa, os resultados apontam uma neutralidade na fala, ao considerarmos que o maior PR é do sexo feminino com .55 e, na escrita, há percentuais muito próximos (masculino: 92,5% e feminino: 95%).

Outra discordância encontrada diz respeito à variável posição do elemento no SN: Fiamengui (2011) apresenta o 2º elemento no SN como fator mais favorecedor da variante padrão em ambas as modalidades, seja antes ou após ao núcleo (escrita: PR .78 (adjetivos antepostos ao núcleo na 2ª posição do SN) e fala: PR .87 (determinantes pospostos ao núcleo na 2ª posição do SN)). No entanto, na presente pesquisa, essa variável não se mostrou significativa na língua falada, ao contrário da língua escrita que revela ser a 1ª posição do elemento no SN a que mais favorece a aplicação da regra de CN com um PR de .72.

Tanto os PRs dos fatores quanto os percentuais apontam para um maior uso da variante padrão na língua escrita do que na língua falada dos alunos da cidade de Belo Jardim-PE, tal como verificado também por Fiamengui (2011). Esse resultado parece decorrer do fato de os informantes se automonitorarem mais quanto ao uso da variante padrão na construção

de suas narrações.

Diante dos resultados obtidos nesta pesquisa, chegamos à constatação de que existe uma assimetria entre a língua falada e a língua escrita, conforme evidenciado pelo comportamento de alguns fatores analisados no capítulo 5 desta dissertação.

Foi de suma importância selecionarmos a variável tipo de escola, pois nos permitiu ampliar a discussão sobre a possível influência das variáveis extralinguísticas no fenômeno linguístico em análise, além de imprimir um aspecto inovador ao estudo que pode vir a proporcionar a geração de novos estudos que passem a contemplá-la nas análises sociolinguísticas.

De acordo com o que foi observado, verificamos que a variação encontrada na língua falada e escrita de alunos belojardinenses é passível de explicação por ser estruturada a partir de fatores condicionantes (linguísticos e extralinguísticos). Tal como ocorre em outras comunidades de fala de outras regiões brasileiras (cf. capítulo 1), na comunidade de fala aqui representada pelos alunos belojardinenses, há fatores que condicionam a aplicação da regra de CN, a saber, por exemplo: 1º elemento do SN e itens terminados em –R com acréscimo de –ES.

Em linhas gerais, o presente trabalho constitui-se como inovador na medida em que proporciona a ampliação de discussões acerca da relação entre fala e escrita, levando em consideração que não existe a supremacia desta sobre aquela a partir do estudo sociolinguístico aqui desenvolvido. E ainda, é possível percebermos que, em meio à heterogeneidade linguística, este estudo traz à tona não só diferenças, mas também semelhanças entre essas duas modalidades de uso da língua.

Através do presente trabalho, esperamos contribuir para a construção do perfil sociolinguístico dos belojardinenses e também com a pesquisa sociolinguística relacionada à CN em ambas as modalidades da língua, correlacionando aspectos linguísticos e sociais. Para trabalhos futuros, pretendemos realizar não só uma análise atomística e não-atomística, como também o cruzamento entre as variáveis, a fim de conseguirmos resultados mais detalhados sobre a aplicação e não-aplicação da regra padrão da CN, limitando-nos não só a cidade de Belo Jardim, mas também a outras cidades e regiões do estado de Pernambuco.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Maria Lúcia C. V. O.; AQUINO, Zilda G. O.; FÁVERO, Leonor Lopes. **Oralidade e escrita: perspectivas para o ensino de língua materna**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2012.
- ANDRADE, Leila Minatti. **Rupturas e contínuos na concordância nominal de número em textos orais de informantes de Tubarão (SC) e São Borja (RS)**. 2003. Dissertação (Mestrado em Ciências da Linguagem) – Universidade do Sul de Santa Catarina, Tubarão, 2003.
- ANTUNES, Irandé. **Aula de português: encontro & interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2001.
- BRAGA, Maria Luiza. **A concordância de número no sintagma nominal no Triângulo Mineiro**. 1997. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro, 1977.
- BRANDÃO, Silvia Figueiredo; VIEIRA, Silvia Rodrigues. Concordância nominal e verbal: contribuições para o debate sobre o estatuto da variação em três variedades urbanas do Português. **Alfa – Revista de Linguística (UNESP Online)**, v. 56, n. 3, p. 1035-1064, 2012.
- _____. Concordância nominal em duas variedades do português: convergências e divergências. **Veredas (UFJF. Online)**, v. 15, n.1, p. 164-178, 2016.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Nós chegemu na escola, e agora?: sociolinguística & educação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.
- _____. **Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004 [Linguagem; 4].
- BRASIL. MEC. **Parâmetros curriculares nacionais**. Brasília: MEC/FNDE, 2000.
- CAMACHO, Roberto Gomes. **Da linguística formal à linguística social**. São Paulo: Parábola: 2013.
- CÂMARA JR. Joaquim Matoso. **Princípios da linguística geral**. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1973.
- CARVALHO, Raimunda Coelho de. **Concordância de número no sintagma nominal, na fala urbana de Rio Branco**. 1997. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1997.
- CEGALLA, Domingos Paschoal. **Novíssima gramática da língua portuguesa**. São Paulo: Nacional, 1998.

COELHO, Izete Lehmkuh et al. **Para conhecer a Sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2015.

CORDANI, L. K. Algumas considerações sobre a inferência estatística. In: MACHADO, N. J.; CUNHA, M. O. (Orgs.). **Linguagem, conhecimento, ação**: ensaios de epistemologia e didática. São Paulo: Escrituras, p. 337-346, 2003.

CHRISTINO, Beatriz; SILVA, Moana de Lima. Concordância verbal e nominal na escrita em português-kaingang/ verbal and nominal agreement in Portuguese-Kaingang texts. **PAPIA Revista Brasileira de Estudos Crioulos e Similares**, v. 22, n. 2, p. 415-428, 2012.

CUNHA, Celso. **Gramática da Língua Portuguesa**. São Paulo: MEC, 1972.

CYANKA, Lucia F. Mendonça. A pedagogia da variação linguística é possível?. In: FARACO, Alberto Moura; ZILLES, Ana Maria Stahl. **Pedagogia da variação linguística**: língua, diversidade e ensino. São Paulo: Parábola Editorial, 2015, p. 31-52.

DIONISIO, Angela Paiva; MARCUSCH, Luiz Antônio. Princípios gerais para o tratamento das relações entre a fala e a escrita. In: DIONISIO, Angela Paiva; MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Fala e escrita**. Belo Horizonte: Autentica, 2005. p. 13-30.

ELIAS, Vanda Maria; KOCH, Ingedore Villaça. **Ler e escrever**: estratégias de produção textual. 2. ed. São Paulo: Contexto 2014.

FARACO, Carlos Alberto; ZILLES, Ana Maria Stahl. **Pedagogia da variação linguística**: língua diversidade e ensino. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

FERNANDES, Marisa. **Concordância nominal na Região Sul**. 1996. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1996.

FIAMENGUI, Ana Helena Rufo. **A marcação de pluralidade no SN na fala e na escrita de adolescentes da região de São José do Rio Preto**. 2011. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, São José de Rio Preto, 2011.

FREITAG, Raquel Meister Ko. Idade: uma variável sociolinguística complexa. **Línguas & Letras**, v. 6, n. 11, p. 105-121, 2005.

FREITAS, Ernani Cesar de; PRODANOV, Cleber Cristiano. **Metodologia do trabalho científico**: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2.ed. Novo Hamburgo: Freevale, 2013.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GUY, Gregory R. As comunidades de fala: fronteiras internas e externas. **Anais da ABRALIN**, 2001.

_____; ZILLES, Ana. **Sociolinguística Quantitativa**: instrumento de análise. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

HOFFNAGEL, Judith; MARCUSCHI, Luiz Antônio. Estratégias de textualização na fala e na escrita. In: DIONISIO, Angela Paiva; MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Fala e escrita**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. p. 85-104.

LABOV, William. **Padrões Sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2008 [1972].

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. **Fundamentos de metodologia científica**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

LEMO, Dayane Moreira. A concordância de número no sintagma nominal na fala dos estudantes da rede pública de ensino de Santo Antonio de Jesus-Ba. **Cadernos do CNLF (CiFEFil)**, v. 14, p. 38-51, 2010.

LIMA, Abel de; SILVA, Adalberto Jordão da. **Belo Jardim**: história, cultura e recursos naturais. 2. ed. Recife: O Autor, 2001.

LOREGIAN-PENKAL, Loremi; RIBEIRO, Vanessa Veis; RIBEIRO, Vanessa. O fator faixa etária e a concordância nominal na linguagem falada na cidade de Irati, PR. **Analecta**, v. 10, n. 1, p. 69-83, 2012.

OLIVEIRA, Luciano Amaral. **Coisas que todo professor de português precisa saber: a teoria na prática**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita**: atividades de retextualização. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

_____. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

_____. Oralidade e letramento como práticas sociais. In: MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Fala e escrita**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. p. 31-56.

MARIANO, Mara Pereira. **O Fenômeno da concordância nominal em redações escolares**. 2013. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

MARTINS, Flávia Santos. Uma abordagem sociolinguística da concordância nominal de número no falar dos habitantes do município amazonense de Benjamin Constant. **Anais do IX Encontro do CELSUL**, Palhoça, SC, 2010.

MOLICA, Maria Cecília. **Da linguagem coloquial à escrita padrão**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2003.

MONTEIRO, José Lemos. **Para Compreender Labov**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2000.

NARO, A. J.; SCHERRE, M. M P. **Origens do Português Brasileiro**. São Paulo: Parábola, 2006.

OLIVEIRA, Luciano Amaral. **Coisas que todo professor de português precisa saber: a teoria na prática**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

PAIVA, Maria da Conceição. A variável gênero/sexo. In: BRAGA, Maria Luiza; MOLLICA, Maria Cecília. **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

PAULA, Aldir Santos de. O trabalho de campo sociolinguístico. In: COSTA, Januacele Francisca et al. **Variação e mudança linguística no estado de Alagoas**. Maceió: EDUFAL, 2011. p. 29-42.

PEREIRA, Cleuzira Custodia. **O apagamento do plural em sintagmas nominais numa comunidade de fala da cidade de Goiás**. 2008. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Uberlândia, Instituto de Letras e Linguística, Uberlândia, 2008.

PERINI, Mário A. **Gramática descritiva do português**. São Paulo: Ática, 1999.

POSSENTI, Sírio. **Por que (não) ensinar gramática na escola**. Campinas-SP: Mercado de Letras, 1996.

SANKOFF, D.; TAGLIAMONTE, S.; SMITH, E. **GoldVarb X: a multivariate analysis application**. 2005. Toronto: Department of Linguistics; Ottawa: Department of Mathematics. Disponível em: <http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/Goldvarb/GV_index.htm#ref>. Acesso em: 10 out. 2015.

SANTOS, Lília Soares Miranda. **Sobre a ausência de concordância nominal no português falado em Pedro Leopoldo-MG: uma abordagem variacionista**. 2010. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal de Minas Gerais, 2010.

SANTOS, Marcos Pereira de. **Importância da Estatística para o desenvolvimento de pesquisas**. 2014. Disponível em: <<http://www.professornews.com.br/component/content/article?id=6041:pesquisas-cientificasde-abordagem-qualiquantitativa-o-impasse-dos-intelectuais>>. Publicado em 08 de Acesso em: 10 maio 2016.

SANTOS, Renata Livia Araújo de; VITÓRIO, Elyne Giselle de Santana Lima Aguiar. Uma rodada no GOLDBARB X. In: COSTA, Januacele Francisca et al. **Variação e mudança linguística no estado de Alagoas**. Maceió: EDUFAL, 2011. p. 43-62.

SCHERRE, Maria Marta Pereira. **Reanálise da concordância nominal em português**. 1988. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras: Rio de Janeiro, 1988. 555p.

_____. NARO, Anthony Julius. Mudanças sem mudança: a concordância de número no português brasileiro. **SCRIPTA**, Belo Horizonte, v.9, n. 18, p. 107-129, 2006.

SEDRINS, Adeilson Pinheiro; SIQUEIRA, Alane Luma Santana; SANTOS, Renata Livia Araújo de. A variação na concordância nominal de número na língua falada no Sertão Pernambucano. In: SÁ, Edmilson José; SEDRINS, Adeilson Pinheiro. **Aspectos descritivos e sócio-históricos da língua falada em Pernambuco**. Recife: Editora da UFRPE, 2015.

TARALLO, F. **A pesquisa sociolingüística**. São Paulo: Ática, 1985.

WEINREICH, Uriel; HERZOG, Marvin; LABOV, William. **Fundamentos Empíricos Para Uma Teoria da Mudança Linguística**. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

ANEXOS

ANEXO 1

**TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

(Para menores de 12 a 18 anos - resolução 466/12)

OBS: Este Termo de Assentimento para o menor de 12 a 18 anos não elimina a necessidade da elaboração de um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido que deve ser assinado pelo responsável ou representante legal do menor.

Convidamos você, após autorização dos seus pais (ou dos responsáveis legais) para participar como voluntário (a) da pesquisa **Variação da concordância nominal em produção oral e escrita de alunos do Ensino Fundamental e Médio de Belo Jardim-PE: assimetria entre fala e escrita?** Esta pesquisa é da responsabilidade do pesquisador Cícero Kleandro Bezerra da Silva, residente na Rua XXXXXXXXXXXX, n. XXX, XXXXXXXX, XXXXXXXX, de CEP XXXXX-XXX, telefone número XXXXX-XXXX e e-mail XXXXXX.XXX, o qual está sob a orientação da Prof^a Dr^a Cláudia Roberta Tavares Silva, telefone número (XX) XXXX-XXXX, e-mail XXXXX.XXX, sendo esses dois os únicos participantes da pesquisa.

Caso este Termo contenha informações que não sejam compreensíveis a você, as dúvidas podem ser tiradas com a pessoa que está fazendo a entrevista e, apenas ao final, quando todos os esclarecimentos forem dados, no caso de concordar em fazer parte do estudo, pedimos que rubrique as folhas e assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma delas será entregue a você para que seus pais ou responsáveis possam guardá-la, e a outra ficará com o pesquisador responsável.

Você será esclarecido (a) sobre qualquer dúvida e estará livre para decidir participar ou recusar-se. Caso não aceite participar, não haverá nenhum problema, desistir é um direito seu. Para participar deste estudo, o responsável por você deverá autorizar e assinar um Termo de Consentimento, podendo retirar esse consentimento ou interromper a sua participação a qualquer momento, sem nenhum prejuízo.

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA:

A pesquisa tem como objetivo desenvolver um estudo comparativo sobre o um tema chamado **concordância nominal** na fala e na escrita de alunos belo-jardinenses do Ensino Fundamental ao Ensino Médio de escolas da rede pública e particular. Para isso, percorreremos as seguintes etapas: (1) conhecer aspectos como idade, sexo e grau de escolaridade relacionados ao fenômeno da concordância nominal na fala e na escrita de alunos belo-jardinenses; (2) analisar fatores linguísticos que favorecem ou não a aplicação da regra de concordância nominal na fala e na escrita desses alunos; (3) verificar se o maior grau de escolarização, por exemplo, contribui para o aumento de aplicação da regra de concordância nominal; e (4) comparar os resultados obtidos com os de outras pesquisas, tendo em mente a construção das características de uso da língua dos educandos belo-jardinenses.

A coleta de dados ocorrerá por meio de uma produção de texto narrativo e entrevista de 15 minutos; tais procedimentos ocorrerão na Escola de Referência em Ensino Médio (EREM) João Monteiro de Melo, na Escola Municipal Professor Antenor Vieira de Mello e no Instituto Educacional Êxito. Para isso, serão necessárias três visitas do pesquisador à sala de aula dos estudantes envolvidos na pesquisa.

A coleta dos dados dessa pesquisa – os textos narrativos e a gravação das entrevistas – está programada para o segundo semestre de 2015 (início: 28 de setembro de 2015; término: 09 de outubro de 2015), sendo esse o período de participação dos estudantes das escolas citadas acima. Pode ser causado no informante algum desconforto emocional devido à timidez frente à gravação sonora da entrevista feita a ele. Para diminuir esse risco, o pesquisador buscará deixar o informante o mais tranquilo possível, informando-o acerca dos benefícios sociais da pesquisa realizada em sua comunidade de fala.

A investigação científica aqui proposta visa obter os benefícios de (1) contribuir com a descrição do português falado no estado de Pernambuco, o que enriquecerá o campo de estudos da linguagem não apenas a nível nacional ou internacional, mas também local, concedendo uma visão mais clara sobre a escrita e a fala dos alunos do município de Belo Jardim, nas redes privada, municipal e estadual, e, consequentemente, (2) abrir espaço para sondagem e melhoria na qualidade de ensino nesse município.

As informações desta pesquisa serão confidenciais e serão divulgadas apenas em eventos ou publicações científicas, não havendo identificação dos voluntários, a não ser entre os responsáveis pelo estudo, sendo assegurado o sigilo sobre a sua participação. Os dados coletados nesta pesquisa (textos narrativos produzidos pelos alunos e gravações de entrevistas) ficarão armazenados em pastas de arquivo e computador pessoal, sob a responsabilidade do pesquisador, no endereço acima informado, pelo período de, aproximadamente, cinco anos.

Nem você e nem seus pais (ou responsáveis legais) pagarão nada para você participar desta pesquisa, também não receberão nenhum pagamento para a sua participação, pois é voluntária. Se houver necessidade, as despesas (deslocamento e alimentação) para a sua participação e de seus pais serão assumidas ou ressarcidas pelos pesquisadores. Fica também garantida indenização em casos de danos, comprovadamente decorrentes da sua participação na pesquisa, conforme decisão judicial ou extra-judicial.

Este documento passou pela aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos da UFPE que está no endereço: **Avenida das Engenharias s/n – Prédio do CCS - 1º Andar, sala 4 - Cidade Universitária, Recife-PE, CEP: 50740-600, Tel.: (81) 2126.8588, e-mail: cepccs@ufpe.br.**

Cícero Kleandro Bezerra da Silva (Pesquisador)

ANEXO 2

**ASSENTIMENTO DO(A) MENOR DE IDADE EM PARTICIPAR COMO
VOLUNTÁRIO(A)**

Eu, _____, portador (a) do documento de Identidade _____ (se já tiver documento), abaixo assinado, concordo em participar do estudo **Variação da concordância nominal em produção oral e escrita de alunos do Ensino Fundamental e Médio de Belo Jardim-PE: assimetria entre fala e escrita?**, como voluntário(a). Fui informado (a) e esclarecido (a) pelo pesquisador sobre a pesquisa, o que vai ser feito, assim como os possíveis riscos e benefícios que podem acontecer com a minha participação. Foi-me garantido que posso desistir de participar a qualquer momento, sem que eu ou meus pais precisemos pagar nada.

Local e data: _____

Assinatura do (a) menor: _____

Presenciamos a solicitação de assentimento, os esclarecimentos sobre a pesquisa e o aceite do voluntário em participar (02 testemunhas não ligadas à equipe de pesquisadores):

Nome:	Nome:
Assinatura:	Assinatura:

ANEXO 3



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO
(para responsável legal pelo menor de 18 anos - Resolução 466/12)

Solicitamos a sua autorização para convidar o (a) seu/sua filho (a) {ou menor que está sob sua responsabilidade} para participar, como voluntário (a), da pesquisa **Variação da concordância nominal em produção oral e escrita de alunos do Ensino Fundamental e Médio de Belo Jardim-PE: assimetria entre fala e escrita?** Esta pesquisa está sob a responsabilidade do pesquisador Cícero Kleandro Bezerra da Silva, residente na Rua XXXXXXXXXXXXXXXX, de CEP XXXX-XXX, telefone número (XX) XXXX-XXX e e-mail XXXXXXXXXXXX.XXX, e está sob a orientação da Prof^a Dr^a Cláudia Roberta Tavares Silva, telefone número (XX) XXX-XXX, e-mail XXXXXX.XXX, sendo esses dois os únicos participantes da pesquisa.

Caso este Termo de Consentimento contenha informações que não lhe sejam compreensíveis, as dúvidas podem ser tiradas com a pessoa que está fazendo a entrevista e, apenas ao final, quando todos os esclarecimentos forem dados, no caso de concordar que o (a) menor faça parte do estudo, pedimos que rubriche as folhas e assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma delas lhe será entregue e a outra ficará com o pesquisador responsável. Caso não concorde, não haverá penalização nem para o (a) Sr.(a) nem para o/a voluntário/a que está sob sua responsabilidade, bem como será possível ao/à Sr. (a) retirar o consentimento a qualquer momento, também sem qualquer penalidade.

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA:

A pesquisa objetiva desenvolver um estudo comparativo sobre o fenômeno variável da concordância nominal na fala e na escrita de alunos belo-jardinenses do Ensino Fundamental ao Ensino Médio de escolas da rede pública e particular, e, para tal, pretende-se percorrer as seguintes etapas: (i) conhecer as variáveis (extra)linguísticas relacionadas ao fenômeno da concordância nominal na fala e na escrita de alunos belo-jardinenses; (ii) analisar fatores linguísticos que favorecem ou não a aplicação da regra de concordância nominal na fala e na escrita desses alunos; (iii) verificar se fatores, como maior grau escolarização, idade e sexo contribuem para o aumento de aplicação da regra de concordância nominal; e (iv) comparar os resultados obtidos com os de outras pesquisas no campo de estudo da linguagem, tendo em mente a construção das características de uso da língua dos educandos belo-jardinenses. A coleta de dados ocorrerá por meio de uma produção de texto narrativo e entrevista com os estudantes, em cerca de 15 minutos; tais procedimentos ocorrerão na Escola de Referência em Ensino Médio (EREM) João Monteiro de Melo, na Escola Municipal Professor Antenor Vieira de Mello e na Escola Monsenhor Francisco de Assis (Colégio Diocesano). Para isso, serão necessárias três visitas do pesquisador à sala de aula dos estudantes envolvidos na pesquisa.

A coleta dos dados dessa pesquisa – os textos narrativos e a gravação das entrevistas – está programada para o segundo semestre de 2015 (início: 28 de setembro de 2015; término: 09 de outubro de 2015), sendo esse o período de participação dos estudantes das escolas citadas acima. Pode ser causado ao/a participante algum desconforto emocional devido à timidez frente à gravação sonora da entrevista feita a ele. Para dirimir esse risco, o pesquisador buscará deixar o/a participante o mais tranquilo possível, informando-o acerca dos benefícios sociais da pesquisa realizada em sua comunidade de fala.

A investigação científica aqui proposta visa obter os benefícios de (i) contribuir com o a descrição do português falado no estado de Pernambuco, o que enriquecerá o campo de estudos da linguagem não apenas a nível nacional ou internacional, mas também local, concedendo uma visão panorâmica da escrita e fala dos alunos do município de Belo Jardim, nas redes privada, municipal e estadual, e, conseqüentemente, (ii) abrir espaço para sondagem e, conseqüentemente, melhoria na qualidade de ensino nesse município.

As informações desta pesquisa serão confidenciais e serão divulgadas apenas em eventos ou publicações científicas, não havendo identificação dos voluntários, a não ser entre os responsáveis pelo estudo, sendo assegurado o sigilo sobre a participação do/a voluntário (a). Os dados coletados nesta pesquisa (textos narrativos produzidos pelos alunos e gravações de entrevistas) ficarão armazenados em pastas de arquivo e computador pessoal, sob a responsabilidade do pesquisador, no endereço acima informado, pelo período de, aproximadamente, cinco anos.

O (a) senhor (a) não pagará nada e nem receberá nenhum pagamento para ele/ela participar desta pesquisa, pois deve ser de forma voluntária, mas fica também garantida a indenização em casos de danos, comprovadamente decorrentes da participação dele/a na pesquisa, conforme decisão judicial ou extra-judicial. Se houver necessidade, as despesas para a participação serão assumidas pelos pesquisadores (ressarcimento com transporte e alimentação).

Em caso de dúvidas relacionadas aos aspectos éticos deste estudo, o(a) senhor(a) poderá consultar o Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos da UFPE no endereço: **Avenida das Engenharias s/n – Prédio do CCS - 1º Andar, sala 4 - Cidade Universitária, Recife-PE, CEP: 50740-600, Tel.: (81) 2126.8588, e-mail: cepccs@ufpe.br.**

Cícero Kleandro Bezerra da Silva (Pesquisador)

ANEXO 4

**CONSENTIMENTO DO RESPONSÁVEL PARA A PARTICIPAÇÃO DO/A
VOLUNTÁRIO**

Eu, _____,
CPF _____, abaixo assinado, responsável por _____, autorizo a sua participação no estudo

Variação da concordância nominal em produção oral e escrita de alunos do Ensino Fundamental e Médio de Belo Jardim-PE: assimetria entre fala e escrita?, como voluntário(a). Fui devidamente informado (a) e esclarecido (a) pelo pesquisador sobre a pesquisa, os procedimentos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes da participação dele (a). Foi-me garantido que posso retirar o meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade (ou interrupção de seu acompanhamento/ sua assistência) para mim ou para o (a) menor em questão.

Local e data: _____

Assinatura do (a) responsável legal: _____

Presenciamos a solicitação de consentimento, os esclarecimentos sobre a pesquisa e o aceite do sujeito em participar (02 testemunhas não ligadas à equipe de pesquisadores):

Nome:	Nome:
Assinatura:	Assinatura:

ANEXO 5



PROGRAMA DE
PÓS-GRADUAÇÃO
EM LETRAS



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

(para maiores de 18 anos ou emancipados - Resolução 466/12)

Convidamos o(a) Sr.(a) para participar, como voluntário (a), da pesquisa **Variação da concordância nominal em produção oral e escrita de alunos do Ensino Fundamental e Médio de Belo Jardim-PE: assimetria entre fala e escrita?** Esta pesquisa está sob a responsabilidade do pesquisador Cícero Kleandro Bezerra da Silva, residente na Rua XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX, de CEP XXXXX-XXXX, telefone número (XX) XXXX-XXXX e e-mail XXXXXXXX.XXX e está sob a orientação da Profª Drª Cláudia Roberta Tavares Silva, telefone número (XX) XXXXX-XXXX, e-mail XXXXXXXX.XXX, sendo esses dois os únicos participantes da pesquisa.

Caso este Termo de Consentimento contenha informações que não lhe sejam compreensíveis, as dúvidas podem ser tiradas com a pessoa que está fazendo a entrevista e, apenas ao final, quando todos os esclarecimentos forem dados, no caso de concordar com a realização do estudo, pedimos que rubrique as folhas e assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma delas lhe será entregue e a outra ficará com o pesquisador responsável. Caso não concorde, não haverá penalização, bem como será possível ao/à Sr.(a) retirar o consentimento a qualquer momento, também sem qualquer penalidade.

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA:

A pesquisa objetiva desenvolver um estudo comparativo sobre o fenômeno variável da concordância nominal na fala e na escrita de alunos belo-jardinenses do Ensino Fundamental ao Ensino Médio de escolas da rede pública e particular, e, para tal, pretende-se percorrer as seguintes etapas: (i) conhecer as variáveis (extra) linguísticas relacionadas ao fenômeno da concordância nominal na fala e na escrita de alunos belo-jardinenses; (ii) analisar fatores linguísticos que favorecem ou não a aplicação da regra de concordância nominal na fala e na escrita desses alunos; (iii) verificar se fatores extralinguísticos, como maior grau escolarização, contribuem para o aumento de aplicação da regra de concordância nominal; e (iv) comparar os resultados obtidos com os de outras pesquisas no campo da Sociolinguística Variacionista, tendo em mente a construção do perfil sociolinguístico dos educandos belo-jardinenses. A coleta de dados ocorrerá por meio de uma produção de texto narrativo e entrevista de 15 minutos; tais procedimentos ocorrerão no Colégio Diocesano Monsenhor Francisco de Assis Neves, na Escola de Referência em Ensino Médio (EREM) João Monteiro de Melo e na Escola Municipal Professor Antenor Vieira de Mello. Para isso, serão necessárias três visitas do pesquisador à sala de aula dos estudantes envolvidos na pesquisa.

A coleta dos dados dessa pesquisa – os textos narrativos e a gravação das entrevistas – está programada para o segundo semestre de 2015 (início: 28 de setembro de 2015; término: 09 de outubro de 2015), sendo esse o período de participação dos estudantes das escolas citadas acima. Pode ser causado no informante algum desconforto emocional devido à timidez frente à gravação sonora da entrevista feita a ele. Para dirimir esse risco, o pesquisador buscará deixar o informante o mais tranquilo possível, informando-o acerca dos benefícios sociais da pesquisa realizada em sua comunidade de fala.

A investigação científica aqui proposta visa obter os benefícios de (i) contribuir com o mapeamento sociolinguístico do estado de Pernambuco, o que enriquecerá o campo de estudos da linguagem não apenas a nível nacional ou internacional, mas também local, concedendo uma visão panorâmica da escrita e fala dos discentes do município de Belo Jardim, nas redes privada, municipal e estadual, e, consequentemente, (ii) abrir espaço para sondagem e, consequentemente, melhoria na qualidade de ensino nesse município.

As informações desta pesquisa serão confidenciais e serão divulgadas apenas em eventos ou publicações científicas, não havendo identificação dos voluntários, a não ser entre os responsáveis pelo estudo, sendo assegurado o sigilo sobre a participação do/a voluntário(a). Os dados coletados nesta pesquisa (textos narrativos produzidos pelos alunos e gravações de entrevistas) ficarão armazenados em pastas de arquivo e computador pessoal, sob a responsabilidade do pesquisador, no endereço acima informado, pelo período de, aproximadamente, cinco anos.

O(a) senhor(a) não pagará nada e nem receberá nenhum pagamento para participar desta pesquisa, pois deve ser de forma voluntária, mas fica também garantida a indenização em casos de danos, comprovadamente decorrentes da sua participação na pesquisa, conforme decisão judicial ou extra-judicial. Se houver necessidade, as despesas para a participação serão assumidas pelos pesquisadores (ressarcimento com transporte e alimentação).

Em caso de dúvidas relacionadas aos aspectos éticos deste estudo, o(a) senhor(a) poderá consultar o Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos da UFPE no endereço: **Avenida das Engenharias s/n – Prédio do CCS - 1º Andar, sala 4 - Cidade Universitária, Recife-PE, CEP: 50740-600, Tel.: (81) 2126.8588, e-mail: cepccs@ufpe.br.**

Cícero Kleandro Bezerra da Silva (Pesquisador)

ANEXO 6

CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO VOLUNTÁRIO (A)

Eu, _____,
CPF _____,

_____, abaixo assinado, concordo em participar do estudo **Variação da concordância nominal em produção oral e escrita de alunos do Ensino Fundamental e Médio de Belo Jardim-PE: assimetria entre fala e escrita?**, como voluntário(a). Fui devidamente informado (a) e esclarecido (a) pelo pesquisador sobre a pesquisa, os procedimentos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes da minha participação. Foi-me garantido que posso retirar o meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade (ou interrupção de meu acompanhamento/assistência/tratamento) para mim.

Local e data: _____

Assinatura do participante: _____

Presenciamos a solicitação de consentimento, os esclarecimentos sobre a pesquisa e o aceite do sujeito em participar (02 testemunhas não ligadas à equipe de pesquisadores):

Nome:	Nome:
Assinatura:	Assinatura:

APÊNDICES

APÊNDICE 1

MODELO DE ESTÓRIA PARA ALUNOS DO 4º E 5º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL I.

(Quando for aplicar essa estória, apague este enunciado em vermelho)

Se quiser, pode inserir mais linhas

ALUNO(A): _____ ESCOLA: _____ TIPO DE ESCOLA: () Estadual () Municipal () Particular ANO QUE CURSA: ____ () Ensino Fundamental I () Ensino Fundamental II () Ensino Médio IDADE DO(A) ALUNO(A): _____

Leia a estória e continue o texto:

Esta é a família Splash. Todos são super-heróis. Tom Splash, conhecido como o senhor Zumpt, é casado com Maria Splash que é a Mulher-Poderosa. Eles viviam escondidos num lugar muito distante. Os dois tiveram três filhos com superpoderes. A linda filha deles se chama Lílian. Ela sabe voar, tem um belo par de asas e parece um anjo. O filho mais velho que se chama Horácio é muito curioso e adora sair por aí usando sua visão de raios-X e seu nariz que consegue cheirar as coisas que estão muito longe. O outro filho mais novo é um bebê chamado Arthur que pode movimentar o que quiser com a força da mente, mas ainda não sabe como controlar esse poder. Ele faz as coisas voarem descontroladamente.

Depois de muitos anos escondidos, os pais com seus três filhos decidiram passar as férias no Brasil como pessoas comuns. Durante um passeio, aconteceu uma coisa incrível:

APÊNDICE 2

MODELO DE ESTÓRIA PARA ALUNOS DO 6º AO 9º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL II E DO 1º AO 3º ANO DO ENSINO MÉDIO

ALUNO(A): _____

ESCOLA: _____

TIPO DE ESCOLA: () Estadual () Municipal () Particular

ANO QUE CURSA: () Ensino Fundamental I () Ensino Fundamental II () Ensino Médio

IDADE DO(A) ALUNO(A): _____

Leia a estória e continue o texto:

Esta é a família Splash. Aparentemente, uma família como qualquer outra, mas todos são super-heróis. Tom Splash, conhecido como o Sr. Zumpt, é casado com Laila Splash, a Mulher-Poderosa. Eles viviam escondidos em uma grande casa nas colinas que ficava nos Estados Unidos. Os dois tiveram três filhos com superpoderes. Lillian é a linda filha do casal e tem a capacidade de voar graças a um belo par de asas que lhe dão uma aparência de anjo. Horácio, o filho mais velho, é muito curioso e adora bisbilhotar com a sua visão de raios-X e um olfato que capta cheiros a milhares de quilômetros de distância. Arthur, o bebê da família, pode movimentar o que quiser com a força da mente, mas ainda não sabe como controlar esse poder. Por isso, faz as coisas ao seu redor voarem descontroladamente. Depois de muitos anos vivendo nos Estados Unidos, decidiram passar as férias no Brasil como pessoas comuns. Já estavam no país há alguns dias, quando, durante um passeio, aconteceu uma coisa incrível:

APÊNDICE 3



UNIVERSIDADE
FEDERAL
DE PERNAMBUCO

FICHA SOCIAL

INFORMANTE: _____ ESCOLA: _____ TIPO DE ESCOLA: () Estadual () Municipal () Particular ANO QUE CURSA: ____ () Ensino Fundamental I () Ensino Fundamental II () Ensino Médio IDADE DO(A) ALUNO(A): _____ SEXO: () Masculino () Feminino
--

1 Dados do pai:

Idade: _____
 Nível de Escolaridade: _____
 Profissão: _____
 Horário de trabalho: _____
 Religião: _____

2 Dados da mãe:

Idade: _____
 Nível de Escolaridade: _____
 Profissão: _____
 Horário de trabalho: _____
 Religião: _____

3 Situação habitacional

3.1 reside em moradia:

- () própria
- () alugada
- () financiada
- () cedida
- () outro

4 Outras informações

4.1 Assinale o tipo de programa de TV preferido:

- () desenho animado
- () novela
- () telejornal
- () filmes internacionais
- () Entretenimento
- () filmes nacionais

4.2 Você costuma viajar para outras cidades ou estados? Se costuma, diga quais são.

4.3 Há quanto tempo, você mora em Belo Jardim-PE?

4.4 Você já morou fora de Belo Jardim? A quanto tempo e em que lugar?

4.5 Você prefere amizade com:

() crianças () adolescentes () jovens () adultos () idosos

4.6 Você é interessado por leitura?

() sim () não

Se sim, que tipo de leitura?

4.7 Qual o meio de comunicação usado por você?

() rádio

() jornal

() revista

() TV

() internet

() outro

() nenhum

4.8 Você costuma assistir telejornal?

() sim

() não

Se sim, com que frequência?

Qual jornal?

Em que período do dia?

4.9 Você sempre estudou em escola pública?

() sim

() não

Se não, quais as séries que você fez na escola pública e quais as séries que você fez na escola particular?

4.10 Você frequenta algum curso de língua estrangeira?

() sim

() não

4.11 Qual a sua atividade de lazer?

4.12 Você costuma discutir sobre assuntos da atualidade com outras pessoas?

() sim

() não

APÊNDICE 4



Entrevista com alunos de textos selecionados ***4º e 5º anos do Ensino Fundamental***

Perguntas

- 1- Qual seu programa favorito de televisão? Comente o que aconteceu no último episódio.
- 2- Com quem você mora? Descreva as características físicas e comportamentais das referidas pessoas.
- 3- Como é a sua escola?
- 4- De qual disciplina você mais gosta e por quê?
- 5- Qual é sua brincadeira preferida? Explique como brinca-se.
- 6- Lembra do último passeio que você fez? Conte como foi.
- 7- Qual a história mais bonita que você já ouviu? Conte.
- 8- Fale sobre a rua onde você mora.
- 9- Conte o que você costuma fazer nos finais de semana.
- 10- Lembre o nome de 2 animais e fale tudo o que você sabe sobre eles.
- 11- Se existisse vida em outro planeta, como você acha que seriam os alienígenas e o mundo deles?

APÊNDICE 5



Entrevista com alunos de textos selecionados 6º e 9º anos do Ensino Fundamental

Perguntas

- 1- Qual seu filme favorito ? Conte o que acontece no filme.
- 2- Com quem você mora? Descreva as características físicas e comportamentais das referidas pessoas.
- 3- Como é a sua escola?
- 4- De qual disciplina você mais gosta e por quê?
- 5- Quais são os maiores problemas de sua cidade, como poderia resolvê-los .
- 6- Lembra do último passeio que você fez? Conte como foi.
- 7- Qual é seu estilo musical? Fale sobre sua banda ou cantor (a) preferido (a).
- 8- Fale sobre a rua onde você mora.
- 9- Conte o que você costuma fazer nos finais de semana.
- 10- Lembre o nome de 2 artistas, além do citado anteriormente e fale tudo o que você sabe sobre eles.
- 11- Lembre de um momento alegre que você vivenciou. Conte como foi.

APÊNDICE 6



Entrevista com alunos de textos selecionados *1º e 3º anos do Ensino Médio*

Perguntas

- 1- Qual profissão você pretende exercer, como planeja conquistá-la?
- 2- Você acha que a maconha deveria ser legalizada? Por que?
- 3- Cite um livro que você já leu e narre o que acontece na história do mesmo.
- 4- Qual é seu estilo musical? Fale sobre sua banda ou cantor (a) preferido (a).
- 5- Dê o conceito e a diferença entre amor e paixão.
- 6- Se tivesse muito dinheiro, o que faria?
- 7- Para você o que é desonestidade?
- 8- Se pudesse, o que melhoraria no mundo?
- 9- O estudo é importante? Por quê?
- 10- O que você entende por preconceito? Comente casos do cotidiano.
- 11- Você tem esperanças de conseguir emprego quando terminar o Ensino Médio? Comente.